

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA E COGNIÇÃO**

Ana Claudia de Almeida Pfaffenseller

**O “EU” NO CONTEMPORÂNEO: NARRATIVAS DE SI NA REDE SOCIAL  
FACEBOOK**

Santa Cruz do Sul

2016

Ana Claudia de Almeida Pfaffenseller

**O “EU” NO CONTEMPORÂNEO: NARRATIVAS DE SI NA REDE SOCIAL  
FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado (PPGL), Área de Concentração em Processos Narrativos, Comunicacionais e Poéticos da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Quatrin Piccinin  
Coorientadora: Profa. Dra. Nize Maria Campos Pellanda

Santa Cruz do Sul

2016

Ana Claudia de Almeida Pfaffenseller

**O “EU” NO CONTEMPORÂNEO: NARRATIVAS DE SI NA REDE SOCIAL  
FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado (PPGL), Área de Concentração em Processos Narrativos, Comunicacionais e Poéticos da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Dra. Fabiana Quatrin Piccinin  
Professora Orientadora – UNISC

Dra. Nize Maria Campos Pellanda  
Professora Coorientadora – UNISC

Dra. Eunice Terezinha Piazza Gai  
Professora Examinadora – UNISC

Dr. Alex Primo  
Professor Examinador - UFRGS

Santa Cruz do Sul

2016

## AGRADECIMENTOS

À UNISC – em especial à professora Carmen Lúcia –, pelas oportunidades recebidas, as quais agarrei com vontade todas que pude ao longo desta caminhada, pela bolsa BIPSS. Muito obrigada!

Às minhas orientadoras, professora Fabiana e professora Nize, pela paciência, atenção e dedicação destinada ao projeto e, sobretudo, à minha pessoa. Obrigada pelos imensuráveis ensinamentos!

Ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da UNISC – especialmente à professora Eunice, grande referência, e à Luiza, secretária do curso –, por todo acolhimento, conhecimento transdisciplinar e visão de mundo que me proporcionou.

À professora Ana Claudia Munari, por ter me oportunizado vivenciar a experiência do estágio docência.

Ao professor Alex Primo, pela generosidade e disponibilidade em aceitar fazer parte da minha banca.

Ao Ismael, amor companheiro de todas as horas, cúmplice e incentivador. Obrigada!

Ao meu pai Claudio e, especialmente à minha mãe Zeni, orgulho maior, por acreditar em mim e sempre ter uma palavra de apoio e estímulo. Minha eterna gratidão!

Aos colegas de Mestrado, em especial à Marilane. Obrigada pelo ombro amigo!

À Caroline, por todo auxílio do dia a dia, coleguismo e amizade. À Márcia, pela ajuda com o gráfico 01. À Alessandra, pela escuta. Minha gratidão!

A todos que, nessa jornada, estiveram, de uma forma ou de outra, enredados no meu caminho. *Namastê!*

“Eu confessarei tudo o que importar à minha história. Montaigne escreveu de si: *ce ne sont pas mes gestes que j'ecris; c'est moi, c'est mon essence*. Ora, há só um modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem e o mal. Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convidando à construção ou reconstrução de mim mesmo.”

(MACHADO DE ASSIS, em Dom Casmurro)

## RESUMO

As redes sociais da web estão arraigadas na vida de um número muito grande de sujeitos na atualidade. Estes estão cada vez mais conectados, especialmente no *Facebook*, que representa o maior e mais acessado site no que se refere às redes sociais do contemporâneo. Se a modernidade almejava a beleza, a limpeza e a ordem, hoje vivemos uma época de transição, que aponta para um tempo em que, conforme Bauman (2007), passamos da fase “sólida” para a fase “líquida”. Inegável é que o mundo está se transformando e, nesta fatia de tempo, cada vez mais convivemos com tecnologias conectadas à Internet – esta, que proporcionou diversas mudanças para a sociedade. No presente trabalho, estudei as narrativas de si que emergem do *Facebook*, visto que toda a rede é baseada na figura do indivíduo. E são as narrativas de si, do “eu”, ou “autonarrativas” encontradas nas postagens de nove sujeitos voluntários, usuários do *Facebook*, que foram observadas, no período de quatro meses, no decorrer do presente estudo. O intuito de tal observação, ou seja, da pesquisa, foi buscar compreender como as narrativas do “eu” insurgem na rede social *Facebook*, quais as características dessas autonarrativas, o que os sujeitos escrevem sobre si, quais as temáticas que emergem das autonarrativas, se tais narrativas, especialmente as que se referem a temas do foro íntimo, são uma maneira de os indivíduos conquistarem visibilidade e se inscreverem no mundo midiático, bem como se são uma forma de construção autopoietica dos sujeitos. Sendo assim, após a caminhada teórico-metodológica, cheguei a algumas considerações finais, a mais importante delas foi a de que estudar as narrativas, principalmente no tempo das tecnologias comunicacionais contemporâneas, é entender, em última análise, o processo de existência.

Palavras-chave: Narrativa; Contemporâneo; Eu; Redes Sociais; *Facebook*.

## ABSTRACT

The social networks are embedded in the life of a lot of subjects. These subjects are increasingly connected, especially on Facebook, the largest and most visited site of social networks of the contemporary times. If modernity aspired for beauty, cleanliness and order, today, we live an age of transition, a time when, according to Bauman (2007), we passed from "solid" phase to the "liquid" phase. Undeniable is that the world is changing, and in this slice of time, increasingly we live with technologies connected to the Internet - this, which provided a lot of changes to society. In this work, I studied the self-narratives that emerging from Facebook, since the entire network is based on the individual figure. And are the narratives of the self, narratives of the "I" or "self-narratives" found in the posts of nine volunteer subjects, Facebook users, whom were observed during the period of four months, in the course of this study. The purpose of this observation, i.e., of the research, was to try to understand how the narratives of the self appear in the social network Facebook, which features of these self-narratives, what the subjects write about thyself, what the themes that emerge from self-narratives, if these narratives, especially those more intimate, are a way for subject to get visibility and to inscribe in the mediatized world, as well if these are a form of autopoietic construction of subjects. Thus, after the theoretical and methodological walk, I come to some final considerations, the most important was that studying the narratives, especially in time of contemporary communication technologies, is to understand, ultimately, the process of existence.

Keywords: Narrative; Contemporary times; I; Social Network; Facebook.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Temáticas Emergentes	66
Gráfico 02	Padrões de repetições – Atividades laborais	67
Gráfico 03	Padrões de repetições – Cultura	67
Gráfico 04	Padrões de repetições – Diversos	68
Gráfico 05	Padrões de repetições – Estado de ânimo	68
Gráfico 06	Padrões de repetições – Propaganda de si	69
Gráfico 07	Padrões de repetições – Relacionamentos	69
Gráfico 08	Padrões de repetições – Reflexões	70



## LISTA DE ABREVIATURAS

PR	Padrão de Repetição
PsRs	Padrões de Repetições
S	Sujeito
S1	Sujeito 1
S2	Sujeito 2
S3	Sujeito 3
S4	Sujeito 4
S5	Sujeito 5
S6	Sujeito 6
S7	Sujeito 7
S8	Sujeito 8
S9	Sujeito 9
Sic	<i>Sic erat scriptum</i> , ou tal qual foi escrito
TE	Temática Emergente
TsEs	Temáticas Emergentes

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2</b>	<b>A NARRATIVA E O ESTADO DA ARTE</b>	14
2.1	A narrativa de si	19
2.2	Desdobramentos essenciais do “eu”	25
2.3	O sujeito e a narrativa	27
2.4	Narrativas de si e montagens do “eu”	31
<b>3</b>	<b>O “EU” QUE NARRA NO CONTEMPORÂNEO</b>	37
3.1	O tempo presente: em que momento narrativo estamos?	42
3.2	A narrativa e o <i>Facebook</i> : rede e mídia social	45
3.3	Da intimidade à plateia digital	50
3.4	Redes sociais e a questão da visibilidade e do narcisismo	54
<b>4</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS E O TRATAMENTO DAS EMERGÊNCIAS</b>	61
4.1	Do tratamento das emergências quantitativas	64
4.1.1	Dos números	64
4.1.2	Das observações gerais quantitativas	70
4.2	Do tratamento das emergências qualitativas	71
4.2.1	Do tratamento da TE - Relacionamentos	72
4.2.2	Do tratamento da TE - Reflexões	76
4.2.3	Do tratamento da TE - Estado de ânimo	81
4.2.4	Do tratamento da TE - Cultura	85
4.2.5	Do tratamento da TE - Atividades laborais	89
4.2.6	Do tratamento da TE - Alimentação	93
4.2.7	Do tratamento da TE - Propaganda de si	95
4.2.8	Do tratamento da TE - Diversos	99
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	102
	<b>REFERÊNCIAS</b>	108
	<b>ANEXOS</b>	
	ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	116
	ANEXO B – Tabulação das emergências	118
	ANEXO C – Tabulação das informações extras	119

## 1 INTRODUÇÃO

É inegável que as redes sociais da web estão, definitivamente, presentes na vida de um número muito grande de indivíduos, cada vez mais conectados, especialmente no *Facebook*<sup>1</sup>, que representa, hoje, o maior e mais acessado site, no que se refere às redes sociais, de todos os tempos. As redes sociais, por esse motivo, são, portanto, ambientes muito importantes enquanto lugares de emergência de novos comportamentos e narrativas. Segundo Sardá (2015), não é de surpreender, desta forma, que sites como *Facebook* tenham se tornado ambientes favoráveis para a observação de práticas comunicacionais e sociológicas na contemporaneidade.

Assim, juntando-me aos 1,4 bilhão de usuários do *Facebook*, me enredei nesse universo dado o fato que sempre gostei de acessar a rede social para olhar e ler as novidades, avistar o que os outros estavam dizendo ou fazendo, tornando-me uma observadora das narrativas do “eu”. Contudo, com o tempo, algumas postagens começaram a me intrigar, e, mais do que isso, a me perturbar, porque mostravam outros “eus” diferentes do meu “eu” em exposição na rede. Observava pessoas explícitas em suas intimidades, supostamente alegres, amadas, com muitas viagens, amigos, família unida, enquanto, por outro lado, também via pessoas indicando suas tristezas em desabafos e críticas bastante profundas e íntimas. Isso fez com que eu refletisse sobre os outros (e suas narrativas) e, sobretudo, sobre minha própria existência. Assim, minha perturbação inicial passou a se direcionar para o significado/sentido científico que poderia ter.

Em um primeiro momento, estruturei o trabalho discorrendo no primeiro capítulo, chamado “A narrativa e o estado da arte”, sobre os conceitos abrangentes do que é a narrativa, no sentido de, de uma forma geral, entender desde quando existe e qual a sua finalidade. Busquei compreender ainda os conceitos do que seriam as autonarrativas, narrativas de si, ou narrativas do “eu” (uso as três nomenclaturas), trouxe reflexões acerca do “eu”, pelo viés de ser, o indivíduo, o “eu”, um sujeito em construção, o que faz sentido contextualizando com o que Freud (2010) diz, de que o “eu” não é nato no indivíduo, ele é inato, tem que ser

---

<sup>1</sup> <http://www.facebook.com.br>

desenvolvido. E também tratei dos conceitos de indivíduo, identidade, individualidade e individualismo.

O segundo capítulo, nomeado “O ‘eu’ que narra no contemporâneo”, traz a questão da narrativa no contemporâneo, quando busquei entender em que tempo vivemos atualmente, sendo que discorro, a partir de Benjamin, para compreender, em um tempo de fulgor das redes sociais, as narrativas que emergem neste meio, no caso no *Facebook*. Também abordei aqui os conceitos de público e privado, de visibilidade e de narcisismo, especialmente no que se refere às redes sociais.

A partir da multiplicidade de informações, das hipóteses, concomitantemente à pesquisa bibliográfica e, após as observações exploratórias iniciais, se deu o trabalho de campo em si, que está organizado no terceiro capítulo, nomeado “Caminhos metodológicos e o tratamento das emergências”. De antemão precisava responder as perguntas primordiais do problema de pesquisa: como as narrativas do “eu” se manifestam na rede social *Facebook*? Quais as características das autonarrativas na rede social *Facebook*? Essas narrativas emergem como estratégia de visibilidade na rede?

Então, para isso, tive como objetivo de pesquisa observar que tipo de narrativas do “eu” emergem da rede social *Facebook*. Quais as características das autonarrativas existentes no *Facebook* e o que os sujeitos escrevem sobre si no *Facebook*? Ou seja, quais as temáticas que emergem das autonarrativas desses sujeitos e se tais autonarrativas, especialmente as que se referem a temas do foro íntimo – sobretudo enquanto narrativas explicitadoras da privacidade –, são uma maneira de os indivíduos conquistarem visibilidade e se inscreverem no mundo mediatizado, bem como se as narrativas do “eu” poderiam ser uma forma de construção autopoietica, no sentido de produzir a reorganização dos sujeitos através das autonarrações.

Assim, neste terceiro momento, tendo os caminhos alinhavados, foi feita a observação das emergências (autonarrativas) de nove sujeitos voluntários durante o período de quatro meses. Posteriormente, fiz a devida tratativa das emergências observadas, sempre buscando as conexões entre a parte teórica e o apanhado empírico. Por fim, após as observações e tratativas das emergências feitas, discorri nas considerações finais, quando costurei o fechamento do trabalho, levando em conta o que foi observado e o que pôde ser concluído a partir do estudo.

Justifico o fato de me pôr na primeira pessoa por estar em consonância com o paradigma autopoietico, linha que escolhi nesta caminhada, e que, neste sentido, prevê que não haja o sujeito da separação, mas sim a perspectiva do sujeito que se coloca em relação ao mundo. Em uma visão tradicional, o mundo é encontrado pronto pelos indivíduos, enquanto na visão autopoietica, o mundo é construído pelos sujeitos. A própria cognição é assim, visto que emerge a partir das ações dos indivíduos. Na dissertação, trabalho com a ideia de subjetividade, entendendo que as posições ontológica<sup>2</sup> e epistemológica<sup>3</sup> são inseparáveis. Assim, demonstro com isso a minha posição, o meu conceito de conhecimento, à luz do que ensinam os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, de que este é um processo vivo.

A questão de abarcar o estudo das narrativas se dá porque, a partir de muitas leituras feitas, considero o fato de estudar as narrativas (em especial as narrativas contemporâneas) extremamente importante para a vida como um todo, pois elas servem para nos auxiliar a entender mais sobre o mundo a nossa volta e sobre nós mesmos. Amplio esse ponto de vista com a abordagem do conceito de autopoiese, que Maturana e Varela cunharam para nomear a capacidade dos seres de produzirem a si próprios. Conforme Maturana (1999), o ser humano se faz no viver humano. E, por essa perspectiva, entendo que a narrativa é uma prática autopoietica.

A escolha do *Facebook* na pesquisa justifica-se porque o site em questão é, como dito, o maior no que se refere às redes sociais ao redor do mundo e, também, porque foi por meio das experiências que tive com o mesmo que surgiram as inquietações iniciais acerca do estudo.

Desde o começo soube que a pesquisa estaria inserida no campo movediço da subjetividade e, justamente por esse motivo, pela complexidade dos assuntos abordados, das teorias e, sobretudo, dos dados a serem observados (as narrativas do “eu”), não seria simples confirmar as hipóteses lançadas, quais sejam, de que as narrativas contemporâneas são marcadas pela emergência de referências ao “eu” em uma “arena pública virtual”, no caso o *Facebook*, constituindo-se, assim, em autonarrativas. Ou seja, cada vez mais a rede social articulada, via Internet, estaria desempenhando um lugar de incidência de narrativas que tratam dos temas do foro

---

<sup>2</sup> Segundo Heidegger (2005, p.38) é o termo que serve para “designar o questionamento teórico explícito do sentido do ser”, o modo de compreensão do ser.

<sup>3</sup> Com posição empirista de que o conhecimento deve ser baseado na experiência, no que é aprendido durante a vida.

íntimo como forma, ou maneira, de o indivíduo conquistar visibilidade e se inscrever neste mundo midiático. Este seria um dos modos de autonarração no contemporâneo, que se vale cada vez mais da utilização de narrativas de temas do privado em plataformas públicas de comunicação on-line, neste caso, por meio da rede social web. Acreditava que o *Facebook* seria, ainda, um ambiente auspicioso para encontrar indícios de que a ferramenta serviria, também, como instrumento autopoiético no que se refere à estruturação do sujeito como ser em constante produção, colocando-se no mundo e enxergando-se por meio das autonarrativas postas na rede social.

A presente pesquisa, por si só, é instigadora e desafiadora, pois, além do aprendizado a mim, como pesquisadora, traz contribuições para a área acadêmica das letras, das ciências sociais e da comunicação, visto que é emergente o estudo das vivências e relações explicitadas por meio das narrativas, tão atuais que se dão nas redes sociais web.

## 2 A NARRATIVA E O ESTADO DA ARTE

E a moral disso é “Seja o que você parece ser”... ou, trocando em miúdos, “Nunca imagine que você mesma não é outra coisa senão o que poderia parecer a outros do que o que você fosse ou poderia ter sido não fosse senão o que você tivesse sido teria parecido a eles ser de outra maneira”. (CARROLL, 2010, p.106, em Aventuras de Alice no País das Maravilhas).

A narrativa não é um arranjo novo. Ela acompanha o ser humano desde os mais longínquos tempos. Tendo passado por diversas épocas, encontra-se presente, marcante e com remodeladas roupagens, nos dias atuais. Segundo Gai (2009, p.142), “a arte da narrativa é uma atividade milenária”. A autora lembra o escritor Edward Morgan Forster, que conceitua a narrativa como atávica e ancestral, visto que já existia na época neolítica, e é compreendida como o desenvolvimento de uma história no tempo.

No mesmo sentido, Gancho (2006) diz que:

[...] narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos – histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares) – transmitidos pelos povos através das gerações, são narrativas; a *Bíblia* – livro que condensa história, filosofia e dogmas do povo cristão – compreende muitas narrativas: da origem do homem e da mulher, da escravidão dos hebreus no Egito, dos milagres de Jesus etc. (GANCHO, 2006, p. 6-7).

Conforme Barthes (1976), a narrativa tem seu início com a própria história da humanidade. É o que também destaca Piccinin (2012, p. 72), quando frisa que “a narrativa existe desde que o indivíduo conseguiu dar algum sentido e explicação à realidade que o cerca”. Desta forma, para Barthes (1976, p. 19), “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades”, de maneira que “não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas”.

Por narrativa, compreendo a arte de relatar fatos. Para Piccinin (2012, p. 68), a narrativa é “a história resultante da sucessão de eventos e estado de coisas mediados por personagens numa perspectiva crono(lógica)”. Assim, a narrativa é “o discurso capaz de evocar, através da sucessão de fatos, um modo dado como real ou imaginário, situado num tempo e num espaço determinados”. Sendo que a

narração é a construção verbal que fala acerca do mundo, ou melhor dizendo, que apresenta um mundo (SODRÉ, 1988, p. 75).

E, justamente por sua característica de ser uma atividade de “contar histórias”, a narrativa acontece em um número grande de manifestações, como aponta Barthes (1976):

[...] inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem, articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. (BARTHES, 1976, p.19).

Gancho (2006, p. 6-7), também salienta o grande número de narrativas existentes. A autora diz que, modernamente, seria possível mencionar um sem-número de narrativas, como: “novela de TV, filme de cinema, peça de teatro, notícia de jornal, gibi, desenho animado, videogames... Muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não”. De acordo com a autora, “qualquer um pode contar-escrever ou ouvir-ler toda espécie de narrativa: histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romances, contos, novelas...”. Para ela, “os meios de transmissão das histórias também são diversos: conversa, rádio, televisão, jornal, desenho, internet” (GANCHO, 2006, p.6).

Assim, no contexto contemporâneo, as narrativas estão, inclusive, nos sites e blogs da Internet, em espaços hipermidiáticos. Segundo Santaella e Lemos (2010), estes são ambientes novos onde ocorrem a hibridização da linguagem, a organização não linear do que está posto (dos conteúdos) e da leitura, e onde há navegabilidade em que o sujeito pode interagir.

Pogozelski (2010, p.28) reforça a ideia de que “as narrativas podem ser transmitidas através da oralidade, da escrita, pela imagem, pelos gestos, ou por todas essas formas juntas”. Segundo a autora, é isso o que acontece no caso dos suportes hipermidiáticos, que mesclam o texto, o som, a imagem e o vídeo. Ela ainda diz que:



[...] fica claro que qualquer que seja a sociedade, nela está presente a narrativa em suas mais diversas formas, que o narrador está intimamente ligado à sociedade e essa, por sua vez, ao fato narrado. Portanto, relatar fatos inéditos em prosa ou em verso significa contar movimentos. Qualquer fato que se destaque do cotidiano merece ser contado, e as técnicas de narração vão variar no decorrer do tempo. (POGOZELSKI, 2010, p.28).

Para Reuter (2011, p. 9) "nossa cultura reserva um largo espaço às narrativas, de mitos e lendas - antigos e modernos -, a todas as narrativas da imprensa ou dos romances literários". Ou seja, é possível dizer que o ato de contar histórias e suas mais variadas formas de se fazer (seja via linguagem oral, escrita ou visual) são atividades da narrativa, do gênero narrativo.

De acordo com Gancho (2006), o gênero narrativo é uma modalidade do gênero épico, integrante da tríade Aristotélica referente ao conteúdo, que engloba ainda o lírico e o dramático. A autora diz que "a designação mais ampla de *gênero* abarca um número quase ilimitado de textos, variando em função da época, das culturas e das finalidades sociais. Muitos desses gêneros podem ser considerados narrativos, pois contam de modo direto ou indireto um acontecimento real ou imaginário" (GANCHO, 2006, p.7).

Para a autora, "toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir". De acordo com ela, são eles, no total, cinco: enredo; personagens; tempo; espaço e narrador (GANCHO, 2006, p. 6). Nas narrativas encontradas na Internet, especificamente na rede social *Facebook*, objeto de estudo da pesquisa, busco observar a incidência desses elementos, quando da aplicação da pesquisa empírica.

Conforme Genette (1976, p. 256), "para Platão, o domínio daquilo que ele chama *lexis* (ou maneira de dizer, por oposição a *logos*, que designa o que é dito) divide-se teoricamente em imitação propriamente dita (*mimesis*) e simples narrativa (*diegesis*)". Platão (1998), na obra *A República* (livro III), já havia fundamentado e classificado os gêneros literários. Na categoria da diegese, o mundo fictício, a realidade própria da narrativa, que é diferente do "mundo real", Platão (1998, p. 107) destacou três modalidades diferentes de narrativa: "narrativa simples, imitativa, ou uma outra simultaneamente", sendo que esta última acontece a partir da associação das duas anteriores.

Para Platão (1998, p. 107-108), a narrativa simples, ou simples narrativa, acontece quando "o poeta fala em seu nome e não procura desviar o nosso

pensamento noutra sentido, como se o autor dessas palavras não fosse ele”. Já a imitação, ou mimese, acontece quando o poeta faz um discurso como se se tratasse de outra pessoa, quando “torna-se semelhante a outro por meio da voz e do aspecto”, para “imitar aquele a quem se quer ser semelhante”, quando busca aproximar o máximo possível seu estilo àquele da pessoa que fala. Por fim, a modalidade mista é aquela em que se dá tanto a simples narrativa quanto a imitação em uma mesma narrativa. Conforme Aguiar e Silva (1983, p. 68), “estas três modalidades do discurso consubstanciam-se em três macro-estruturas literárias, em cada uma das quais são discrimináveis”.

Neste mesmo sentido, para Reuter (2011) há duas maneiras de narração, que são o “contar” (que é a diegese) e o “mostrar” (que é a mimese). Sendo que, quando do contar fica evidente a presença de narrador atribuída à narrativa. E, quando do mostrar, o narrador se oculta, embora não seja inexistente, e apenas parece que não existe a interferência de uma entidade narrativa conduzindo o narratário.

O autor ainda diz que, em todas as narrativas, pelo próprio fato de contar, o narrador assume duas funções principais. São elas: “a função narrativa (ele conta e evoca um mundo) e a função de direção ou de controle (ele organiza a narrativa, na qual insere e alterna narração, descrição e falas das personagens)” (REUTER, 2011, p.64).

No que se refere à narrativa, aquela em que o “eu” é o cerne, esta é chamada homodiegética. Reuter (2011, p. 81) diz que há dois pontos de vista neste tipo de narrativa: um é quando o narrador é homodiegético apresentando-se “na perspectiva *passando pelo narrador*”, que ocorre na “combinação tipicamente utilizada nas autobiografias, de confissões, dos relatos nos quais o narrador conta sua própria vida *retrospectivamente*”, e a outra é quando o narrador é homodiegético apresentando-se “na perspectiva *passando pela personagem*”, quando:

[...] se diferencia da anterior porque o narrador conta o que acontece no momento em que acontece (e não de maneira retrospectiva). Ele narra no presente, o que dá a impressão de simultaneidade entre o que ele percebe e o que diz. Essa narração dá a impressão de estar na pele do narrador, de viver o que ele vive”. (REUTER, 2011, p. 83).

Contudo, é importante destacar que, mesmo que o indivíduo fale de si mesmo, sem “interpretar um personagem”, tendo em vista que tal modalidade seria a mais apropriada para entender as narrativas de si, aquelas em que o indivíduo narra

sem se passar por outro, tanto de forma retrospectiva quanto de maneira a dar impressão de simultâneo, ainda assim compreendo a autonarrativa como uma versão de si, não sendo um retrato de real, pois, de acordo com Gai (2009),

[...] a narrativa, ficcional ou não, traz sempre implícita a ideia da invenção. Aquele que narra transforma uma experiência em linguagem, atividade que, por sua vez, leva à compreensão e ao entendimento da experiência em si. Mesmo o simples relato pressupõe a experiência, seja em relação ao fato propriamente dito, seja em relação à constituição psicológica ou mental de quem narra. É de acordo com esses dispositivos vivenciais que resultará a visão do fato, e também do mundo, apresentada pela narrativa. (GAI, 2009, p. 137).

Entendo não ser possível que, mesmo se o poeta jamais se ocultasse, seus versos e suas narrativas poderiam ser criados sem imitações. Isso porque, a mimese, ou representação, acontece nos relatos, nas narrativas, justamente por estes serem mediados, seja pelo poeta, quando fala/representa outros, seja pelo poeta quando fala de si. Razão pela qual acredito que toda a criação é, de fato, uma imitação.

Por todos os motivos aqui citados, estudar as narrativas é fundamental para o presente estudo. Motta (2013) enumera vários motivos pelos quais devemos estudar as narrativas, um dele é:

[...] para entender quem somos: Nossa vida, nossa identidade, é uma narrativa pessoal. Estamos sempre contando histórias de nós mesmos, enviando mensagens diversas, por meio de diários, e-mails, tuítes, mensagens nas redes sociais, em geral, etc. Por meio dessas histórias que contamos de nós mesmos estamos construindo um autossignificado singular: "nosso eu se transforma em um conto, um relato valorativo. Podemos estudar as narrativas, portanto, para compreender esse conto. (MOTTA, 2013, p. 27).

Para Motta (2013, p. 28), "nossas narrativas nos instituem e constituem". Por esse motivo, segundo o autor, os psicanalistas no divã pedem que contemos nossas histórias de vida, que narremos nossas histórias, pois entendem que ajudam a revelar quem somos, bem como "nossos estados intencionais, o que pretendemos ser, os *scripts* que projetamos para nós mesmos".

Estudar as narrativas, uma prática tão ancestral, nos tempos atuais, tão tecnológicos e midiáticos, é importante e justificável porque "interessam a todos que buscam compreender, por esse viés, o que há de mais antigo e ao mesmo tempo sempre novo. Trata-se da condição ontológica do indivíduo e que diretamente

implica no narrar e no narrar-se. Seja a partir de si para si, ou de si para os outros, ou dos outros em busca de si mesmo". O fenômeno de gerar e organizar sentidos à existência, justifica o reconhecimento da narrativa como centro de um processo no qual as tecnologias estão relacionadas como estruturas viabilizadoras dessa atividade de narrar, independente de quais sejam as plataformas (PICCININ; SOSTER, 2012, p. 9).

## 2.1 A narrativa de si

Segundo Motta (2013, p. 17), "nossas vidas são acontecimentos narrativos", sendo que vivemos por meio de narrações, nossa existência é como uma "teia de narrativas na qual estamos enredados". Para o autor, os seres humanos constroem suas biografias e identidades pessoais narrando. Logo, somos o que narramos, "nossas vidas são as nossas narrativas" (p.18).

Santos (2013, p.13) diz que "a narrativa em si representa um modo de ordenamento da experiência humana, de construção da realidade, e é a partir da personagem que isso se concretiza". E, como narrador e personagem principal da narrativa maior, que é a da nossa própria vida, são a mesma figura, é possível dizer que nós mesmos somos os criadores da nossa existência.

Por esse viés, entendo que a narrativa pode ser considerada como uma prática autopoiética, pois, por meio da narrativa de si, o indivíduo não apenas conta o passado ou projeta o futuro. Ele, ao relatar-se, se coloca no mundo, se enxerga e se constrói no presente.

O termo *autopoiese*, ou *autopoiesis*, segundo Pellanda (2009), foi cunhado pelo biólogo chileno Humberto Maturana que, para tanto, teve a colaboração do também biólogo chileno, Francisco Varela, e designa a capacidade que os seres vivos, não somente os humanos, têm de se autoproduzirem. Assim, a palavra *autopoiese*, conforme a autora, origina-se do grego, quando *auto* significa "por si" e *poiesis* "produção", ou seja, a palavra expressaria a autoprodução dos seres vivos, a autocriação, ou criação de si próprio.

Maturana é um cientista complexo e perturbador, tendo em vista sua inserção no movimento cibernético, que deu uma virada na ciência do século XX, e no

posterior Movimento de Auto-Organização (MAO) (PELLANDA, 2009). Para a autora:

[...] as pesquisas de Humberto Maturana se constituem, verdadeiramente, em algo revolucionário e, por isso, acabam por romper com o paradigma cartesiano. Este emergiu com a modernidade e desde o século XIX está mostrando sinais evidentes de esgotamento. (PELLANDA, 2009, p.14).

Conforme Pogozelski (2010), p. 13), a teoria da autopoiese, publicada por Maturana e Varela no ano de 1970, apresenta os seres vivos como um:

[...] sistema de organização circular, com uma visão central de que a cognição – o processo de conhecer - é muito mais ampla do que a concepção do pensar, raciocinar e medir, pois envolve a percepção, a emoção e a ação. *Autopoiese* é esta capacidade de auto-organização da vida, de produção contínua de si mesmo. (POGOZELSKI, 2010, p. 13).

Maturana e Varela (1995, p. 49) conceituam o “ser humano” como aquele que “se faz”. Ou seja, falam de um sujeito que produz “continuamente a si mesmo, num operar recursivo, tanto de processos autopoieticos como sociais (linguagem), com os quais se gera continuamente a autodescrição do que fazemos”. Para os autores, os seres vivos “se caracterizam por sua organização autopoietica. Diferenciam-se entre si por terem estruturas diferentes, mas são iguais em sua organização” (MATURANA e VARELA, 1995, p.87).

Segundo Primo (2000, p.79) é pertinente entender a diferenciação entre organização e estrutura. Conforme o autor, para Maturana (1997), a organização “refere-se às relações entre as partes que constituem uma unidade composta – que fazem com que a unidade seja o que é”. Neste sentido, a organização é invariante. Já a estrutura é sempre diferente, individual. Primo (2000) diz que os seres vivos são sistemas dinâmicos, que têm sua estrutura em variação constante. Logo, para o autor, em um sistema autopoietico, alguma coisa se mantém igual, que é a organização, e ao mesmo tempo se modifica, se transforma, que é a estrutura. Portanto, “a organização dos seres vivos é sua própria produção” (PRIMO, 2000, p.80).

Assim, o sujeito é um sistema autopoietico, que, como todo e qualquer sistema deste tipo, tem a capacidade de se organizar como uma rede autorreferente. Esse sistema, desta maneira, regenera continuamente a rede que o produziu por meio de suas interações e transformações (PARENTE, 2010).

Em um sentido similar no que diz respeito à capacidade da narrativa na constituição dos sujeitos, Gai (2009) diz que a narrativa também serve para que se possa interpretar e conhecer a si em uma atividade que pode resultar no autoconhecimento. Piccinin (2012, p. 70) complementa dizendo que "ao fazer ecoar os pensamentos, a narrativa demanda a sistematização em voz do sujeito ao dizer a si e de si, produzindo a estruturação e a catarse 'curativa' em uma perspectiva psicanalítica". Desta maneira, a narrativa serve para os sujeitos se enxergarem, se compreenderem, para se curarem. Ou seja, para se conhecerem e, assim, se autoconstruírem.

Também para Motta (2013, p. 18), "narrar é uma forma de dar sentido à vida". Para o autor, "as narrativas são mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana". É por intermédio da narrativa que os sujeitos representam suas histórias pessoais, desde os acontecimentos mais carregados de significado até as situações mais corriqueiras.

Fato é que as narrativas estão no centro das grandes questões humanas, pois:

[...] a narrativa permite aos indivíduos organizarem a experiência cotidiana e o conhecimento acerca do mundo na medida em que ajuda a construir interpretações e sentidos gerados pelo exercício de narrar. Ou seja, narrar é organizar sistematicamente algo que já está lá. Trata-se, portanto, bem mais do que a ideia imediata de contar história, por ser, no limite, uma questão existencial. (PICCININ, 2009, p. 61).

Motta (2012, p. 23) ainda diz que "as narrativas permeiam toda a nossa existência". Desta forma, "estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala". Para Motta (2012), se debruçar sobre as narrativas é entender o sentido da vida, dada sua importância, logo, narrar é uma atividade ou uma arte, inerente ao ser humano e faz parte da construção de nós mesmos, no nosso cotidiano, no nosso dia a dia.

Para compreender as autonarrativas, é preciso focar a questão do "eu", sendo que, para Freud (2010, p.13), o "Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido". O que possibilita refletir, a partir do conceito de autopoiese, como a capacidade dos seres de produzirem a si próprios. Se observada a fala de Freud por essa perspectiva, o "eu" não nasce com a pessoa e também não tem um momento em que está totalmente formado, ao longo de seu

desenvolvimento. O “eu”, em uma visão autopoietica, está sempre sendo organizado, em um processo incessante.

Segundo Varela (1996, p. 18), nossos micromundos e microidentidades não constituem um “eu” forte e centralizado e unitário, mas sim uma série de padrões mutantes que são formadas e logo depois desmoronam. Na terminologia budista esta é a observação de que surge de imediato em forma de observação direta, que o “eu” não possui natureza própria. Carece de qualquer substancialidade que pode ser apreendida. Diz que esta observação é fundamental porque é o fio de ouro que liga a possibilidade de conhecimento de nós mesmos com uma abordagem externa e científica para o funcionamento mental (VARELA, 1996).

De acordo com Martino (2010), quando alguém questiona “quem somos”, primeiramente informamos nosso nome, nossa idade. Porém, a partir daí, passando a um diálogo, a questão fica mais complexa e novos elementos entram em cena, como onde nascemos, onde residimos, nossos gostos pessoais, nosso time de futebol, nossas músicas favoritas e, enfim, nosso endereço de blog, nosso Twitter. Ou seja, para o autor, quando perguntam quem somos, iniciamos de súbito “a formar um discurso, uma narrativa sobre nós mesmos” (MARTINO, 2010, p. 11).

Assim, Motta (2013, p. 18), referindo-se especificamente às autobiografias<sup>4</sup>, diz que “organizamos as nossas biografias destacando alguns acontecimentos que cremos estarem mais carregados de significações, e que pontuam a nossa historia pessoal”. Conforme o autor, criamos, a partir de pontos do passado vinculados ao presente e que remetem ao futuro, “representações de nós mesmos e nossas identidades individuais”. Para ele, “narrando, construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro. As narrativas criam o ontem, fazem o hoje acontecer e justificam a espera do amanhã”.

Por esse viés, entendo que, quando dizemos/narramos quem somos para alguém, não estamos contando “‘nossa’ história (ou biografia), no sentido de uma narrativa verdadeira, com todos os fatos da nossa vida, mas ‘nossa’ no sentido de que é o discurso escolhido e montado por nós para representar um ‘eu’ diante dos outros”. Por esse motivo, o autor afirma que não respondemos a pergunta “quem é

---

<sup>4</sup> A autobiografia, segundo Lejeune (2008, p. 14), é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Para o autor, na autobiografia há uma relação de identidade entre autor, narrador e personagem da obra. Ou seja, é o gênero literário no qual uma pessoa narra a história da sua vida.

você”, mas sim “quem você pensa que é” (MARTINO, 2010, p. 11). Ou quem você deseja ser, talvez não somente ao que se refere ao verniz social, mas ao que realmente se almeja ser. Acredito, logo, na não existência da pureza narrativa (no que se refere à “verdade”), pois a realidade é sempre maior do que a linguagem.

Neste sentido, Goffman (2003, p. 12) fala de um indivíduo que apresenta a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, quando “o indivíduo terá que agir de tal modo que, com ou sem intenção, expresse a si mesmo e os outros por sua vez terão de ser de algum modo impressionados por ele”. Para o autor, o indivíduo pode desejar “que pensem muito bem dele, ou que eles pensem estar ele pensando muito bem deles, etc.” (GOFFMAN, 2003, p. 13).

Conforme o autor, o indivíduo pode ter dois papéis: o “eu” ator e o “eu” personagem. Quando neste último o indivíduo é o personagem, representa na sociedade uma imagem que induz para os outros terem a seu respeito, estando o “eu” como um produto de uma cena. E o “eu” como ator se refere àquele indivíduo que aprende e sonha, que manifesta desejos gregários de companheiros de equipe e plateias, que se expõe e que sofre (GOFFMAN, 2003).

Foucault (1990) trata da “cultura de si”, ou seja, da relação do indivíduo consigo mesmo, traduzindo em frases de princípio filosófico como: “ocupar-se de si mesmo”, como sinônimo para o cuidado de si, e “conhece-te a ti mesmo”, que se refere à busca do conhecimento da pessoa sobre ela própria. Segundo Foucault (1990), para os filósofos gregos, o conhecimento de si só seria justificado se pudesse melhorar o cuidado de si.

Ainda na perspectiva grega, Gai (2009), citando Xenófanes, traz a ideia de autoconstrução, quando se refere à ideia de que o conhecimento é relativo, visto que é construído de acordo com determinadas circunstâncias. A autora frisa que é claro que “a experiência é um conceito construído; é conformada a partir da explicação da experiência do observador implicado; este é um ser vivente, ou seja, é o ser que se observa a si mesmo sendo, o ser que se pensa a si mesmo no seu processo de viver, de existir” (GAI, 2009, p.139).

Contudo, apesar da pertinência da cultura de si, da importância que se deve dar às questões mais intrínsecas do ser, do individual, não se vive isolado no mundo. O indivíduo está dentro de um coletivo, de uma esfera social. Neste sentido, Freud (2013, p. 35) diz que:



[...] a oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode nos parecer muito significativa, perde muito de sua nitidez ao ser examinada mais a fundo. É verdade que a psicologia individual está orientada para o ser humano singular e investiga os caminhos pelos quais ele busca alcançar a satisfação de suas moções de impulso, só que ao fazê-lo, apenas raramente, sob determinadas condições excepcionais, ela desconsidera as relações desse indivíduo com outros. Na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, proem inteiramente legítimo. (FREUD, 2013, p. 35).

Ou seja, como não se vive em extrema solidão, visto que "o indivíduo se sente incompleto ("*incomplete*") quando está sozinho", conforme Freud (2013, p. 121), a comunidade é fundamental no viver humano, por isso é pertinente o estudo do "eu" em um contexto social. Os indivíduos vivem em grupos, em sociedade e, como bem frisou o pai da psicanálise, pode-se e deve-se estudar a psicologia do "eu" juntamente com a psicologia das massas, porque "opor-se ao rebanho equivale a se separar dele, e por isso a oposição é temerosamente evitada" (FREUD, 2013, p. 122). Para o autor:

[...] quando se fala em psicologia social ou das massas, costuma-se desconsiderar essas relações e isolar como objeto de investigação a influencia simultânea exercida sobre o indivíduo por um grande número de pessoas com as quais ele está ligado por um vínculo qualquer, enquanto que normalmente, sob muitos aspectos, essas pessoas podem lhe ser estranhas. Portanto, a psicologia das massas trata do indivíduo como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição ou como elemento de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza numa massa. (FREUD, 2013, p. 36-37).

Para Freud (2013, p. 140), "cada indivíduo é parte integrante de muitas massas, é multiplamente ligado por identificação e construiu seu ideal do eu segundo os mais diversos modelos". No que se refere à questão do "eu" e do "ideal de eu", o autor destaca que o "eu" é aquilo que somos e o "ideal de eu" é aquilo que gostaríamos de ser.

Segundo o autor, o problema entre esses dois pontos é que "resulta sempre uma sensação de triunfo quando algo no eu coincide com o ideal do eu. O sentimento de culpa (e o sentimento de inferioridade) também pode ser compreendido como expressão da tensão entre o eu e o ideal" (FREUD, 2013, p.145). Ele ainda destaca que "no maníaco o eu e o ideal do eu tenham se fundido",

sendo que entende menos evidente, porém bastante provável, que “a miséria do melancólico seja a expressão de um conflito agudo entre as duas instâncias do eu” (FREUD, 2013, p. 146).

## 2.2 Desdobramentos essenciais do “eu”

A questão do “eu” não é recente, é uma busca acerca de entendimento de si muito antiga, não somente científica, mas também espiritual. Do ponto de vista da filosofia oriental, na abordagem existente no hinduísmo, há a presença do conceito de *atman*, como um espírito individual. Conforme nota do tradutor, no livro *Sidarta*, de Hermann Hesse (1977), literalmente, a palavra *atman* significaria fôlego, mas, seu sentido figurado representaria o que chamamos de a força vital, personalidade, a alma, o princípio da vida, o “eu”. Aqui é posta a ideia de um “eu próprio” e indivisível.

Já a filosofia budista, que também é oriental, em oposição ao conceito de *atman*, aponta para o conceito de *anatman*, ou do “não eu”, que se refere à crença de negação de um “eu” permanente e imutável no universo. O que se prega é o separar-se do eu. Conforme trouxe Hesse (1977), a meditação, o abandono do corpo, a suspensão do fôlego são todas maneiras de fugirmos de nós mesmos. São momentos em que o ser humano escapa da tortura do próprio “eu”.

No Ocidente, geralmente acredita-se em uma alma separada da mente, a qual se nomeia como “eu” ou “ego<sup>5</sup>”. Entretanto, hoje, com uma percepção cada vez maior de superação do binarismo, entende-se que não se pode aceitar a ideia de corpo e mente como separados. O sujeito é um todo complexo. Desta forma, explica Pellanda (2009, p. 23) que, no Ocidente, estamos profundamente marcados pela lógica linear, binária, quando pensamos “em termo de uma linha de causas e efeitos”. Por isso, para a autora essa é uma lógica simplificadora, que exclui uma terceira possibilidade.

Já no conceito de autopoiese, há uma lógica circular, complexa, quando “o efeito rebate sobre a causa que, por sua vez, faz disparar outros efeitos”. Para ela,

---

<sup>5</sup> Para Cunha (2008), segundo a psicanálise freudiana, o ego significa literalmente o “eu” e é o que há de visível em cada ser humano, visto que segue regras que são socialmente aceitas. Já o id não é socializado, pois é o inconsciente e busca a satisfação incondicional, o prazer. O superego, por sua vez, é o detentor das normas e dos princípios morais estabelecidos pelo grupo social que o indivíduo faz parte.

“isso quer dizer de tal forma que os resultados de suas relações com o meio no qual vivem produzem novamente os mesmos componentes” (PELLANDA, 2009, p. 23).

A autora, sem a pretensão de fazer uma comparação entre Ocidente e Oriente, destaca que na sabedoria oriental encontram-se presentes pressupostos complexos que foram deixados de lado pela cultura moderna ocidental. Um desses pressupostos seria o de o indivíduo, no caso por meio da meditação, ter a possibilidade de aumentar o poder sobre si mesmo e conhecer a realidade por meio da vivência profunda de si (PELLANDA, 2009).

Segundo Echeverría (2005, p.17), “a filosofia de Descartes – conhecida como cartesianismo – foi a mais influente dos tempos modernos. E apesar de algumas visões opostas, a modernidade se desenvolveu dentro de uma estrutura cartesiana [...]”<sup>6</sup>. Conforme o autor, na filosofia de Descartes, o pensamento, assim como era na Antiguidade grega, é mais uma vez a base para entender os seres humanos. É porque pensamos, disse Descartes, que podemos concluir que existimos: “Penso, logo existo”. Os seres humanos são primariamente seres racionais nessa visão. Porém, a ideia racional de “eu” apresenta-se insuficiente, de forma que está emergindo uma nova e radical compreensão acerca dos seres humanos, conforme Echeverría (2005). Para ele, esse novo entendimento é o que se chama de Ontologia da Linguagem, sendo que o uso do termo Ontologia começa:

[...] no duplo sentido de que emana e se afasta – da tradição inaugurada pelo filósofo alemão Martín Heidegger. Para Heidegger, a ontologia se relaciona com sua investigação acerca do que chama de *Dasein*, que podemos sintetizar como o modo particular de ser como somos os seres humanos. Neste sentido, **a ontologia faz referência a nossa compreensão genérica – nossa interpretação – do que significa ser humano**. Quando dizemos de algo que é ontológico, fazemos referência a nossa interpretação das dimensões constituintes que todos compartilhamos enquanto seres humanos e que nos confere uma particular forma de ser (ECHEVERRÍA, 2005, p. 19, grifo do autor)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Tradução livre para “La filosofía de Descartes – conocida como el cartesianismo – ha sido la más influyente de los tiempos modernos. A pesar de algunas visiones opuestas, la modernidad se desarrolló dentro de una armazón cartesiana [...]”.

<sup>7</sup> Tradução livre para “[...] en el doble sentido de que emana y se aparta— de la tradición inaugurada por el filósofo alemán Martín Heidegger. Para Heidegger, la ontología se relaciona con su investigación acerca de lo que llamaba el *Dasein*, que podemos sintetizar como el modo particular de ser como somos los seres humanos. En este sentido, **la ontología hace referencia a nuestra comprensión genérica —nuestra interpretación— de lo que significa ser humano**. Cuando decimos de algo que es ontológico, hacemos referencia a nuestra interpretación de las dimensiones constituyentes que todos compartimos en tanto seres humanos y que nos confieren una particular forma de ser”.

Se retomar a ideia apresentada de que as narrativas nos representam e nos constituem, afinal, contamos a nós mesmos sucessivamente a nossa própria história (MOTTA, 2013), é imprescindível estudar as narrativas de si, sobretudo no contemporâneo, momento fecundo em que elas se lancem, porque entendo as narrativas do “eu” encontradas na rede social *Facebook* como o equivalente a um instrumento da máquina autopoiético (que são os seres vivos), o qual Pellanda (2009) explica como algo capaz de produzir a si próprio na ação.

### 2.3 O sujeito e a narrativa

Para que se possa falar do “eu”, é imprescindível se falar, também, de indivíduo, identidade, individualidade e individualismo, visto que o foco sobre si mesmo, sobre o “eu” está no cerne dos estudos de tais temáticas. Desta forma, decorro acerca dos conceitos, bem como singularidades, dos assuntos em questão.

Início com a noção de indivíduo, que vem de muito tempo e origina-se na reflexão filosófica. Renaut (2004), diz que Cícero já denominava normalmente *individuum* (que seria o indivíduo) a cada indivisível corpúsculo, ou átomo visível. Moraes (2004, p 24-25), diz que para os filósofos Horkheimer e Adorno, “as origens do indivíduo remontam à Grécia Antiga, mais precisamente ao herói grego como modelo de uma individualidade nascente”. O autor ainda explica, cronologicamente, que:

[...] o momento do surgimento do indivíduo, sua ascensão e declínio, traçado por Horkheimer aborda quatro momentos distintos: o surgimento da noção de indivíduo e individualidade na Antigüidade Grega; a valorização do indivíduo e o aprofundamento da noção de individualidade com o advento do Cristianismo; o surgimento do indivíduo liberal não mais assentado na fé cristã, mas basicamente nos fundamentos econômicos da sociedade capitalista e, finalmente, a neutralização do indivíduo na sociedade administrada, provocada pela perda das bases econômicas que o sustentaram durante o Liberalismo. (MORAES, 2004, p. 24-25).

Renaut (2004) frisa que não há:

[...] comparável, em matéria de valorização do indivíduo, àquilo que apenas a moderna concepção do mundo testemunhou. Tanto que, em muitos aspectos, é mediante a afirmação do indivíduo enquanto princípio e enquanto valor (o individualismo, se se quiser) que o dispositivo cultural, intelectual e filosófico da modernidade pode simultaneamente caracterizar-se a respeito de alguns de seus enigmas mais temíveis. (RENAUT, 2004, p. 5-6)

O individualismo traz as ideias de liberdade e autonomia e arranca “o homem do seu antigo estatuto de simples parte do Todo e faz com que surja pela primeira vez em toda a sua profundidade a polaridade do sujeito e do objeto”, segundo Renaut e Reis (1989, p. 54).

Ao mesmo tempo, a diferença do ser-no-mundo (que seria o sujeito) para os outros (que seriam os objetos) é o que Heidegger (2005) afirma que seria o isolamento do “eu”, ou uma espécie de forma deformada da estrutura *Dasein*<sup>8</sup>, que é orientada, originalmente, ao outro, segundo o autor. Para Heidegger (2005, p. 169), a questão da existência dos “outros” não significa “todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, *ninguém* se diferencia propriamente, entre os quais também se está”. Assim, mesmo que o ser seja “único”, o mesmo, segundo Heidegger, é sempre o *ser-no-mundo* sendo um *ser-com-os-outros*. Logo, o individualismo (pelo viés da indiferença pelos outros), nos preceitos de Heidegger, é paradoxal, o que Lipovetsky (2004b, p. 56) também acredita, quando fala do hiperindividualismo<sup>9</sup>, “regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico”.

Aqui, é preciso contemplar a diferença dos termos individualismo e individualidade. Conforme Ferrater Mora (1994, p. 1483), a individualidade, ou individuação é “o princípio que dá a razão de por que algo é um indivíduo, um ente singular”. Logo, individualidade diz respeito ao que constitui o indivíduo. É o conjunto das qualidades que caracterizam um indivíduo.

Já o individualismo, em termos gerais, comumente é conhecido como “uma doutrina segundo a qual a entidade básica em todo agrupamento humano ou em toda sociedade humana é o indivíduo, o sujeito individual, de tal modo que o agrupamento ou a sociedade são concebidos como conjuntos de indivíduos”

---

<sup>8</sup> O conceito de *Dasein*, que Heidegger (2005) traz no livro *Ser e Tempo* - originalmente escrito em 1986 -, refere-se ao ser humano como um indivíduo no qual sua identidade está em constante processo de construção. Ou seja, o ser humano não tem uma identidade nata, ao contrário, ele leva uma vida toda construindo aquilo que ele acaba sendo, estando completo somente no momento da morte.

<sup>9</sup> O termo hiperindividualismo refere-se à característica do sujeito inserido no que Lipovetsky (2004b) chamaram de hipermodernidade, fatia de tempo que significa a exacerbação da modernidade. Contudo, para o autor, a sociedade hiper não é uma contestação à moderna, visto que essa tem, ainda, muitas características desta, neste caso, especialmente no que diz respeito ao individualismo.

(FERRATER MORA, 1994, p.1487). O individualismo refere-se à posição de espírito oposta à solidariedade. É a capacidade de poder existir separadamente, a existência individual. Desta forma, é a ideia que fez prevalecer o direito individual sobre o coletivo. É possível dizer, então, que é uma conduta egocêntrica. Percebo, assim, que a nomenclatura individualismo carrega consigo uma carga negativa (pejorativa), enquanto que a individualidade já é mais positiva. Porém, ambas, em sua essência, assemelham-se. Segundo Renaut (2004, p. 26), “o individualismo traduz-se em primeiro lugar pela revolta dos indivíduos contra a hierarquia em nome da igualdade”.

Desta forma, os estudos acerca do indivíduo (pelo viés da individualidade ou do individualismo) são cada vez mais importantes de serem observados para compreender o funcionamento do mundo contemporâneo, com todas as suas complexidades, inclusive as relacionais. Vários são os autores que estudam a relação da modernidade e da individualidade. Um deles é Simmel, um dos fundadores da sociologia, que diz:

É uma opinião universalmente aceita entre os europeus o fato de que a Renascença italiana produziu aquilo que chamamos de individualidade – a superação tanto interna quanto externa do indivíduo das formas comunitárias medievais que conformavam a forma de vida, a atividade produtiva, os traços de caráter dentro de unidades niveladoras, fazendo desaparecer os traços pessoais e impossibilitando o desenvolvimento da liberdade pessoal, da singularidade própria de cada um e da auto-responsabilidade. (SIMMEL, 1998, p. 109).

O autor destaca que as pessoas, no começo da Renascença, se vestiam de maneira diferente uma das outras, de uma forma especial, própria e isso não era uma questão de diferenciação simples, mas um jeito para enfatizar o valor de sua singularidade única. Porém, a partir do século XVIII, é assistido um rompimento gradativo dessa noção. A partir daí a questão do individualismo segue em outra direção, em que um outro ideal de individualidade tem como motivação mais íntima não mais a distinção, e sim a liberdade, pela qual o indivíduo “protege seus mais variados desconfortos e necessidades de autoafirmação em relação à sociedade”. É a partir desse ideal que acontece “a livre concorrência dos interesses individuais como manifestação da ordem natural das coisas” (SIMMEL, 1998, p. 109).

Simmel (1998) salienta que essa visão da individualidade, pelo viés da liberdade, se torna visível:

[...] seja na sua conformação mais sentimental em Rousseau - para quem a origem de todo mal e deformação advém da violência praticada sobre o homem pela sociedade historicamente constituída - seja na sua versão política na Revolução Francesa - que eleva a liberdade individual de tal modo como valor absoluto que nega aos trabalhadores a possibilidade de se unir para proteger seus interesses seja, finalmente, na sua sublimação filosófica com Kant e Fichte, os quais elevaram o *eu* como referência última do mundo possível de ser conhecido, e defenderam sua absoluta autonomia como valor absoluto da esfera moral. (SIMMEL, 1998, p. 109).

O autor acredita que a ideia da mera personalidade livre, bem como da mera personalidade singular, ainda não sejam as últimas palavras no que se refere ao individualismo. Ao contrário disso, pensa que “a esperança é que o imprevisível trabalho da humanidade produza sempre mais, e sempre mais variadas formas de afirmação da personalidade e do valor da existência” (SIMMEL, 1998, p. 117). E ele vai além, quando diz que “em períodos felizes essas variedades consigam chegar a formar conjunções harmônicas, suas contradições e lutas não sejam vistas apenas como obstáculo, mas sim como potenciais para o desenvolvimento de novas forças e criações” (SIMMEL, 1998, p. 117).

Para Bauman (2005), a identidade é “um assunto do momento”, pois é de extrema importância e está em evidência:

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protege-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

A identidade se apresenta em duas dimensões fundamentais e inseparáveis: a individual (que se refere ao pessoal, ao “eu”) e a social (que se refere aos outros, ao coletivo). Segundo Violante (1985), por identidade pode-se dizer que é o que individualiza o sujeito e também o socializa. Assim, para a autora, identidade é aquilo que diferencia o indivíduo e que, ao mesmo tempo, o torna igual aos demais, aos outros.

Com relação à identidade observada pelo viés da narrativa, Ricoeur (1994, p. 426) diz que “a história de uma vida se constitui por uma sequência de retificações aplicadas a narrativas anteriores [...] um sujeito reconhece-se na história que conta a si mesmo sobre si mesmo”. A identidade é o que o autor chama de “identidade

narrativa”, sendo que, para ele, não é possível compreender a identidade de um indivíduo sem o amparo da narração (RICOEUR, 1994).

No mesmo sentido, Bernd (2003, p.17) fala que “a construção da identidade é indissociável da narrativa”, e Martino (2010, p. 40) destaca que “a narrativa é uma das principais atividades humanas. O tempo todo, das maneiras mais diversas, estamos reconstruindo a realidade como um discurso. Essa realidade do discurso, isto é, o real transplantado para um outro nível de apropriação cognitiva, é compartilhada com a comunidade de um tempo em um espaço constituindo o tecido narrativo, simbólico e imaginário de um grupo”. Assim, diz o autor que “nenhuma narrativa é total”, pois não é possível a algo finito, como é o caso da narrativa, dar conta de uma realidade que é infinita. E a narração é limitada, pois “narrar também é classificar, definir os espaços de cada agente”. Para o autor, os limites da narrativa estão “na linguagem e na sociedade, passando pela psicologia do narrador e pelas condições históricas de produção do discurso a respeito de qualquer coisa” (MARTINO, 2010, p.41).

#### **2.4 Narrativas de si e montagens do “eu”**

Se nenhuma narrativa é total, para Bauman (2005) a identidade também não é, visto que a biografia é sempre um quebra-cabeças incompleto, no qual faltas muitas peças que, inclusive, jamais se saberá quantas são. O autor salienta que, quando o indivíduo vai compor sua identidade, há muitas pecinhas do quebra-cabeças que, ingenuamente, se espera que fechem uma imagem, que seria a nossa identidade, contudo, não existe uma imagem pré-existente para se basear (como geralmente há acompanhada na caixa dos quebra-cabeças).

Martino (2010) afirma que a questão da identidade foi e ainda é um tema estudado por filósofos e pesquisadores da área das ciências humanas que buscam definir o que é o ser humano e, também, como ele chega a ser quem é. O autor diz que “a identidade, sólida, única, na verdade é um agrupamento fragmentado de ideias, noções, práticas e ações específicas” (MARTINO, 2010, p. 46). Sendo que o nome próprio, que ganhamos quando nascemos, é um dos principais elementos sociais de identidade.



Neste sentido, Martino (2010, p.55) destaca que a identidade é “algo que se desenvolve a partir dos discursos que definem as fronteiras simbólicas de quem se é a partir de um passado, responsáveis, igualmente, por ensaiar um projeto de futuro”. Sendo que, “na comunicação se desenvolvem noções principais de identidade – a definição comunicativa do indivíduo, do grupo e da nação acontece na possibilidade de se compartilhar um discurso, trama responsável por indicar quem é você, e por contraste e complemento, quem *não* é você”. (MARTINO, 2010, p. 57).

Conforme Pogozelski (2010), a identidade é uma questão abordada pelo viés da imagem de si mesmo e, de uma forma mais indireta, pelos componentes de um “eu”. Neste caso, acredito que a maneira de se narrar pode ser, mais do que uma maneira de se colocar no mundo, de dizer quem é. Pode ser uma forma de o indivíduo dizer quem não é, pois afirmando uma coisa, pode-se estar negando outra. Quando nos narramos, colocando nosso “eu ideal” posto no espaço midiático, nas redes sociais, estamos mais do que “pintando” nossa imagem desejada, como, quiçá, fugindo do nosso porão escuro. Afirmar é, também, por outro lado, negar.

Segundo Martino (2010), no discurso de identidade, o outro tem lugar específico imaginado como o “eu” também tem. Ou seja, as figuras de si mesmo são imaginadas e as de alteridade também. Giddens (2002, p. 36) diz que são muitos os fatores, no que ele chama de alta modernidade (como o autor chama a contemporaneidade), que influenciam a relação entre auto-identidade e instituições modernas. Ele frisa que, na história da humanidade, esta é a primeira vez em que “o ‘eu’ e a ‘sociedade’ estão inter-relacionados em um meio global”.

Bauman (2005) diz que as identidades são bênçãos ambíguas, oscilam entre o sonho e o pesadelo, especialmente em um mundo de “individualização” em excesso. Diz que o anseio por identidade vem do desejo de segurança, também um sentimento ambíguo. Pode trazer a curto prazo promessas de compromisso, de laços, de pertencer. Porém, para o indivíduo líquido-moderno, livremente flutuante, ter compromissos e ser “identificado” – de maneira inflexível e sem alternativa – é algo mal visto.

Retomando a ideia de individualismo, a Internet tem papel importante na questão da emergência do mesmo no contemporâneo (CASTELLS, 2013). E, em tempos de comunicação em “tempo real”, trazida pela convergência entre as redes sociais e as mídias móveis, em que, segundo Santaella e Lemos (2010), passamos

da era de Matrix (quando o foco da atenção eram as máquinas e os códigos), para a era dos fluxos (quando o foco é a interação humana e os laços sociais, culturais e afetivos), é preciso estudar essas novas manifestações do humano no que se refere às narrativas contemporâneas.

Já Lipovetsky (2004a) traz a ideia de um neo-individualismo, que “não se reduz ao hedonismo e ao psicologismo, mas implica, cada vez mais, um trabalho de construção de si, de tomada de posse do seu corpo e da sua vida”. Para o autor, “a recusa prometeica do destino e a invenção de si mesmo sem via social traçada por antecipação caracterizam esse neo-individualismo”. Diz que o indivíduo contemporâneo está sendo comandado por um ideal de controle de si soberano, em uma luta infindável contra o preexistente e o herdado (LIPOVETSKY, 2004a, p. 20-21). Diferentemente da modernidade, em que os indivíduos, grosso modo, conformavam-se com o que estava posto, hoje, há uma resistência a isso. As pessoas almejam tomarem conta e construir por si só as suas biografias.

No campo da comunicação, a publicidade se vale dessa centralização no indivíduo de uma maneira bastante incisiva. Lipovetsky (2007) frisa que a publicidade contemporânea remete ao eu, e é feita em favor do “frescor de viver” do indivíduo, sem preocupar-se com os outros. É a centralização em si mesmo. Destaca que, no meio publicitário, “todo mundo é bonito, todo mundo é amável”: a publicidade não funciona como uma alavanca dos sentimentos malévolos, mas como instrumento de legitimação e de exacerbação dos gozos individualistas. Não nos focaliza no outro, mas em nós mesmos” (LIPOVETSKY, 2007, p. 194). O que se pode ver nos tempos atuais é uma febre consumista para si. Os indivíduos entendem que são especiais, que merecem o melhor, que precisam viver o hoje (o *carpe diem*), usufruindo da felicidade, e isso é um chamariz para a publicidade, ou vice-versa.

Lipovetsky (2007) também ressalta a espetacularização da felicidade, que vai muito além das celebridades. Diz que está, especialmente na televisão, focada no indivíduo comum também. O autor frisa que:

[...] nunca tantos indivíduos manifestaram tanto gosto em serem espectadores da felicidade de seus semelhantes. Longe de se reduzir a um indivíduo calculista voltado apenas para seus gozos egoístas, o hiperconsumidor encontra prazer em ser testemunha da felicidade dos outros. Esses sentimentos de empatia podem ser epidérmicos e fugidios, mas não são por isso menos reais. Agrade ou não aos detratores das

mídias, estas favorecem mais os sentimentos de afinidade que os ímpetos da maldade invejosa. E verdade que ao mesmo tempo o público se mostra ávido das desventuras que afetam o *beautiful people*. Por vezes esse gosto é explicado pela alegria insidiosa de ver as personalidades mais em evidência atingidas pelos mesmos males que nós. No entanto, outras explicações podem ser alegadas, Como observaram Adam Smith e Nietzsche, nada é mais insuportável que tomar consciência de que se é o único a sofrer. (LIPOVETSKY, 2007, p. 195).

O autor ainda diz que, na condição de espectadores dos infortúnios das pessoas famosas, das celebridades, é dada uma prova suplementar, em “primeiro plano”, de que a infelicidade é universalmente partilhada. Lipovetsky (2007, p. 195-196) acredita que “o que está em ação não é tanto a alegria maligna de ver desaparecer a felicidade do outro quanto a satisfação tranquilizadora de saber que não somos os únicos a estar feridos”. Ele traz o texto célebre de Lucrecio que destaca que “não é que os sofrimentos dos outros nos deem prazer, mas ‘nos comparamos em ver que males nos poupam’”, de que escapamos do pior.

Hoje, se vive o imperativo da felicidade, quando os sujeitos são induzidos a serem/permanecerem felizes incontestavelmente. A infelicidade não tem espaço, especialmente nas propagandas e nos programas de televisão, pois “o não ser feliz” é visto como uma fraqueza, um fracasso pessoal. Contudo, Aristóteles (1991, p.15) já dizia, no que se refere à felicidade, que a mesma, em si própria, “torna a vida desejável e carente de nada”.

O anseio de mostrar-se feliz, por outro lado, pode gerar, naqueles que assistem ao júbilo alheio, não somente aceitação, admiração ou “vontade de ser igual”. A alegria de um sujeito pode gerar em outro, ou outros sujeitos, o sentimento de inveja. Muitas vezes não somente a inveja de que alguém tem mais (no caso, a felicidade), mas inveja daquilo que se tem pouco ou não se tem. Por esse motivo, o exhibir-se feliz pode causar no sujeito/narrador o medo de ser invejado.

Porém, Lipovetsky (2007) diz que:

[...] as conversas da vida comum mostram igualmente essa suspensão do temor da inveja dos outros. Assim, não somos mais obrigados a guardar segredo do que nos torna felizes e a nos fazer de rogados com nosso prazer, envolvendo-o em restrições. Exibir as alegrias ganhou direito de cidadania: as férias podem ser “geniais”, nossos filhos, “os mais bonitos”, nossa profissão, “apaixonante”, o que se viveu, “fantástico, fabuloso, incrível”. Afinal, temos menos medo de desencadear os sentimentos de cobiça e de inveja que de fazer supor que não somos felizes. Se quiséssemos despertar deliberadamente a inveja de outrem, não agiríamos de maneira diferente. Reconhece-se sem constrangimento ter sorte, ser privilegiado, estar satisfeito com a vida íntima ou profissional. Se e de mau

gosto exibir um luxo espalhafatoso, não o é mostrar uma felicidade ostensiva. Tornou-se normal exprimir alegria em formulas superlativas, dizer-se sortudo sem ter de imediatamente “bater na madeira” para conjurar a má sorte. E claro, já não tememos provocar reações de inveja da parte de outrem. As antigas barreiras protetoras caíram: ganhamos o direito de viver ignorando a inveja de outrem. (LIPOVETSKY, 2007, p. 196).

Conforme Lipovetsky (2007, p. 70), alguns estudos afirmavam que a utilização da internet “diminui o círculo das relações sociais próximas e distantes, aumenta a solidão, diminui ligeiramente a quantidade do suporte social”. Diz que, conforme Baudrillard (1972), o mundo que viria com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) seria o das comunidades virtuais, cujo efeito é o de destruir a comunidade real, o encontro direto, o laço coletivo (LIPOVETSKY, 2007).

Para Motta (2013, p. 54) hoje os sujeitos vivem em uma sociedade mediada, quando "as experiências diretas e testemunhais são cada vez menos frequentes". De qualquer forma, o autor destaca que:

[...] relatos variados nos proporcionam a maior parte do nosso conhecimento sobre o mundo. Além das conversas presenciais, diversos meios tecnológicos - jornais, revistas, televisão, rádio, internet e redes sociais, por exemplo - propiciam relatos que nos informam sobre tudo e nos proporcionam saber o que se passa no bairro, cidade, país e no mundo. Eles tornam menos caótica a complexa e desordenada realidade na qual vivemos, nos ajudam a classificar e compreender os incidentes. Orientam nossa vida prática, comportamentos e decisões. Constituem experiências essenciais para indivíduos e sociedades porque torna *natural* o mundo social, tal como ele se apresenta. (MOTTA, 2013, p. 54).

Porém, contrariamente, Lipovetsky (2007) fala que:

[...] a sociedade de hiperconsumo não é sinônimo de encapsulamento e de ‘confinamento interativo generalizado’. O equipamento audiovisual dos lares não suprimiu de modo algum a necessidade de estar em contato com o ‘mundo’ e de encontrar os amigos. Estamos muito longe da sociedade dita ‘fortemente comunicante, mas fracamente defrontante’ ao contrário, o gosto pelo *ao vivo*, o desejo de sair, de “ver gente”, de participar de grandes reuniões festivas e que parecem representar as tendências mais significativas. Observando se o florescimento dos clubes e associações, nada permite afirmar que no futuro se encontrará cada vez menos o outro, num estado crescente de ‘solidão interativa’. A difusão social dos novos objetos de comunicação invertera essa orientação? A verdade é que são os indivíduos mais bem equipados de novas tecnologias que ‘saem’ mais e encontram mais gente. Estudos recentes mostraram que as relações virtuais não ameaçam as relações pessoais: elas as completam, os indivíduos que costumam utilizar os serviços da internet continuam a manter relações fora da rede ou procuram ampliar seu horizonte de encontros reais. Evitemos o clichê do declínio da vida social: por ora, não há perigo real referente às inclinações a sociabilidade, tendo o desenvolvimento do virtual e das mídias mais probabilidades de reforçar a importância vivida dos

contatos diretos que deprecia-los. Se as relações de vizinhança se enfraquecem, não é em favor da reclusão doméstica, mas de uma ‘sociabilidade ampliada’ mais seletiva, mais efêmera, mais emocional, em outras palavras, posta no diapasão do *ethos* hiperconsumidor. (LIPOVETSKY, 2007, p. 70).

Ou seja, apesar de alguns autores/pesquisadores acreditarem no fato de a internet poder diminuir os contatos face a face entre as pessoas, logo, as relações sociais “reais”, de uma forma geral, Lipovetsky (2007) pensa que o virtual não tomará o lugar da pungente necessidade que os sujeitos têm de estar em contato presencial com os outros. Obviamente hoje há o convívio, cada vez maior, dos indivíduos com vários meios tecnológicos. Contudo, isso não significa uma ameaça verdadeira às milenares relações presenciais, pois, como afirma Maturana (1999, p.197), “somos mamíferos e os mamíferos em geral são amorosos, ou seja, somos animais para os quais a intimidade do contato físico, do ser acolhido na intimidade do encontro com o outro é fundamental”.

### 3 O “EU” QUE NARRA NO CONTEMPORÂNEO

[...] Porque o tempo é uma invenção da morte: não o conhece a vida – a verdadeira – em que basta um momento de poesia para nos dar a eternidade inteira [...]. (QUINTANA, 2009, p. 146).

No texto *O narrador*, Benjamin (1987, p. 198) discute a arte de narrar e afirma que a mesma está em vias de extinção, uma vez que, para ele, estão cada vez mais escassos os indivíduos que sabem narrar adequadamente. Para o autor, as melhores narrativas escritas são “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Ele ainda salienta que “a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”. Para Benjamin (1987), a mais importante característica do seu narrador ideal é a capacidade do mesmo de intercambiar experiências com o leitor/ouvinte por meio de sua narrativa oriunda da experiência, aquela que é transmitida de indivíduo para indivíduo.

Pellanda (2009, p. 39) reforça a ideia de que não é possível haver conhecimento sem a experiência pessoal, quando o sujeito do conhecimento emerge juntamente com o seu conhecer. Frisa que não pode existir um conhecimento formal pensado independentemente “do fenômeno vivido do conhecer/viver”.

Nesta perspectiva, Benjamin (1987, p. 221) exalta a figura do narrador clássico e frisa a sua importância, quando diz:

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assinala à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer.) Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1987, p. 221).

Benjamin (1987) coloca o narrador clássico em um patamar em que os outros atores não figuram nitidamente. Compreendo a ideia de Benjamin como um “desabafo” sobre a frustração (ou medo) de acreditar que as histórias em papel (os romances e as notícias jornalísticas) enterrariam o autor das histórias oralizadas. O

autor parece crer que essas novas formas de narrar não seriam “tão narrativas” quanto a maneira clássica.

Para Benjamin (1987), não há narrativa sem que haja a experiência e, por esse motivo, para contar uma história, o narrador necessariamente precisa experimentá-la, pois “a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198). Assim, o autor apresenta dois grupos de narradores: aqueles que viajam e vêm de longe com muito o que contar, que sabem de histórias de terras distantes (caracterizado pelo marinheiro comerciante); e aqueles que nunca saíram de seus países, mas que conhecem suas histórias e tradições, que sabem do passado (caracterizado pelo camponês sedentário). Conforme Benjamin, tanto um quanto o outro foram os pioneiros na arte de narrar, bem como também a aperfeiçoaram.

Nessa linha, para Santiago (1989, p. 2-3), Benjamin conseguiu caracterizar três tipos (elocuições) de narrador. O primeiro estágio entendido como “o narrador clássico”, que tem por função “dar ao seu ouvinte a oportunidade de um intercâmbio de experiência”. O segundo estágio é “o narrador do romance”, que tem a função “de não mais poder falar de maneira exemplar ao seu leitor”. E o terceiro, é “o narrador que é jornalista”, aquele que “só transmite pelo narrar a informação, visto que escreve não para narrar a ação da própria experiência, mas o que aconteceu com x ou y em tal lugar e a tal hora”.

Conforme Santiago (1989), enquanto Benjamin desvaloriza o “narrador do romance” e o “narrador jornalista”, o pós-moderno<sup>10</sup> os valoriza, porque esses narradores transmitem uma “sabedoria” que surge a partir da observação de uma vivência alheia a eles, “visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência” (SANTIAGO, 1989, p. 3). O autor diz que o narrador pós-moderno não narra enquanto atuante da situação relatada. Ele narra a ação enquanto espetáculo que assiste (isso literalmente ou não), como que se estivesse na plateia, no sofá de casa, ou em uma biblioteca.

---

<sup>10</sup> Uso como conceito de pós-modernidade, termo usado por Jean Baudrillard a partir dos anos 80, sentido similar ao dado por Zygmunt Bauman, quando fala da modernidade líquida, por Manuel Castells, com sua “era da sociedade em rede”, e por Gilles Lipovetsky, com hipermoderno. Todas as nomenclaturas remetem ao conceito de contemporâneo, do tempo iniciado em meados do século XX e que, segundo Taschner (1999, p.11), tem como contraponto a modernidade, “dominada pela produção e pelo capitalismo industrial, e caracterizada pela tecnologia industrial e pela explosão da mercantilização”, sendo a pós-modernidade uma era “pós-industrial, constituída por novas formas de tecnologia, cultura e sociedade”.

Assim, a figura do narrador pós-moderno, que Santos (2013) define como "midiático", "passa a ser basicamente a de quem se interessa pelo outro (e não por si) e se afirma pelo olhar que lança ao seu redor, acompanhando seres, fatos e incidentes (e não por um olhar introspectivo que cata experiências vividas no passado)".

Desta forma, Santos (2013) frisa que:

[...] ao passo que o narrador clássico introduz suas experiências na narrativa, o midiático se afasta (muitas vezes se esconde) da narração para enaltecer a voz da pessoa observada. A 'sabedoria' da narrativa midiática não advém do narrador, e sim da ação daquele que é observado. A sua essência não deixa de ser a experiência, mas ela não é vivida, e sim observada. (SANTOS, 2013, p. 36).

Porém, no contexto contemporâneo, é possível perceber que as narrativas (no que se referem às redes sociais web) estão mudando – o que não exclui as outras formas já existentes, apenas agrega uma nova maneira de narrar. Conforme Piccinin (2012, p. 73), a narrativa oral desejada por Benjamin (que se estendeu não só da Antiguidade à Idade Média) figurava em um tempo em que “a voz e a competência retórica traduziam a própria significação do poder”. E parece ser justamente uma espécie de poder que os narradores contemporâneos enxergam nos suportes digitais, como o *Facebook* e tantos outros. Por isso, o desejo de narrar emerge e, muito mais do que narrar, de ser o protagonista das histórias narradas, não somente como aquele que vivenciou e está passando o conhecimento, mas como aquele que é o ator principal.

Ainda de acordo com Piccinin (2009, p. 63), “a contemporaneidade produziu um novo narrador que precisou se adaptar às circunstâncias, utilizando-se naturalmente das tecnologias que passaram a ser oferecidas”. Assim, segundo a autora, “o narrador contemporâneo surge reconhecido nas versões de histórias contadas hoje por meio especialmente das mídias, responsáveis que são pelos relatos que articulam a sociedade atual”.

O narrador clássico, de Benjamin (1987, p. 221) tem como pretensão ensinar algo a seu narratário a partir de suas vivências. A “modernidade líquida”, como aponta Bauman (2007), é classificada como o fim da “grande narrativa”, em que se dá a passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação. Segundo Lyotard (2004, p. XV), nas sociedades mais desenvolvidas, que no continente



americano decidiu-se chamar de “pós-moderna”, refere-se ao período de tempo em que se “designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”, sendo que essas transformações têm relação com a legitimação da ciência e a “crise dos relatos”. Desta forma, para o autor, as grandes narrativas, ou metanarrativas, são aquelas que, por sua essência, fundamentam verdades pré-determinadas, tendo como função a legitimação da vida.

A grande narrativa moderna é, portanto, aquela sem sujeito, própria da ciência, objetiva e impessoal. Morin (1996) diz que a cultura ocidental, desde o século XVII, vive uma disjunção esquizofrênica, expressada por Descartes por dois mundos. Um dos mundos é o do conhecimento objetivo, científico. E o outro é o do conhecimento intuitivo e reflexivo, o mundo dos sujeitos. Contudo, o autor é radical quando afirma que não é possível dissociar o sujeito e a narrativa. Por esse motivo, partindo do pensamento de contraponto ao cartesianismo, acredito que a atualidade seja um momento de retomada do narrador benjaminiano, dos relatos subjetivos, do eu.

Já para Brasil (2010, p. 4), na sociedade de hoje (pós-disciplinar), as formas de vida se criam em processos de auto-gestão, tendo a imagem como espaço de projeção e experimentação. Para o autor “a vida se produz e se performa em dispositivos audiovisuais vocacionados à exposição da intimidade”, como é o caso dos reality shows, blogs e redes sociais web. Estamos em uma sociedade da desinibição, sendo a vida retratada de maneira ordinária nos espetáculos de realidade (BRASIL, 2010).

O autor diz que nos tempos contemporâneos, passamos da norma à autonomia. Ou seja, não vivemos mais sob os poderes normativos disseminados por todo tipo de instituição, estamos em um tempo do indivíduo autônomo, que, entretanto, “é também um indivíduo inseguro, simultaneamente mais demandado e mais ávido de reconhecimento” (BRASIL, 2010, p. 4).

Maffesoli (2013), contudo, acredita que a sociedade contemporânea é caracterizada pelo tribalismo, e não pelo individualismo. O autor fala dos pequenos grupos, que chama de tribos, em substituição dos grandes grupos ou do individualismo. Maffesoli (1998, p. 136) destaca o que ele entende como uma retomada à valorização do cotidiano, quer se lhe dê o nome de modos de vida ou de

vida cotidiana, temática que não pode mais ser silenciada, conforme o autor. Ele ainda diz que:

[...] a morte das grandes utopias não significa a inexistência de pequenas utopias, vividas no cotidiano em doses homeopáticas. Não há mais o grande projeto marxista, voltado para a sociedade perfeita, mas há toda uma série de utopias minúsculas, intersticiais, que não são pensadas como utopias, mas vividas como tal. Na história, olhada com tranquilidade, existem momentos que privilegiam as utopias grandiosas e outros, como a Idade Média e a nossa época, debruçados sobre o cotidiano. (MAFFESOLI, 2013, s/p).

Para Maffesoli (1998, p.169) “há momentos em que o indivíduo significa menos do que a comunidade na qual ele se inscreve. Da mesma forma, importa menos a grande história factual do que as histórias vividas no dia-a-dia, as situações imperceptíveis que, justamente constituem a trama comunitária”. O autor também discorre sobre a ruptura das ilusões dualistas entre as esferas de atividade: público e privado. Ele acredita na morte do privado. Contudo, segundo Tejera (2006, p.14), “de qualquer forma, a existência da esfera pública implica manutenção da esfera privada, mesmo que atos verificados na sociedade dêem conta da idéia de queda da privacidade”. A autora ainda diz, referindo-se aos blogs e a outras propostas similares veiculadas na rede, que:

[...] demonstram a publicização do sujeito apresentando também uma outra face da realidade: há um exercício hedonista que sugere uma ênfase tão grande no “eu” privado que ele acaba por transbordar para a esfera pública. Este transbordamento é de tal ordem que impõe a todos a visualização do que deveria estar resguardado no refúgio da privacidade. Mas, de qualquer forma, garante a manutenção de uma existência privada, ainda que pública. (TEJERA, 2006, p.14).

Assim, da atualidade podemos dizer que nasce uma nova narrativa, que emerge de um “eu”, de uma autonarrativa, na qual há um estreito limiar entre informações, muitas vezes da vida cotidiana, no que se refere ao que é privado e ao que é público. É sabido que a narrativa de um narrador que vivenciou a história, que narra suas experiências e, assim, a si mesmo também, é antiga e já foi estudada por Benjamin. Contudo, no contemporâneo, surge uma narrativa em um contexto e em uma plataforma diferente.

Apesar de Benjamin (1987) dizer que a arte de narrar está quase deixando de existir, quando denuncia a perda da função comunitária da comunicação, o narrador

não irá morrer, porque, como bem disse Motta (2012, p. 53), “a narrativa retornou definitivamente à cena cultural”. Segundo o autor, inclusive, por isso se deve estudar as narrativas, mais do que qualquer coisa, para compreendermos o sentido da vida.

### 3.1 O tempo presente: em que momento narrativo estamos?

Acerca do tempo presente, há muitas perguntas para as quais ainda não existam respostas. Como, por exemplo, a ideia de classificar o momento em que vivemos. Possivelmente seja uma tarefa mais confortável para as próximas gerações. De qualquer forma, trata-se de responder à pergunta: em que idade estamos? Em que momento do tempo? Assim, compartilho as angústias de Silva (2006), quando este indaga:

Onde estamos de fato? Na neomodernidade habermasiana de Sérgio Paulo Rouanet? Na pós-modernidade de Michel Maffesoli ou Gianni Vattimo? Na hipermodernidade de Gilles Lipovetsky? Na hiper-realidade de Jean Baudrillard? Na crise da modernidade de Donald Schüler e Carlos Roberto Crine Lima? Na possibilidade de “utopia pós-moderna” de Renato Janine Ribeiro? Na “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman? Qual o nosso fim? Estar aquém e além do moderno? [...] Será que, na polêmica entre modernos e pós-modernos, os modernos são os novos antigos? [...] Perguntas. Velhas perguntas. Sempre. (SILVA, 2006, p. 20).

Silva (2006) não encontra respostas para seus questionamentos e, desta forma, vai além, indagando ainda:

O que significa ‘neo’? Uma desesperada maneira de salvar o antigo, ou seja, o moderno? O que quer dizer o ‘hiper’? Uma aceleração do pior ou o culto da velocidade como emblema tecnológico de uma ideologia baseada na ideia do progresso sem fim ou como único fim? O que significa ‘pós’? Uma ultrapassagem de si mesmo? O presente tomando o lugar do futuro para sentir a vertigem de olhar para trás antes de cair no próprio abismo?” (SILVA, 2006, p. 23).

O autor se pergunta: “hiper, neo e pós não são apenas marcas diferentes para anunciar, enunciar e denunciar um mesmo fim?”. Acredito que sim, que essas nomenclaturas são tentativas de buscar um “nome” para dar ao contemporâneo. Seja como for, muitos autores tratam do tema (SILVA, 2006, p. 23).

Maffesoli (2006, p. 27), por exemplo, diz que “na França, em particular, há uma grande vaidade que faz com que não se queira falar ou que se fale muito pouco de pós-modernidade. Fala-se de hipermodernidade, segunda modernidade,

modernidade tardia, supermodernidade, etc.". Ao que chama de " vaidade, ou seja, trata-se, no fundo, de uma incapacidade de pensar a contemporaneidade e, especialmente, uma incapacidade para pensar essa metamorfose".

O autor explica que essa transformação que se refere é "o fim de um mundo que não é o fim do mundo". Destaca que é algo em que pode haver a impermanência, mas, mesmo assim, haver a continuidade. Exemplifica comparando ao conceito de saturação, que é quando "as moléculas que compõem um determinado corpo, por diversas razões de fadiga, desgaste, não podem mais permanecer juntas e então se divorciam. Portanto, uma forma se desagrega, mas, ao mesmo tempo, há uma outra composição" (MAFFESOLI, 2006, p. 32).

Schüler (2006, p. 41), questionando o porquê de refletir sobre metamorfoses, diz que a mudança, ou metamorfose, é o que caracteriza a cultura ocidental desde seu princípio. Destaca que é o que "diferencia, precisamente, o Ocidente das grandes culturas orientais como a cultura hindu ou a cultura xintoísta". E, ainda diz que a inquietação, ao contrário da estabilidade, é uma característica do Ocidente.

O autor frisa que, se fizermos a identificação da modernidade com inquietação, "podemos retroceder até o século XII quando se acelera a modificação. Entenderíamos, então, por pós-modernidade, o aceleração das inquietações, das transformações que caracterizam a modernidade". Ele diz que, se este é o "na pós-modernidade ainda estamos na modernidade", logo, "devemos entender, então, a pós-modernidade como um capítulo, ainda que seja derradeiro, da modernidade" (SCHÜLLER, 2006, p. 41).

Seja como for, segundo Veronese e Lacerda (2011, p. 419), a distinção entre os conceitos (no caso específico, os autores se referem à pós-modernidade de Maffesoli e ao hipermodernidade de Lipovetsky, mas que estendo a todas as nomenclaturas para descrever o contemporâneo) nem sempre é simples e, às vezes, a própria academia admite posições e concepções diferentes, inclusive, nem sempre claras, a respeito dessas terminologias. Eles dizem que "a importância de compreendê-los apresenta-se, justamente, pelo fato de não resumirem-se apenas a nomenclaturas e categorizações, mas de trazerem em si, cada um de maneira peculiar, um modo de compreender o estar no mundo". Os autores destacam que "a chamada pós-modernidade caracteriza-se muito mais por um modo de habitar e perceber o mundo moderno do que propriamente uma linear mudança de era,

prescrita por uma profunda transformação nas estruturas sociais vigentes” (VERONESE e LACERDA, 2011, p. 119).

Assim, a modernidade almejava a beleza, a limpeza e a ordem, hoje, o que se pode afirmar é que vivemos na contemporaneidade, uma época marcada pelo que Bauman (2007), entender ser a passagem da fase “sólida” para a fase “líquida”, quando as organizações sociais não conseguem mais sustentar suas formas por muito tempo, visto que se dissolvem com rapidez. Passamos pela separação do poder e da política, que vinha com as fundações do Estado-nação “até que a morte os separe”; lidamos com a redução da segurança comunal (laços inter-humanos) em prol do individualismo competitivo, surgindo, então, o conceito de sociedade como uma “rede” em vez de uma “estrutura”; convivemos com a diminuição do pensamento a longo prazo (em prol do imediatismo); enfrentamos a vida frente à volatilidade e a instabilidade. O mundo agora escorrega por entre os dedos, e de uma forma cada vez mais rápida.

Segundo Bauman (2001, p. 9), as “razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’” são como “metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade.” O autor diz que a modernidade foi um processo de “liquefação” desde o começo e frisa que:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derrete-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (BAUMAN, 2001, p.10).

Bauman (2001, p.9) lembra que, contudo, isso tudo não seria feito para acabar de com os sólidos “e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar um a área para *novos e aperfeiçoados sólidos*, para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável”. Para o autor, “‘Derreter os sólido’ significa, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impediam a via do cálculo racional dos efeitos”.

E contextualizar o indivíduo, o ser humano, neste cenário é algo complexo, pois, como questiona Silva (2006):

Como sintetizar, então, a idéia de “homem pós-moderno”? Ou do homem hipermoderno? Na concepção de que a máquina não pode mais ser resumida à ferramenta cartesiana nem o homem elevado à condição de senhor absoluto do seu universo? Homem e máquina mudam o universo na medida em que aprofundam a interação entre eles e forjam um mundo artificial – ou seja, absolutamente cultural, por oposição à natureza – e cada vez mais gerido tecnologicamente. Estamos no pós-natural, no virtual como superação do natural? (SILVA, 2006, p. 22).

Seja como for, Silva (2006, p. 23) diz que na atualidade “entre o homem e o homem está a tela”. O autor vai mais longe e destaca que nesse universo contemporâneo, “não se buscaria mais a transparência, mas apenas a visibilidade. ‘Ser’ seria apenas ser visto? A pós (ou hiper)-modernidade não representa, ao contrário, um retorno à participação (interatividade), enterrando a “sociedade do espetáculo” ou a relegando a um vestígio da cultura de massas?”

Conforme Vattimo (2006, p. 81), pensar como se dá o “ser” na época em que vivemos atualmente é entrar em questão também a noção de pós-modernidade. Diz que tanto pensar o “ser” em nosso tempo, quanto a própria época é vago e dúbio, por isso indaga:

O que é a nossa época? Quando começa e quando acaba? A nossa época, por exemplo, para alguns começa no ano mil e acaba em mil e novecentos, para outros em outros períodos. Então, aqui, temos que nos dar conta de que se o 'ser' não é, mas acontece, acontece de uma forma que também nos envolve. (VATTIMO, 2006, p. 81).

O autor ainda diz que questionar “o que significa o 'ser' na nossa época não é absolutamente absurdo”, e problematiza perguntando “como podes pretender saber o que é a tua própria época?!”. Como resposta, diz: “bem, a minha época é aquela em que eu mesmo vivo dentro dos mecanismos que me envolvem, a televisão, a mídia, etc. Este é o discurso. Nesta época até a verdade possui uma essência diferente” (VATTIMO, 2006, p.81).

### **3.2 A narrativa e o *Facebook*: rede e mídia social**

Para Castells (2000), as mudanças que aconteceram no final do século XX constituem uma verdadeira revolução, pois vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social, econômico, político e cultural da vida humana. A partir da revolução tecnológica, concentrada nas tecnologias da informação e comunicação, observou-se a remodelagem da base material da

sociedade, e em ritmo acelerado. No que se refere aos meios de comunicação, passamos a processar conhecimentos de forma multimídia. A liquidez do mundo atual faz com que as notícias sejam almeçadas e transmitidas em tempo real e a aceleração passa a ser uma característica dessa nova era.

Para Santaella e Lemos (2010), nos anos 90 o virtual era distante do real. Agora, na era dos fluxos, o virtual e o real são sentidos como se fossem uma só e mesma coisa. Sodré (2006) destaca que a virada do século coincide com a passagem da comunicação centralizada, vertical e unidirecional (*comunicação de massa*, de Edgar Morin) à interatividade e ao multimídia, trazidos pelo avanço técnico das telecomunicações, que ele chama de mudanças “pós-midiáticas”.

Fato é que cada vez mais os indivíduos convivem com as novas tecnologias portáteis e móveis conectadas à Internet, como *smartphones*, *tablets*, entre outros. Sem dúvidas a Internet, segundo Recuero (2009), trouxe diversas mudanças para a sociedade, sendo a mais importante a possibilidade de “organização, identidade, conversação e mobilização social com o advento da comunicação mediada pelo computador”. Conforme Carr (2011), a Internet é o mais recente meio a provocar esse debate do conteúdo versus a tecnologia. Acredita que, no que se refere ao entendimento dos prós e dos contras disso, há dois polos: um que afirma ser a nova idade do ouro de acesso à informação (tanto em quantidade quanto em velocidade de disseminação) e outro que acha que é a treva de mediocridade e do mais puro narcisismo.

E neste ambiente ambíguo, as redes sociais na web podem expressar a materialidade de um tempo em que a ideia de axioma perde espaço para a de rizoma, descentralizada, sendo que a Internet tem como característica o fato de ser auto-organizante, o que acontece por meio das múltiplas conexões. Essa época rizomática, distinta, é a que Castells (2000) nomeia como sociedade em rede.

Desta forma, é imprescindível trazer a ideia do que é uma rede. Segundo Kastrup (2010),

[...] o conceito de rede é oriundo da topologia que, ao contrário da geometria, focaliza apenas no objeto estudado, suas propriedades mais simples, e por isso mais dramática, desconsiderando uma série de fatores, como medidas de largura, altura ou profundidade. Por isso a topologia não precisa recorrer à álgebra, como faz a geometria. Por isso, também, seus objetos são ditos de geometria variável. A rede é um desses objetos. O que aparece nela como único elemento constitutivo é o nó. Pouco importam suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus

limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e de bifurcação. Por isso a rede deve ser entendida como base numa lógica das conexões, e não numa lógica das superfícies. (KASTRUP, 2010, p. 80).

Ou seja, para a autora, as redes não são definidas por seus limites externos. Elas são definidas, pelo contrário, por suas conexões internas. Logo, “isso quer dizer que nenhuma delas pode ser caracterizada como uma totalidade fechada, dotada de superfície e contorno definido, mas sim como um todo aberto, sempre capaz de crescer através de seus nós, por todos os lados e em todas as direções” (KASTRUP, 2010, p. 80). Kastrup traz o conceito de rizoma, criado por G. Deleuze e F. Guattari, ao afirmar que o rizoma não tem limites definidos, visto que, pelo próprio funcionamento, modifica-se o tempo todo, caracterizando-se por ser um sistema aberto. Assim, acredita que a rede é uma versão empírica e atual do rizoma (KASTRUP, 2010).

Neste sentido, segundo Recuero (2010, p. 16), o advento da Comunicação Mediada pelo Computador trouxe mudanças nas formas de comunicação, pois “essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicarem-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador” (RECUERO, 2010, p. 16).

Mas, qual é a diferença entre “rede social” e “mídia social”? Recuero (2015), diz que rede e mídia social não são a mesma coisa. Para ela, as redes sociais são como se fossem metáforas para os grupos sociais e as mídias sociais, portanto, são uma espécie de conjunto de dinâmicas da rede social:

São as dinâmicas de criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos nas plataformas online (como sites de rede social) que caracteriza aquilo que chamamos hoje de mídia social. São as ações que emergem dentro das redes sociais, pela interação entre as pessoas, com base no capital social construído e percebido que vão iniciar movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo, mobilização e ação social. E isso ocorre principalmente porque as redes sociais acabam criando e mantendo, através das ferramentas da Internet, canais mais permanentemente abertos de informação e contato. (RECUERO, 2015, s/p).

Para Primo (2012) apesar de termos como *Groupware*, *Computer-Supported Collaborative Work* (CSCW) e *Social Software* (alguns antecedentes, outros com os quais mantêm parentesco), o termo “mídias sociais” parece, na atualidade, praticamente onipresente em periódicos científicos e na imprensa. Para o autor:



Os mais afoitos diriam que sociais são aquelas mídias através das quais as pessoas podem conversar na internet. Outros — desejando pretensamente aprofundar o debate (!) — diriam que a rigor todas as mídias seriam sociais, pois são criadas e mantidas no seio da sociedade. Os homens, ora, são os criadores e mantenedores das mídias. Tanto rádio quanto TV, tanto um jornal quanto um blog seriam, pois, sociais. Na esteira deste raciocínio, o termo “mídias sociais” despir-se-ia de qualquer relevância, já que não aparta nenhuma distinção: se todas mídias são sociais, nenhuma instância ficaria de fora. “Se tudo é tudo, nada é nada”! (PRIMO, 2012, p. 619).

Assim, o *Facebook*, entre tantas outras do gênero, é a grande rede social da web no contemporâneo. A plataforma também é uma mídia social, visto que se observa, além das relações entre as pessoas, o compartilhamento de conteúdo. Conforme Santi (2015, p.30), o *Facebook* é “de longe, a maior rede da história da humanidade”, pois “nunca existiu, antes, um lugar onde 1,4 bilhão de pessoas se reunissem – e 936 milhões entrassem todo santo dia (só no Brasil, 59 milhões)”. Segundo o autor, metade das pessoas que têm acesso à internet em todo planeta entra no *Facebook*, nem que seja ao menos uma vez ao mês. Os números são extraordinários, pois o *Facebook* “tem mais adeptos do que a maior das religiões (a católica, com 1,2 bilhão de fiéis), e mais usuários do que a internet inteira tinha há dez anos atrás”. Logo, é o meio de comunicação mais poderoso da atualidade (SANTI, 2015, p.30).

O *Facebook* foi criado por estudantes da Universidade de Harvard, em 2004, tendo Mark Zuckerberg como fundador principal e atual CEO da empresa, que tem sua sede em Menlo Park, Califórnia, Estados Unidos da América. Em números, no início de 2016, a empresa de capital aberto afirmou ter fechado o ano de 2015 com resultados melhores do que os previstos. O valor de mercado do *Facebook* saltou para algo estimado acima dos US\$ 300 bilhões, tornando-se, assim, a quarta empresa de tecnologia mais valiosa do mundo, superando a *Amazon* (G1, 2016).

Segundo Sardá (2015, p.14), o *Facebook*, assim como o LinkedIn, “têm por premissa o incentivo das relações sociais, pela criação de uma apresentação em forma de perfil com nome e foto, pela construção de uma rede de contatos e pelo estímulo ao compartilhamento de acontecimentos cotidianos”, no caso, de cada usuário. Em sua missão, o *Facebook*, conforme informações de sua própria página on-line, traz a proposta de “dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado”. Essa ideia de dar “poder” às

peças em compartilhar informações faz sentido quando se pensa na questão da visibilidade como estratégia de poder. Recuero (2009) afirma, inclusive, em seus estudos sobre os *memes*<sup>11</sup>, que há valores que são criados e difundidos nas redes sociais na Internet, associados ao capital social. A autora ainda aponta que alguns desses valores são a autoridade, a popularidade e a influência, todos características de visibilidade e poder em uma rede social web.

Recuero (2009, p. 24) ainda define as redes sociais na internet como redes que representam uma “estrutura social”, pois se tratam, antes de qualquer coisa, de uma “metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Para ela, os atores são o primeiro elemento da rede social, e são representados pelos “nodos”, ou nós. Ou seja, “trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa” (RECUERO, 2009, p. 25)

Conforme Sardá (2015), para o entendimento das redes sociais é fundamental conceituar os dois elementos que as constituem, quais sejam: os nós e os laços. Assim, além dos nós, que são os “sujeitos que a compõem”, nas redes sociais há os laços, que são “as conexões sociais, as interações entre os sujeitos sociais” (SARDÁ, 2015, p.14).

Para Santaella e Lemos (2010, p.13), citando Licoppe e Smoreda (2005), as redes sociais são conjuntos de laços sociais; trocas realizadas por gestos e atos de linguagem; e vários meios técnicos de mediação das interações atuais. Para as pesquisadoras, inclusive, o conceito de redes não é limitado às redes sociais que aqui abordamos, pois as redes sociais são apenas “um dos tipos possíveis”. As autoras também dizem que no *Facebook* é mais fácil do que em outras redes sociais, por exemplo, rastrear os processos de formação de laços, pois as pessoas, neste caso, levam para a rede social em questão pessoas já de seu convívio, amigos, família, colegas (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

---

<sup>11</sup> Recuero (2009), diz que o conceito de *meme* foi estabelecido por Richard Dawkins, no ano de 1976, que trouxe uma abordagem evolucionista baseada na teoria de Darwin, quando o “*meme*” seria o “gene” da cultura, que se perpetua por meio de seus replicadores. Na atualidade, entendo os *memes* como as imagens (desenhos, caricaturas, fotos), frases ou palavras (na maioria dos casos acompanhadas de imagens) que são propagadas/compartilhadas (muitas vezes de forma viral) pelos usuários da internet. Os *memes* estão inseridos nos blogs, nos aplicativos de mensagens instantâneas (como *WhatsApp* e *Messenger*) e nas redes sociais digitais, especialmente no *Facebook*.

### 3.3. Da intimidade à plateia digital

O Facebook é, justamente por ser um local de conexão social, em que laços pessoais são formados, de sujeitos, inclusive, já com relações estabelecidos de outras redes, um ambiente propício para as trocas não somente do que é (ou poderia ser) de caráter público, mas também daquilo que é (ou que era até então) do âmbito privado. A plataforma talvez exatamente por enredar os nós já enlaçados, compreenda-se como local em que a exposição do que é íntimo seja possível.

Neste sentido, sobre público e privado no meio digital, Santaella (2015, s/p), citando Byong-Chul Han (2015)<sup>12</sup>, diz que para Han, estamos vivendo “em sociedades da exposição, da evidência, da intimidade, da revelação, do individualismo elevado a sua mais alta potência. Em suma, sociedades pornô, nas quais os indivíduos se exibem e se desnudam em um gigantesco panóptico<sup>13</sup> digital”.

Santaella (2015, s/p) diz que quando Han usa a metáfora do panóptico para caracterizar o funcionamento do universo digital, “esclarece que neste desaparecem a distinção entre centro e periferia e qualquer ótica perspectivista. Esse é o trunfo da vigilância e do controle no mundo digital: a iluminação não perspectivista é produzida de todos os lados e de todas as partes”. A autora frisa que, para Han, “nesse panóptico, a perda da esfera pública gera um vazio que acaba sendo ocupado pela intimidade e aspectos da vida privada”, pois,

Nas redes, a ausência de limites à autoexposição atinge o clímax de uma nudez pornográfica. Quando a desinibição chega às raias da obscenidade, a liberdade se transmuta na violência da autoexploração. Um mundo que não mais necessita de uma cenografia, torna-se pornográfico, é que ele afirma. De fato, nas redes, tudo está exposto, descoberto, desvestido. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria para a devoração imediata. As coisas e as pessoas não desaparecem na obscuridade, mas na iluminação excessiva, desvanecem-se no mais visível que o visível: a obscenidade. À hipervisibilidade falta o oculto, o inacessível e o misterioso. É obscena a coação de entregar tudo à comunicação e à visibilidade. É pornográfico entregar o corpo e a alma ao olhar panóptico. (HAN, 2015, apud SANTAELLA, 2015, s/p).

<sup>12</sup> Em palestra ministrada no evento Transmediale, realizado em Berlim, em janeiro de 2015.

<sup>13</sup> Segundo Santaella (2015, s/p), “o panóptico — estudado por Foucault e com base no projeto para o sistema penitenciário do jurista inglês do século XVIII, Jeremy Bentham — é um espaço que, a partir de um único centro, é vigiado pela onipotência de um olhar despótico. O que foi concebido como um espaço físico de vigia, Foucault percebeu como uma metáfora para os dispositivos disciplinares não só das prisões, como também das fábricas, escolas, manicômios, hospitais etc.”.

Ou seja, para Han (2015, apud Santaella 2015, s/p), as redes, na verdade, formam uma espécie de panóptico eletrônico, porque, debaixo da aparência de um espaço que anuncia liberdade, elas, ao contrário, permitem controle total. As redes são ambientes em que “o valor da exposição constitui o capitalismo consumado, em cuja lógica cada sujeito é objeto de sua própria publicidade”, é a publicização de si mesmo, através de narrativas.

Vargas Llosa (2013) é incisivo quanto à questão da limitação entre o público e o privado na Internet,

A revolução audiovisual de nosso tempo derruba as barreiras que a censura opunha à livre informação e à discordância crítica, e, graças a isso, regimes autoritários têm muito menos possibilidade do que no passado de manter seus povos na ignorância e de manipular a opinião pública. Isso, evidentemente, constitui um grande progresso para a cultura da liberdade e devemos aproveitá-lo. Mas daí a concluir que a prodigiosa transformação das comunicações, representada pela internet, autoriza os internautas a saberem de tudo e a divulgarem tudo o que ocorre sob o sol (ou sob a lua), fazendo desaparecer de uma vez por todas a demarcação entre público e privado, há um abismo que, se abolido, poderia significar não uma façanha libertária, mas pura e simplesmente um liberticídio que, além de minar as bases da democracia, infligiria duro golpe na civilização. (VARGAS LLOSA, 2013, p. 138).

A respeito de um exibicionismo informativo, Vargas Llosa (2013, p.139- 140) diz que “a libertinagem informativa não tem nada a ver com a liberdade de expressão; ao contrário, é seu exato oposto”. O autor dá a entender que a civilização do espetáculo tem uma “curiosidade mórbida e malsã”. Citando Julian Assange, diz que o mesmo, “mais do que um grande lutador libertário, é um bem-sucedido entertainer ou animador, o Oprah Winfrey da informação” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 140). Explica que o personagem de entretedor é o:

[...] “símbolo emblemático de uma cultura em que o valor supremo da informação passou a ser divertir um público tolo e superficial, ávido por escândalos que escarafunchem a intimidade dos famosos, mostrem suas fraquezas e enredos e os transformem nos bufões da grande farsa que é a vida pública. Se bem que falar de ‘vida pública’ talvez já seja inexato, pois para que ela exista, deveria existir também sua contrapartida, a ‘vida privada’, algo que praticamente foi desaparecido até se transformar num conceito vazio e fora de uso. O que é privado em nossos dias? Uma das consequências involuntárias da revolução informática foi a volatilização das fronteiras que o separavam do público, confundindo-se ambos num *happening* em que todos somos ao mesmo tempo espectadores e atores, em que nos exibimos reciprocamente, ostentando nossa vida privada e nos divertimos observando a alheia, num *strip tease* generalizado no qual nada ficou a salvo da mórbida curiosidade de um público depravado pela necessidade”. (VARGAS LLOSA, 2013, p. 140).

Para o autor, o desaparecimento do privado, o fato do que ele considera não se respeitar a intimidade alheia, de a intimidade ter-se transformado “numa paródia que exista o interesse geral” e de haver “uma indústria informática que alimenta sem trégua e sem limite esse voyeurismo universal, tudo isso é manifestação de barbárie”. Vargas Llosa (2013) acredita que, com o desaparecimento da esfera privada, “muitas das melhores criações e funções do humano se deterioram e aviltam, a começar por tudo o que está subordinado ao cuidado com certo formalismo, como o erotismo, o amor, a amizade o pudor, os bons modos, a criação artística, o sagrado e a moral” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 140).

De qualquer forma, para Santaella (2015),

[...] temos que concordar com a maior parte dos diagnósticos de Han, mas ressalvas são necessárias. De fato, as redes, especialmente o Face e o Instagram, estão alargando o espaço tanto para o derramamento inofensivo e inconsequente da histeria feminina quanto para o destilamento do ódio dos agressivos enrustidos. Contudo, as redes não se constituem em um monólito da monodologia, como pensam alguns, nem se constituem tão só e apenas em um lugar de difusão da voz dos imbecis, como quer Umberto Eco. Ao contrário, as redes são, na realidade, uma gigantesca arena de controvérsias, de práticas heterológicas; e, por que não, um fervilhamento de informações, algumas falsas, mentirosas, é verdade — mas outras inteiramente relevantes, em meio a um turbilhão de *fast info* que podemos descartar em um piscar de olhos. Além disso, a participação nas redes sociais com os fracos laços, que lá se desenvolvem, está regada de afetos e emoções leves ou intensas. Essa participação não substitui, não anula, nem exclui os laços fortes dos afetos que subsistem nas relações com o outro em presença. Muitas vezes, as redes até intensificam esses laços. Tenho repetidamente afirmado que as redes sociais não podem ser avaliadas e recriminadas pelo comportamento aparente e externo de seus usuários. É necessária a vivência nos seus interiores e nas novas temporalidades e espacialidades que inauguram para poder avaliá-las. (SANTAELLA, 2015, s/p).

Segundo Lima e De Grande (2013, p. 37), “as mudanças sociais e tecnológicas das últimas décadas, decorrentes de um processo histórico complexo, principalmente provenientes do advento do computador pessoal e da web 2.0<sup>14</sup>, apontam para transformações do que é aprender, saber e fazer coisas na contemporaneidade”. Conforme as autoras, todas essas transformações que

<sup>14</sup> Segundo Primo (2007, p.1), “A Web 2.03 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web *syndication*, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador”.

observamos na atualidade estão, inclusive, relacionadas com as mudanças na própria linguagem.

Assim, Rojo (2013) diz que seria possível não mais falar de um leitor-autor, mas sim de um “lautor”. Destaca que isso provoca mudanças na produção de leitura-autoria. A autora cita Beaudouin (2002):

[...] o texto eletrônico altera as relações entre leitura e escrita, autor e leitor, altera os protocolos de leitura. Uma de suas particularidades é a de que leitura e escrita se elaboram ao mesmo tempo, numa mesma situação e num mesmo suporte, o que é nitidamente diverso da separação existente entre a produção do livro (autor, copista, editor, gráfico) e seu consumo pelo leitor nas eras do impresso ou do manuscrito. Isso porque a internet, por sua estrutura hipertextual, articula espaços de informação a ferramentas de comunicação, propondo um conjunto de dispositivos interativos que dão lugar a novos escritos. (ROJO, 2013, p. 207).

Rojo (2013) aponta para o fato de que esses novos escritos, assim, dão lugar a novos gêneros discursivos, que são os chats, páginas, tweets, posts, etc. Para a autora, o texto eletrônico traz novas feições para o ato da leitura, pois já não basta a leitura do texto verbal escrito. É preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem, como imagem, o vídeo, o som.

Silva (2013, p. 96) diz que a autoria há tempo está em colapso e a emergência das novas tecnologias veio salientar esse processo. Porém, há no contexto das narrativas do “eu”, especialmente no *Facebook*, um campo fértil para autoria, quando os indivíduos escrevem/narram em primeira pessoa. Mesmo que, conforme Mafesolli (2006, p. 28), “através das palavras, consegue-se *stricto sensu* inventar a realidade – *in venire*, em latim – pode-se criá-la através das palavras pronunciadas”. Ou seja, as narrativas de si no *Facebook* são autorais, mesmo que no gênero ficção, ou até no status de espetáculo.

Ainda é importante frisar que o contemporâneo presencia a emergência, ou retorno, de narrativas de estética realista, ou o que Figueiredo (2010, p. 70) nomeia como “estética neorrealista”, que é diferente do realismo do século XIX. O narrador em primeira pessoa toma o lugar do narrador em terceira pessoa (convenção do romance realista), pois, a primeira pessoa, preferida nas narrativas dos romances modernos, seria menos ambígua (verossímil e falsa ao mesmo tempo) do que a terceira. A autora diz que “a preferência da primeira pessoa na ficção caminhará junto com a crescente afirmação de um tipo de realismo, que, na esteira do olhar

antropológico, recupera a categoria do real pelo viés do registro do depoimento do outro [...] recorrendo, muitas vezes, ao testemunho” (FIGUEIREDO, 2010, p. 74).

Para Figueiredo (2010), vivemos não mais em um realismo de representação, mas de base testemunhal, apoiado em uma narração que se assume como discurso. A autora diz que: “na impossibilidade de atingir uma verdade última, o real seria o real de cada indivíduo e, portanto, um fenômeno da ordem da construção discursiva”.

Assim, a partir das últimas décadas do século XX, a narrativa aparece revalorizada como instância de organização da experiência humana, no sentido de que, “no lugar das macronarrativas legitimadoras dos grandes projetos coletivos, com as quais as vanguardas, a seu modo, dialogavam, afirmaram-se as pequenas narrativas, que privilegiam as pessoas comuns e a vida privada” (FIGUEIREDO, 2010, p. 88).

Em razão disso, o *Facebook* apresenta-se como um campo muito oportuno para que as micronarrativas, em primeira pessoa, com relatos do cotidiano se instaure. E, junto disso, emerge a questão da exposição do privado em um ambiente público, bem como a busca por visibilidade, agora possível à gente ordinária, não somente às celebridades.

### **3.4 Redes sociais e a questão da visibilidade e do narcisismo**

Quando se fala em Internet, em um primeiro momento, acredita-se que a rede seja um campo livre, no qual todos - mesmo aqueles que ainda não têm - podem ter acesso à mesma. Podem ver e serem vistos. A Internet é, portanto, vista como uma arena que proporciona, grosso modo, “igualdade aos sujeitos”. E isso é o que argumenta Serra (2015, p. 4-5) destacando que a Internet está, já em seus primórdios, relacionada “à utopia iluminista de uma visibilidade universal e igualitária, ou, como diz António Fidalgo, de ‘uma rede sem centros nem periferias’”. Seria ela, então, um “espaço” que, dada a sua infinidade virtual, derivada da sua virtualidade infinita, permitiria, finalmente, assegurar a universalidade e a igualdade em termos de visibilidade” (SERRA, 2015, p. 1).

É inegável que a Internet tenha dimensões gigantescas. Segundo dados do Banco Mundial (2016, p. V) “nos encontramos em meio à maior revolução de

informação e comunicação da história da humanidade. Mais de 40% da população do mundo têm acesso à Internet, e novos usuários entram on-line todos os dias”. Em uma década, o número de usuários da Internet mais do que triplicou, passando de um bilhão, no ano de 2005, para aproximadamente 3,2 bilhões, no final de 2015, sendo que isto significa que as pessoas estão mais conectadas do que nunca (BANCO MUNDIAL, 2015, p. 2).

No Brasil, de acordo com informações do IBGE (2016), 36,8 milhões de domicílios (o que representa 54,9% do total) tinham acesso à Internet em 2014, tanto via microcomputadores quanto por outros equipamentos, como telefones móveis (com cada vez com mais acessos, pois os celulares superaram microcomputadores no acesso domiciliar em 2014), tablets, televisões, e outros. Ou seja, no país, 54,4% dos indivíduos com mais de 10 anos, o que representa 95,4 milhões de brasileiros, tiveram acesso à Internet em 2014 (IBGE, 2014). Contudo, apesar dos números expressivos, ainda há uma imensidão de pessoas em todos os cantos do planeta sem acesso à rede.

Levando em conta àqueles que têm acesso, Serra (2015, p. 5) diz que a Internet se difere da imprensa e do audiovisual em virtude de que, por princípio, “qualquer um, em qualquer lugar, em qualquer tempo, pode publicar aí o que quiser. Mas publicar não é, obviamente, sinónimo de ser visto ou ouvido”. Ou seja, o fato de se ter a liberdade de poder publicar o que quiser na Internet, por si só, não significa que o sujeito angariará visibilidade. Conforme o autor,

[...] a existência dos homens como “seres vivos políticos” (*zoon politikon*<sup>15</sup>) pressupõe, antes de mais, a visibilidade de uns perante os outros no quadro de um espaço comum. Nas sociedades modernas, com as suas cidades, os seus estados nacionais e as suas organizações supranacionais, esse espaço tornou-se, cada vez mais, um espaço virtual, assegurado nos e pelos media. (SERRA, 2015, p. 1).

De acordo com Primo (2010, p. 173) “a força das redes sociais na internet permite que pessoas sem o suporte de uma grande estrutura midiática (normalmente produzindo sozinhos textos, imagens e áudio) recebam a atenção de uma significativa audiência”. Ou seja, um anônimo, um indivíduo “comum” pode ter

---

<sup>15</sup> Segundo Arendt (2010, p. 32), a antiga tradução para *zoon politikon*, de Aristóteles, significa “*animal socialis*”, ou animal social, sendo que a consagrada tradução de Tomás de Aquino é bastante pertinente, como “*homo est naturaliter politicus, id est socialis*”, ou seja, “o home é, por natureza, político, isto é, social”.



seu próprio público, sua própria plateia. O autor traz as pesquisas de Twenge e Campbell (2009), que mostram que a “amizade é agora um esporte competitivo”. Esse tipo de conduta dos sujeitos, inclusive, está relacionado à busca por audiência, na medida em que os sujeitos almejam atenção, reconhecimento e admiração (PRIMO, 2010, p. 170).

A “vida” na rede social pressupõe regramentos e orientações por valores concernentes às práticas sociais contemporâneas. Entre eles, a questão da visibilidade (busca por atenção) e a contemplação narcisista. Para Debord (1997, p. 13), “toda a vida nas sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. Para o autor “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14).

E os espetáculos do contemporâneo estão cada vez mais voltados ao que Sibilia (2008) trata como sendo a relação do “eu” e da exibição da intimidade na Internet. Aqui, é importante trazer a questão do narcisismo. Narciso é o protagonista de um dos mais conhecidos mitos gregos existentes, que conta a história de um jovem rapaz (muito belo) que, olhando sua imagem refletida nas águas de um lago, apaixonou-se por si mesmo. Conforme Primo (2010, p. 161), a “palavra ‘narcisismo’ origina-se justamente desse mito, e é utilizada na psicologia para descrever pessoas autocentradas, com grande apreço por si próprias e, não raro, demonstram dificuldades em manter relacionamentos íntimos”.

Assim, na psicanálise, o narcisismo é um conceito bastante importante da teoria freudiana e está relacionado ao estudo do ego e da sexualidade. Para Freud (2010, p. 10), “o termo ‘narcisismo’ vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o próprio objeto sexual. Isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos”.

Conforme Bleichmar (1987, p.30), o narcisismo aparece já nas primeiras atividades do ser humano, quando ainda lactente, e posteriormente na vida adulta “com o acréscimo de que aparece o olhar do outro para catexizar com o reconhecimento narcisista tanto a função como seu objeto”. O autor diz que, então que surge a “emergência de um produto valorizado por alguém e que através dele

volta como estímulo ao sujeito que o cria”. É a exaltação do ego, a demonstração de seus méritos.

Freud (2013, p. 36) frisa os processos narcísicos, “como aqueles em que a satisfação dos impulsos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renuncia. Ela faz uma oposição entre atos psíquicos sociais e narcísicos que, para ele, entram no âmbito da psicologia individual”. Já para Sodré (1984), é muito antiga a irresistível fascinação narcísica de “ver-se”. O “olhar” tem um laço imaginário com a sexualidade. Citando Nelli, (1975, p.198), diz: “O olho é um meio de possuir – ou de ser possuído – completamente análogo aos órgãos sexuais, que possuem e são possuídos” (SODRÉ, 1984, p.10).

O autor destaca que “o olhar é tido como suscetível de evocar sentimento de temor, mistério e amor, do mesmo modo que a comunhão sexual” (SODRÉ, 1984, p. 11). O que “a imaginação tem como equivalente o ato de ver e o fato de ser visto” (p. 12). Citando Valéry (s/d), p.128), Sodré (1984, p.12) diz: “J’aime!... Et qui donc aimer autre chose que soimême...? (Eu amo, eu amo, e quem pode amar outra coisa que a si mesmo?)”. Ele, então, afirma que, de fato, “o homem só pode amar a si mesmo ou seu semelhante (com o qual possa se identificar) ou então um ser transcendente capaz de essencializar a sua humanidade” Contudo, para ser social, esse “amor de si mesmo” “obriga-se à troca com um outro”. Assim, entendo que, mesmo o amor por si, o ato narcísico, ele precisa do outro (do olhar do outro) para se constituir no contemporâneo.

Neste sentido, Lipovetsky (2004a, p. 20) aborda os temas do individualismo e do narcisismo, dizendo que, nos tempos de hoje, a obsessão de si de Narcisos, manifesta-se “menos pela febre de prazer e gozo que pelo medo da doença e da idade”. Conforme o autor, “Narciso está menos apaixonado por si mesmo que aterrorizado pela vida cotidiana; seu corpo e o ambiente social parecendo-lhe mais agressivos” (LIPOVETSKY, 2004a, p. 20).

Já para Mehdizadeh (2010, p. 358), citando Oltmanns, Emery e Taylor (2006), o narcisismo é “um padrão invasivo de grandiosidade, necessidade de admiração e um sentimento exagerado de auto-importância”<sup>16</sup>. Frisa que o narcisismo está associado com as visões de si mesmo positivas que incluem a inteligência, a atratividade física, e o poder. Diz que as características centrais para a maioria dos

---

<sup>16</sup> Tradução livre.

modelos teóricos que abarcam a questão do narcisismo, e que se referem ao uso de relações sociais, é empregada no intuito de regulamentar a estima narcisista.

Acredito neste pensamento, no que se refere à importância que o indivíduo dá ao seu ambiente social e ao seu capital social. Os tempos atuais parecem indicar que não basta apenas o indivíduo se olhar no espelho para enxergar-se amado, é preciso de um espelho em que os outros o vejam, e, mais do que isso, enxerguem o seu eu ideal, mediado por si mesmo, para o alcance de satisfação plena, nem que por um instante.

Conforme Paiva (2012) “o fenômeno do narcisismo”, especialmente no contemporâneo, apresenta-se como uma mistura de idolatria e vontade de aparecer, o que, segundo o autor, a filósofa Márcia Tiburi chama de “Complexo de Roberto Carlos”, referindo-se ao verso da canção “Eu quero ter um milhão de amigos”. Mas a dúvida é, e há amigos ou apenas há o desejo de plateia? Para Paiva (2012, p.2), os sintomas do narcisismo “(des)norteiam os indivíduos na era do virtual, obcecados pela fama e celebridade, mas também carentes das trocas afetivas com os semelhantes, numa época em que a comunicação face a face se tornou mais difícil”.

De acordo Primo (2010, p. 170), Twenge e Campbell (2009), em suas pesquisas, destacam que, inclusive, a Web 2.0 fortalece a cultura narcisista, característica marcante de nosso tempo, quando “jovens esforçam-se para mostrar em seus perfis fotos e textos que lhes valorizam e promovem o incremento do número de pessoas que lhes adicionam como ‘amigos’” (PRIMO, 2010, p.170).

Desta forma, pensando a partir das redes sociais, Paiva (2012) reflete sobre o narrador contemporâneo, imerso nas redes sociais da web, apresentado um narrador que, de certa forma, remete ao contador de histórias de Benjamin. Porém, com foco não mais na questão de uma transmissão de ensinamentos, de histórias vivenciadas no campo ou no mar, com poder de agregar valor a quem as toma, mas como de narrativa de si mesmo.

Neste sentido, Sibilia (2008) diz que em uma atmosfera como a contemporânea, existe de fato um estímulo à hipertrofia do “eu” e do desejo de ser diferente. Assim, a Internet é um cenário privilegiado para isso:

Em uma sociedade tão espetacularizada como a nossa, não surpreende que as fronteiras sempre confusas entre o real e o ficcional tenham se desvanecido ainda mais. O fluxo é duplo: uma esfera contamina a outra, e a nitidez de ambas as definições fica comprometida. Pelos mesmos motivos,

tornou-se habitual recorrer aos imaginários ficcionais para tecer as narrações da vida cotidiana, o que gera uma coleção de relatos que confluem na primeira pessoa do singular: Eu. Em anos recentes, no entanto, as narrativas de ficção parecem ter perdido boa parte de sua hegemonia inspiradora para a autoconstrução dos leitores e telespectadores, com uma crescente primazia de seu suposto contrário: o real. (SIBILIA, 2008, p. 223)<sup>17</sup>.

Em razão disso, é possível observar que os indivíduos do século XXI estão cada vez mais interessados em assistir “relatos reais”, de pessoas “reais”. E que, não por acaso, os relatos de pessoas “de carne e osso” vêm ganhando tanto espaço. É o que Sibilía (2008) trata como sendo relação à crise da ficção frente ao desejo de real, que justifica, inclusive, o aumento das vendas de biografias em todo o planeta, confirmando a fascinação crescente pelas vidas reais “apesar de que não sejam grandes vidas, de figuras ilustres ou exemplares, como se vê por todas as partes: basta que sejam autênticas, realmente protagonizadas por um *eu* de verdade”<sup>18</sup> (SIBILIA, 2008, p. 231).

Segundo Bruno (2004, p. 110), acerca da visibilidade, as novas tecnologias participam de uma transformação na maneira como “os indivíduos constituem a si mesmos e modulam sua identidade a partir da relação com o outro, mais especificamente com o ‘olhar’ do outro”. Para ela, os novos dispositivos tecnológicos (weblog e webcam, especialmente) geram novos formatos de exposição da vida íntima e privada e “dão continuidade a uma tendência inaugurada na modernidade, que é a incidência da visibilidade sobre o indivíduo comum, aspecto decisivo na produção de subjetividades e identidades”. Conforme a autora:

[...] talvez desde os meios de comunicação de massa a entrada no campo do visível equivale à entrada no mundo comum onde o necessário reconhecimento pelo outro dignifica e autentifica a existência individual. A exposição de si na Internet constitui um segundo passo nesta demanda por visibilidade na medida em que esta se desconecta do pertencimento ao mundo extraordinário da fama, do sucesso e da celebridade para se estender ao indivíduo qualquer, naquilo mesmo que ele tem de mais ordinário e banal. (BRUNO, 2004, p. 110).

<sup>17</sup> Tradução livre para: “En una sociedad tan espectacularizada como la nuestra, no sorprende que las fronteras siempre confusas entre lo real y lo ficcional se hayan desvanecido aún más. El flujo es doble: una esfera contamina a la otra, y la nitidez de ambas definiciones queda comprometida. Por los mismos motivos, se ha vuelto habitual recurrir a los imaginarios ficcionales para tejer las narraciones de la vida cotidiana, lo cual genera una colección de relatos que confluyen en la primera persona del singular: yo. En años recientes, sin embargo, las narrativas de ficción parecen haber perdido buena parte de su hegemonía inspiradora para la autoconstrucción de los lectores y espectadores, con una creciente primacía de su supuesto contrario: lo real”.

<sup>18</sup> Tradução livre para: “Aunque no sean grandes vidas, de figuras ilustres o ejemplares, como se ve por todas partes: basta con que sean auténticas, realmente protagonizadas por un yo de verdad”.

Assim, mais do que assistir aos relatos reais de um “eu de verdade”, os sujeitos querem narrar os seus próprios relatos do “eu”. Sibilia (2008) diz que os conteúdos que os indivíduos postam em suas redes sociais fazem com que os mesmos sejam os autores de seus perfis, de suas configurações do “eu”, visto que se utilizam das estratégias de autoconstrução e de autoexposição, apresentando, assim, a história, ou narrativa, de si mesmos. Obviamente com recortes, pois as apresentações de si nas redes sociais são, sobretudo, narrativas, e, como toda narrativa, tratam-se de construções.

Contextualizando as redes sociais com Arendt (2010, p. 33), segundo o pensamento grego, “o surgimento da cidade-estado significa que o homem recebera ‘além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*. [...] cada cidadão pertence a duas ordens de existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*)””. Contudo, no *Facebook*, o privado e o público parecem se confundirem, misturando-se, e esse movimento converte-se em uma estratégia, mesmo que inconsciente, de conquista de visibilidade, ao atender à ânsia pelo real vindo de sujeitos reais.

Ou seja, a visibilidade no *Facebook* é, sobretudo, uma relação de poder, pois, trazendo a questão ao conceito de Arendt (2010), acredito que:

[...] o único fator material indispensável para a geração do poder é a convivência entre os homens. Estes só retêm poder quando vivem tão próximos uns aos outros que as potencialidades da ação estão sempre presentes [...] Todo aquele que, por algum motivo, se isola e não participa dessa convivência, renuncia ao poder e se torna impotente, por maior que seja a sua força. (ARENDR, 2010, p. 213).

Neste sentido, segundo Jung (2008, p. 36), a formação do prestígio sempre é um produto do compromisso coletivo, pois não somente deve haver o sujeito que deseje ser prestigiado, como um público que procure alguém para prestigiar. Assim sendo, “seria inexato dizer que alguém adquire prestígio devido à sua vontade de poder individual; trata-se, muito mais, de uma questão coletiva”.

Desta forma, não ser visto pode ser entendido como perda (ou ausência) de poder e prestígio, de desvalorização, de exclusão de um grupo, de não pertencimento. Não ter “audiência”, ou seja, atenção, especialmente nas redes

sociais, no *Facebook*, pode significar, até mesmo, a não existência em um contexto contemporâneo midiático, profundamente imerso nas redes sociais.

#### 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS E O TRATAMENTO DAS EMERGÊNCIAS

O arranha-céu sobe no ar puro lavado pela chuva  
E desde refletido na poça de lama do pátio.  
Entre a realidade e a imagem, no chão seco que as separa,  
Quatro pombas passeiam. (BANDEIRA, 2009, p. 118).

No presente estudo, a constituição da metodologia foi construída levando em conta as questões que, como investigadora observadora, considere a partir das hipóteses levantadas. Como diz Duarte e Barros (2006), o método, em sua origem grega, significa “caminho”. Desta maneira, entendendo, assim como no poema de Antonio Machado, que “o caminho se faz ao caminhar”<sup>19</sup>, organizei o percurso pela perspectiva teórico-metodológica mais adequada ao projeto de investigação.

Assim, neste contexto, a pesquisa se constrói a partir dos procedimentos quantitativo e qualitativo, que entendo serem complementares. Quantitativo porque trabalhei com números, referentes à geração de emergências e posterior tratamento de tais emergências. E qualitativo porque, conforme Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 67), no que se refere às pesquisas na internet, estas visam “uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social”. Ainda há como abordagem o método indutivo, quando, a partir de um *corpus* particular, é inferido um tratamento de um contexto mais amplo.

Segundo Stumpf (2006), para se estabelecer as bases no que se pretende avançar, é necessário conhecer o que já existe. Por esse motivo, o primeiro movimento feito, iniciado em novembro de 2014 e estendendo até a finalização do estudo, foi a revisão da literatura existente sobre o assunto a ser dissertado. Assim, a primeira parte foi constituída de uma pesquisa bibliográfica, quando busquei, por intermédio de livros, artigos, meios de publicação em periódicos (revistas, boletins,

---

<sup>19</sup> Tradução livre para fragmento do poema XXIX, de *Proverbios y Cantares*, do poeta Antonio Machado (2016): "Caminante, son tus huellas / el camino, y nada más; / caminante, no hay camino, / se hace camino al andar. / Al andar se hace camino / y al volver la vista atrás / se ve la senda que nunca / se ha de volver a pisar. / Caminante, no hay camino, / sino estelas en la mar".

jornais), fontes digitais, como sites da Internet, entre outros, o embasamento teórico necessário para os assuntos pertinentes ao trabalho.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, trabalhei com a pesquisa empírica, que, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 53), “tem a intenção de avançar ou aprimorar o conhecimento sobre o mundo que nos cerca e, para isso, requer a realização de experimentos ou, como é mais comum nas ciências humanas e sociais, de observação”.

Concomitantemente com o início da pesquisa bibliográfica, comecei o trabalho a partir de uma pesquisa exploratória inicial, quando observei, por um período de um mês (entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015) o ambiente *Facebook* e busquei identificar a possibilidade de um provável *corpus*, ou amostra, para a pesquisa. Após esta empreitada, foi definido com cuidado, a partir de critérios estabelecidos, o que e quem seria observado na amostra da pesquisa. Para se chegar a esse *corpus* em questão, foi feita uma seleção no que se refere à *timeline*<sup>20</sup> da pesquisadora<sup>21</sup>, neste caso, a minha. Desta forma, do total de 528 indivíduos (amigos) da minha rede de contatos na plataforma *Facebook*, foram pré-selecionados aqueles sujeitos que atendiam aos seguintes quesitos:

- 1) Os usuários que com mais frequência postaram mensagens de texto e imagens (contendo textos);
- 2) Os usuários que postaram mensagens de texto e imagens referindo-se ao “eu”, com narrativas de si mesmo;
- 3) Os usuários que se autonarraram usando temas alusivos ao privado e à intimidade.

Desta forma, cheguei ao número de 36 usuários iniciais da pesquisa exploratória (uma amostragem de 6,81% dos usuários totais), levando em conta o primeiro quesito. Posteriormente, cheguei a 15 usuários aptos a serem observados, levando em conta, agora, o primeiro e o segundo quesitos. Após, foi feita uma apuração ainda maior da seleção, quando parti para a observação direta na *timeline* dos sujeitos. Destes, enfim, escolhi os que melhor responderam ao objetivo do estudo, então, levando em conta, também o terceiro quesito. Desta maneira, na

<sup>20</sup> Linha do tempo, ou página principal da rede social *Facebook*.

<sup>21</sup> Quando da escolha pela observação da *timeline* da própria pesquisadora, tive a ciência dos riscos de escolher pessoas do meu próprio círculo, da minha própria rede. Contudo, entendo coerente a decisão, pois está de acordo com o paradigma autopoietico, do sujeito que não é nem está separado do seu mundo.

amostra, cheguei ao número de 10 sujeitos que melhor se adequaram aos três quesitos pré-definidos.

O registro das emergências geradas pelos 10 sujeitos se deu no período de quatro meses, de 01 de julho de 2015 a 31 de outubro de 2015. Para tanto, foram salvas as postagens dos usuários, por meio da captura das telas *printscreens*<sup>22</sup> diretamente na *timeline* dos próprios sujeitos elencados. Em seguida, todas as emergências salvas foram devidamente transcritas e tabuladas.

No momento da observação atenta das emergências, entendi pertinente retirar um dos 10 sujeitos da pesquisa, pois, ao contrário do previsto, o mesmo não teve um número relevante de postagens para a proposta do estudo, as narrativas de si, no período determinado. Assim, a pesquisa continuou, então, com nove sujeitos.

É importante mencionar que o trabalho passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade e, após indicação de tal órgão, solicitei a devida autorização aos nove sujeitos observados para que pudesse utilizar as postagens dos mesmos no estudo. O pedido de autorização foi feito após todas as postagens estarem salvas, sendo que o material utilizado é todo anterior à autorização. Ou seja, se o pedido de autorização fosse feito anteriormente, os sujeitos estariam cientes de que seriam observados e isso, possivelmente, comprometeria a pesquisa.

Os nove sujeitos autorizaram a utilização das suas narrativas na pesquisa, assinando o formulário disponibilizado para tanto, desde que tivessem suas identidades preservadas. Assim, subtraímos as informações nas quais havia nomes e outras possibilidades de identificação. No presente estudo, me refiro aos sujeitos voluntários como S1, que se refere ao sujeito 1, e assim por diante: S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8 e S9<sup>23</sup>.

No período de quatro meses em que observei os sujeitos voluntários selecionados para o presente estudo, verifiquei que os mesmos, além das narrativas de si propriamente ditas, postaram outros vários tipos de informações, como: imagens em geral, *memes*, frases em formato de imagem, fotos e *selfies*<sup>24</sup>. Porém,

---

<sup>22</sup> Ação de captura, em formato de imagem, daquilo que está presente na tela do computador.

<sup>23</sup> S1 é mulher, tem 33 anos e curso superior completo; S2 é homem, tem 37 anos e curso de pós-graduação completo; S3 tem 36 anos e curso superior incompleto; S4 é homem, tem 54 anos e curso de pós-graduação completo; S5 é homem, tem 36 anos e curso superior completo; S6 é mulher, tem 21 anos e curso superior incompleto; S7 é homem, tem 25 anos e ensino médio completo; S8 é mulher, tem 41 anos e ensino médio completo; S9 é mulher, tem 60 anos e ensino médio completo.

<sup>24</sup> Autorretrato digital, ou, uma foto que a pessoa tira de si mesma.



para o presente trabalho, analisei apenas aquelas postagens de texto que entendi serem narrativas de si explícitas (que continham pronomes como “eu”, “mim” “meu”, “nós”, “nosso” ou com verbos conjugados na “primeira pessoa” do singular e do plural). Para este estudo, não foram consideradas as imagens por uma questão de possibilidade de operacionalização. Logo, não abrangei as fotos (nem mesmo as *selfies*), apenas os textos propriamente ditos.

Também por uma questão de operacionalização do trabalho, apesar de relevantes no que se refere à construção do “eu”, não foram considerados os comentários, tanto de terceiros quanto dos próprios sujeitos voluntários, nas postagens.

#### **4.1 Do tratamento das emergências quantitativas**

Da análise feita junto aos nove sujeitos voluntários, a partir das 1.112 postagens salvas, observei a emergência de 29 padrões de repetições sobre assuntos diversos relacionados ao grande tema do “eu”. Esses padrões de repetições, que chamei de PsRs ou PR (no singular), foram agrupados em oito temáticas emergentes, que chamei de TsEs ou TE (no singular), quais sejam: Alimentação, Atividades laborais, Cultura, Diversos, Estado de ânimo, Propaganda de si, Reflexões e Relacionamentos.

A definição das nomenclaturas atribuídas aos padrões de repetições se deu a partir das observações dos conteúdos das postagens. Ao que elas se referiam, ao assunto abordado predominantemente. Assim, enquanto eram feitas as observações das autonarrativas e anotações do que emergiam de tais textos, foram sendo agrupadas aquelas postagens que tinham similaridade de assuntos/tema. Então, foram dadas a elas nomenclaturas que pudessem representar aquelas manifestações específicas relacionadas entre si. É importante destacar que uma única postagem, em alguns casos, foi incluída em mais de um padrão de repetição, neste caso, quando a postagem/texto abordava dois ou mais assuntos diversos.

Posteriormente foi feita a escolha das nomenclaturas atribuídas às temáticas emergentes. O processo se deu, também, a partir das observações gerais feitas, agora, a partir dos padrões de repetições que emergiram. Elenquei aqueles PsRs

que tinham relação entre si, que poderiam estar enredados em um mesmo grupo. No caso, agrupei em cada uma das TsEs os padrões de repetições que tinham relação entre si.

#### 4.1.1 Dos números

No que chamei de 29 padrões de repetições emergidos das narrativas dos sujeitos voluntários, cheguei às oito temáticas emergentes com os seguintes registros quantitativos:

- a) Alimentação: aqui aloquei as narrativas referentes à Comida/Bebida, totalizando 116 incidências;
- b) Atividades Laborais: aloquei as narrativas com incidência das marcas: Trabalho, Produção textual/autoral, Estudos, Esportes, totalizando 173 incidências;
- c) Cultura: aloquei as marcas Livros/Leituras/Filmes, Viagens/Locais/Eventos e Poéticos, totalizando 188 incidências;
- d) Diversos: aloquei os padrões de repetições Clima/Tempo, Transporte/Locomoção e Dinheiro, totalizando 77 incidências;
- e) Estado de ânimo: aloquei as narrativas que apresentaram incidência das marcas: Otimismo/Motivação, Humor/Ironia, Tristeza/Decepção, Solidão, Saudade e Saúde, totalizando 262 incidências;
- f) Propaganda de si: aloquei as narrativas referentes à Promoção/Visibilidade, Compras e Visual/Look, totalizando 103 incidências;
- g) Reflexões: aloquei as marcas Desabafo/Crítica Social, Devaneio, Nostalgia/Infância, Reflexões sobre a escrita e Identidade, totalizando 276 incidências;
- h) Relacionamentos: aloquei os PsRs Família, Pets/Animais, Vida Amorosa e Amigos, totalizando 298 incidências.

Os gráficos a seguir ilustram o que significam os números que emergiram no decorrer do estudo. Aqui, destaco que, apesar de os gráficos parecerem, a princípio, uma forma um tanto cartesiana de tratativa, na medida em que eles vão sendo, posteriormente, consorciados com o tratamento qualitativo, eles cumprem a missão de aprofundar o estudo. Porque a pesquisa não traz somente as emergências

subjetivas nem só os números frios quantitativos. Acredito em olhar agregador no que se refere ao qualitativo com o quantitativo. Especificamente no caso das narrativas, entendo que as mesmas, assim como a vida, caminham em sentido circular, entrelaçando-se, estando, inclusive, por vezes, umas sobrepostas às outras.

**Gráfico1: Temáticas Emergentes (TsEs)**



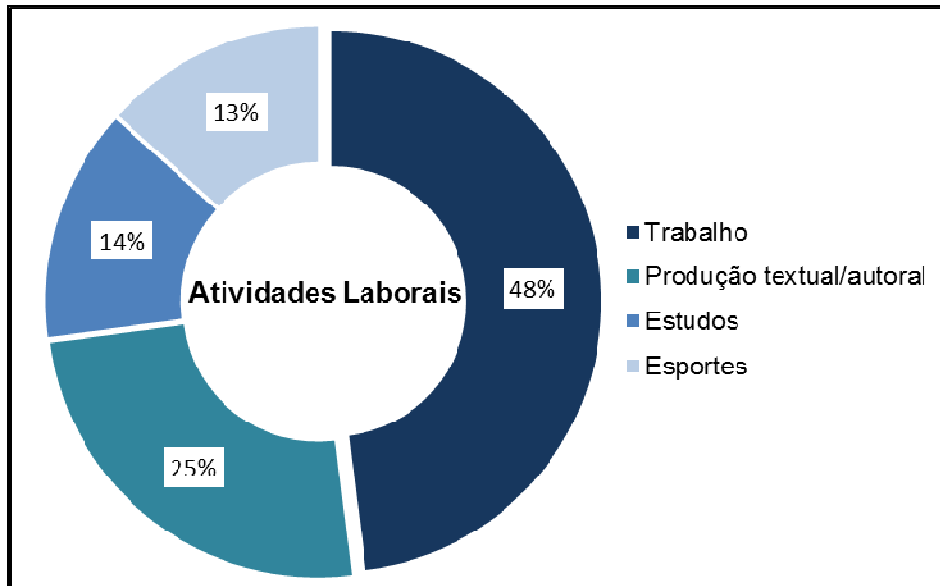
Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

Os números específicos de cada um dos padrões de repetições, elencados nas oito temáticas emergentes, bem como os gráficos ilustrativos, foram os seguintes:

- a) Alimentação: Comida/Bebida (116).

- b) Atividades laborais: Trabalho (83), Produção textual/autoral (43), Estudos (24), Esportes (23).

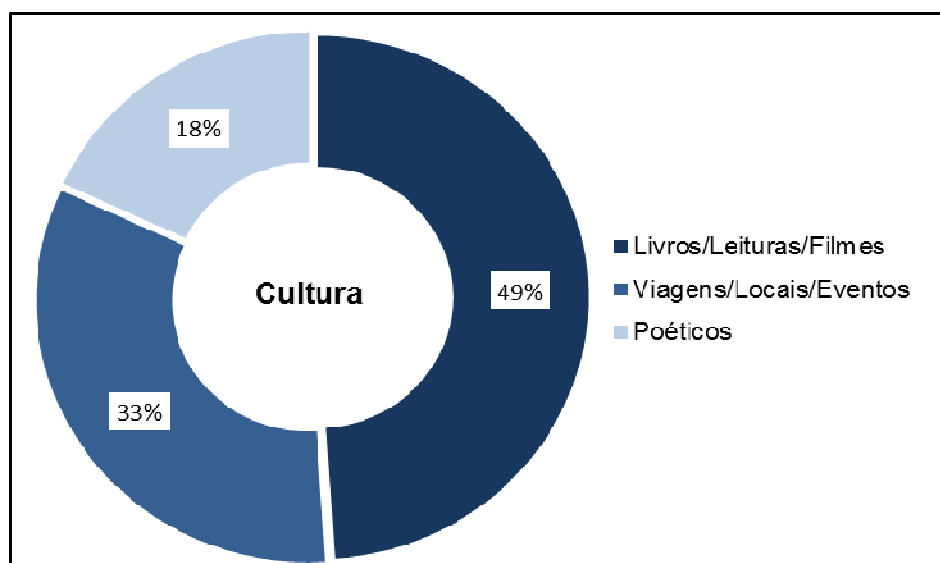
**Gráfico 2: Padrões de repetições – Atividades laborais**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

- c) Cultura: Livros/Leituras/Filmes (92), Viagens/Locais/Eventos (62), e Poéticos (34).

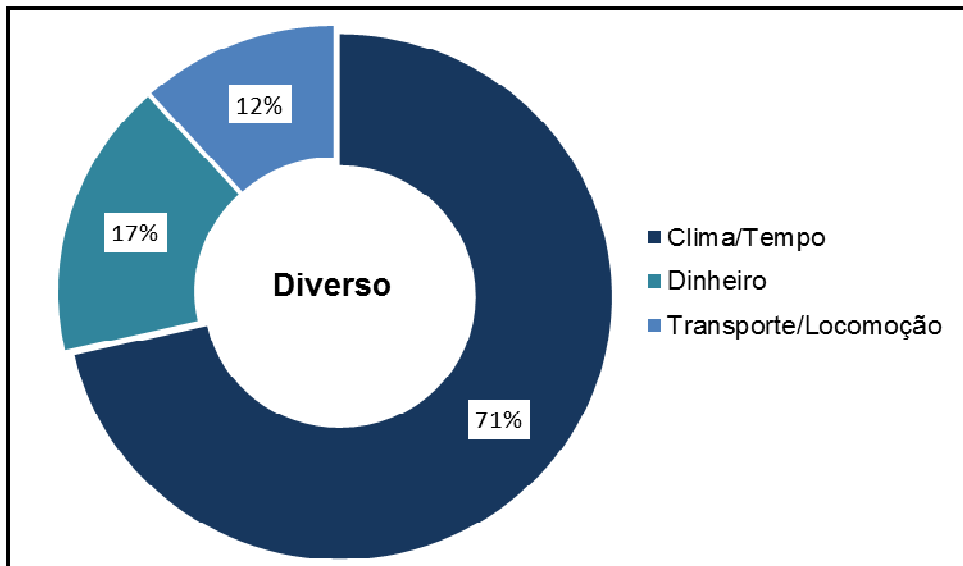
**Gráfico 3: Padrões de repetições – Cultura**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

- d) Diversos: Clima/Tempo (55), Transporte/Locomoção (9) e Dinheiro (13).

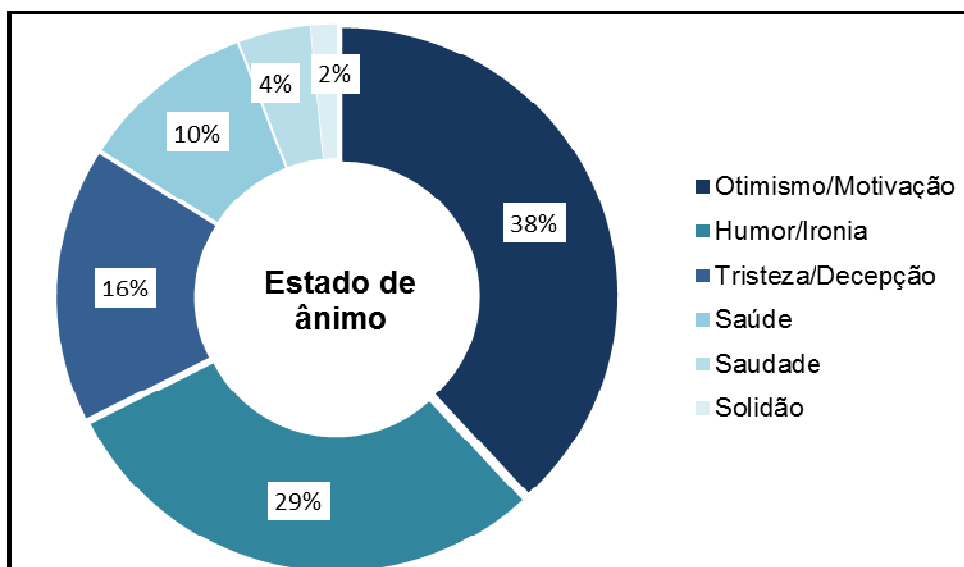
**Gráfico 4: Padrões de repetições – Diversos**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

- e) Estado de ânimo: Otimismo/Motivação (100), Humor/Ironia (77), Tristeza/Decepção (43), Solidão (4), Saudade (11) e Saúde (27).

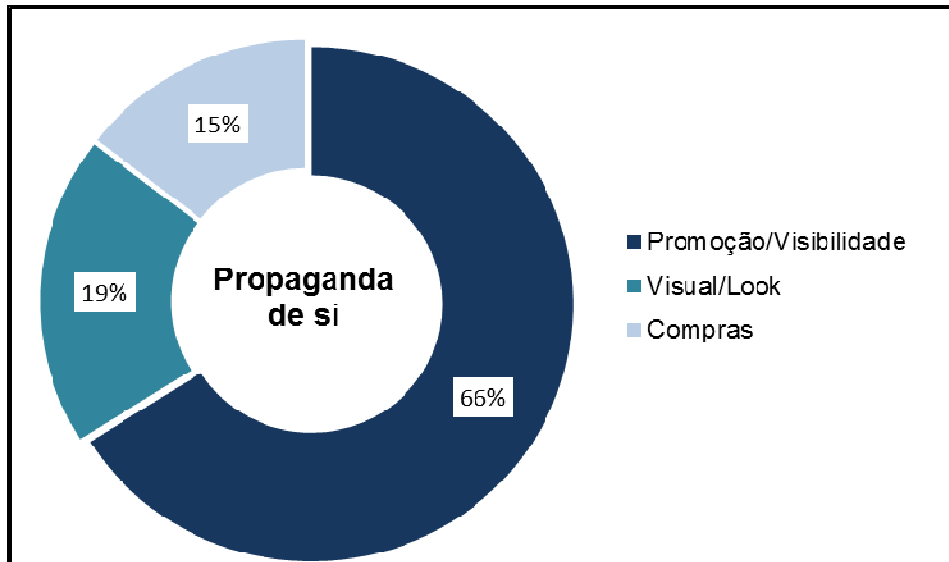
**Gráfico 5: Padrões de repetições – Estado de ânimo**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

- f) Propaganda de si: Promoção/Visibilidade (68), Compras (15) e Visual/Look (20).

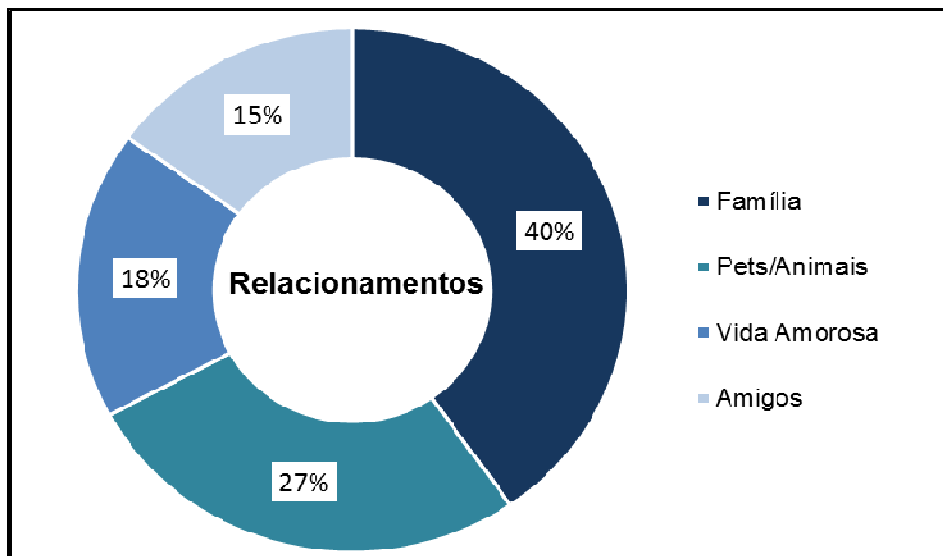
**Gráfico 6: Padrões de repetições – Propaganda de si**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

- g) Relacionamentos: Família (120), Pets/Animais (80), Vida Amorosa (53) e Amigos (45).

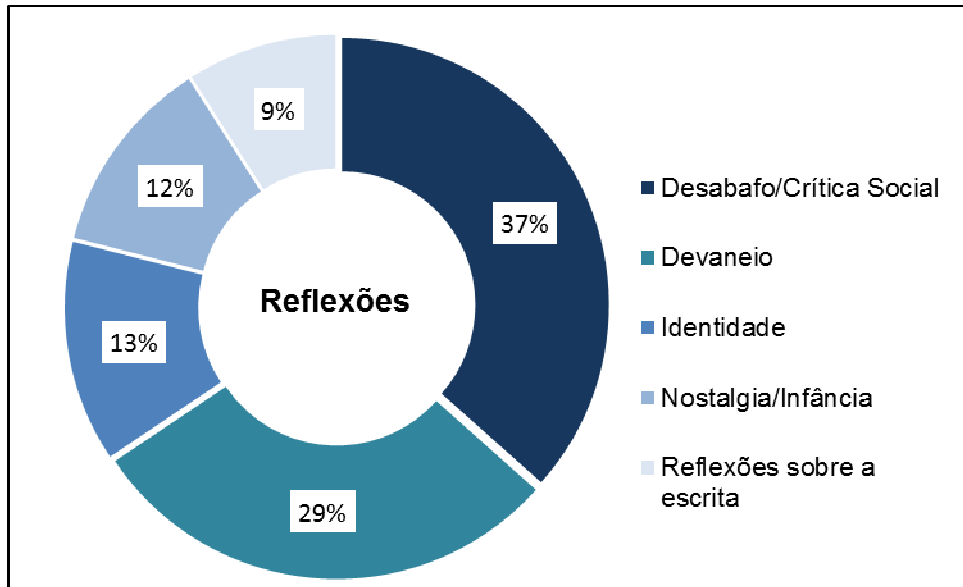
**Gráfico 7: Padrões de repetições – Relacionamentos**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora

- h) Reflexões: Desabafo/Crítica Social (101), Devaneio (80), Nostalgia/Infância (33), Reflexões sobre a escrita (25) e Identidade (37).

**Gráfico 8: Padrões de repetições - Reflexões**



Fonte: Números obtidos pela pesquisadora.

#### 4.1.2 Das observações gerais quantitativas

Observei que, das TsEs, a maior recorrência encontra-se em “Relacionamentos”, com 20% das incidências totais, sendo que, ampliando a observação sobre a temática, verifiquei que a maior recorrência se dá com os PsRs “Família”, com 40% das incidências, seguida por “Pet/Animais”, com 27%, “Vida amorosa”, com 18% e, por fim, “Amigos”, com 15%.

A segunda maior recorrências, com 18% das incidências totais, se deu nas TsEs “Reflexões” e “Estado de Ânimo”. Expandindo a observação sobre o tema “Reflexões”, verifiquei que a maior recorrências se deu com o PR “Desabafo/Crítica Social”, com 37% incidências, seguida das marcas “Devaneio”, com 29% das incidências, “Identidade”, com 13%, “Nostalgia/Infância”, com 12%, e, por fim, “Reflexões sobre a escrita”, com 9% das incidências. Já sobre a temática “Estado de ânimo” a maior recorrência se deu com o PR “Otimismo/Motivação”, com 38% das incidências, “Humor/Ironia”, com 29%, “Tristeza/Decepção”, com 16%, “Saúde”, com 10%, “Saudade”, com 4%, e “Solidão”, com 2% das incidências.

Percebi que, das TsEs, as três mais citadas (Relacionamentos, Reflexões e Estado de ânimo) representaram 56% do total, mais da metade das incidências. Assim, elenquei os temas pelos mais citados, maior parte, e pelos menos citados, menor parte, com 44% do total.

Desta forma, o primeiro dos temas que representam as incidências menos citadas foi o “Cultura”, com 13% das menções totais. Alargando a observação sobre a temática, constatei que a maior recorrência se deu com o PR “Livros/Leituras/Filmes”, com 49% das incidências, seguido por “Viagens/Locais/Eventos”, com 33%, e “Poéticos”, com 18%.

Outro dos temas que representam as incidências menos citadas foi o “Atividades laborais”, com 12% das menções totais. Abrindo a observação sobre a temática, notei que a maior recorrência se deu com o PR “Trabalho”, com 48% das incidências, seguido por “Produção textual/autoral”, com 25%, “Estudos”, com 14%, e “Esportes”, com 13% das incidências.

Outra TE que tratei foi a “Alimentação”, que apresentou 8% das menções totais da pesquisa. Expandindo a observação sobre o tema em tela, observei que a recorrência se deu toda no PR “Comida/Bebida”, que teve 100% das incidências.

Sobre a TE “Propaganda de si”, que apresentou 7% das menções totais da pesquisa, observei que as recorrências se deram com o PR “Promoção/Visibilidade”, com 66% das incidências, “Visual/Look”, com 19% das incidências, e “Compras”, com 15% das incidências.

Por fim, na TE “Diversos”, percebi a emergência de relatos os quais entendo que não se harmonizariam tão bem nas outras TsEs (as já mencionadas), pois eram PsRs relacionados a: “Clima/Tempo”, com 71% das incidências, “Dinheiro”, com 17% das incidências, e “Transporte/Locomoção”, com 12% das incidências.

## **4.2 Do tratamento das emergências qualitativas**

Muitas foram as narrativas que emergiram dos sujeitos durante o desenvolvimento do trabalho. Desta forma, pelo número expressivo de textos e por questões de operacionalidade da pesquisa, decidi por trazer a descrição de apenas uma narrativa para cada padrão de repetição (exceto no PR “Alimentação”, que trago três exemplos), para, assim, demonstrar o tipo de autonarrativa que emergiu



dos sujeitos quando falavam do que elenquei como cada uma das TsEs. É importante mencionar que trago todas as autonarrativas dos sujeitos na íntegra, exatamente da maneira que foram postadas no *Facebook*.

O único PR que não apresentei exemplo foi o de “Produção textual/autoral”, pois o material encontrado, pelo fato de vários textos terem sido publicados, também, em veículos de comunicação, abarcariam questões de direitos autorais e, bem como, por identificariam o sujeito analisado com facilidade, o que não é o propósito da pesquisa em questão.

Assim, com esta decisão metodológica, apesar de terem emergido excelentes exemplos de narrativas do “eu” nas postagens localizadas nas telas do *Facebook* capturadas da *timeline* dos sujeitos voluntários, foi preciso, não sem dificuldade, escolher quais, dentre as mais de mil narrativas de si, seriam aquelas que estariam descritas no trabalho para exemplificar os PsRs. Então, optei por demonstrar aquelas que traziam mais significância para ilustrar cada um dos PsRs específicos e, principalmente, para aclarar o que o trabalho de pesquisa se propõe.

#### 4.2.1 Do tratamento da TE – Relacionamentos

Na TE “Relacionamento”, na marca “Família”, observei a emergência de relatos relacionados a filhos, pais, irmãos, parentes de uma forma geral. Na marca “Pet/Animais”, observei narrativas sobre animais de estimação, especialmente cachorros e gatos. Contudo, também observei a incidência, por parte de um dos sujeitos (S9), de referências a cavalos, ovelhas e tatus. No PR “Vida amorosa”, observei narrativas com menções aos(às) cônjuges dos sujeitos: namorados(as), maridos/esposas. E, em “Amigos”, observei narrativas de si que também mencionavam amigos e/ou conhecidos dos sujeitos<sup>25</sup>.

Essas observações levam a entender que os sujeitos voluntários destacaram, em suas autonarrativas, possivelmente o que acreditam que tem mais significado para si. Que pontuam sua história pessoal, de vida, como frisou Motta (2013). A família é, sem dúvidas, significativa para os indivíduos, pois é a base, o primeiro contato dos seres humanos com os relacionamentos pessoais. Os animais (os pets),

<sup>25</sup> No que se refere aos “amigos” dos sujeitos no *Facebook*, destaco que S4 tinha, quando da observação, 4973 amigos, S2 tinha 2481 amigos, S5 tinha 1334 amigos, S3 tinha 1148 amigos, S9 tinha 1130 amigos, S6 tinha 934 amigos, S8 tinha 865 amigos, S1, 625 amigos e, por fim, S7 não tinha visível o número de amigos, mas tinha disponível o número de seguidores, que eram 524.

nos tempos atuais, também podem se enquadrar no referencial de família, por esse motivo, acredito que tenham sido citados em um número relevante. As citações encontradas em “Relacionamentos”, especialmente por aparecerem em maior número, têm sentido, pois, como trouxe Freud (2013), não vivemos em solidão extrema, tendo em vista que os sujeitos se sentem incompletos quando estão sós. Para Freud, a comunidade é fundamental para os indivíduos. Da mesma forma, contextualizando com Lipovetsky (2007), a sociedade atual não é sinônimo de encapsulamento e de “confinamento interativo generalizado”. Ao contrário, as tecnologias não suprimiram a necessidade dos indivíduos de manterem contato com as pessoas, com os amigos, com o “mundo”, pois as relações virtuais não ameaçam as relações pessoais. Assim, entendo que as relações virtuais são, também, relações pessoais.

Conforme diz Santaella e Lemos (2010), inclusive, os indivíduos levam para a rede social *Facebook* pessoas que já são de seu convívio, como amigos, família, colegas, e, por isso, a plataforma é mais fácil do que outras redes sociais para rastrear os processos de formação de laços, para a autora. Essas colocações auxiliam a compreender o porquê do tema “Relacionamentos” ser o mais citado pelos sujeitos voluntários em suas narrativas de si. O ser humano é, sobretudo, um ser social.

Abaixo, trago exemplos de autonarrativas referentes aos padrões de repetições agrupados no tema “Relacionamentos” e suas respectivas tratativas. Todas postagens foram transcritas na íntegra:

1) S3 narrou sobre “Família”, em postagem com 94 curtidas, de 09/08/2015, que acompanha uma *selfie* do usuário com a filha:

*Sim meu dia foi muito mais que especial porque ela estava ao meu lado neste Dia dos Pais, sempre junto comigo em minhas loucuras e folias...hehehe! Obrigado meu Amor sempre quero lhe ter pertinho de mim, seja no frio ou no calor, de dia ou a noite. Bjão e obrigado por tornar meus dias ainda mais felizes e ser um dos motivos para que eu continue ainda mais focado em meus objetivos, porque isso é por você e para você. Te amo [nome da filha]! (sic).*

2) S1 narrou sobre “Pets/Animais”, em postagem com 10 curtidas, de 05/07/2015, na qual foram marcadas três pessoas, bem como foi marcada a localização:

*Ajudando os gatinhos. Comprando fofices de gatinhos e comendo delícias! [Nome do gato] já ganhou cama nova (sic).*

3) S9 narrou sobre “Vida Amorosa”, em postagem com 69 curtidas, de 14/08/2015:

*Meu marido [nome do marido], chegou atrasado para o almoço. O motivo foi salvar uns muçuns novinhos que ficaram em uns pneus retirados da sanga que foi limpa htem. Quase desisti, disse ele, pois resvalam muito, consegui salvar todos e estão de volta na água. Tudo por ti... Esse é meu companheiro!!! (sic).*

4) S7 narrou sobre “Amigos”, em postagem com 48 curtidas, de 20/07/2015:

*Todos os dias é dia do Amigo, defino meus amigos como irmãos que podemos escolher, são pessoas especiais que por um motivo ou outro estão no meu coração. Por um motivo ou outro, eu nunca deixo de pensar neles, mesmo eu as vezes estando distante, ou as vezes viajando, eu sempre penso em neles. Sou bastante sociável e muito e muito leal aos meus verdadeiros amigos, hoje uma amizade sincera é rara e difícil de se encontrar. Aos meus pragas, um forte abraço e saibam que sempre que precisar terão um amigo pra contar, pra chorar, rir e incomodar!! Feliz dia do amigo! (sic).*

Desta forma, a partir das postagens citadas, observei que na postagem sobre “Família, S3 inicia sua autonarrativa contando algo passado, como se estivesse respondendo a um questionamento. Desta maneira, dá a entender que o sujeito dialoga com alguém, talvez com o próprio *Facebook*, respondendo a pergunta feita pelo *Facebook* na *timeline* dos usuários: “O que você está pensando?”, ou “O que você gostaria de escrever agora?”, talvez com os amigos ou, ainda, talvez consigo mesmo. Contudo, em seguida, já na segunda frase da mensagem, o sujeito inicia um discurso se dirigindo à filha, diretamente, citando o nome da mesma. Entretanto, em nenhuma das postagens o sujeito marcou<sup>26</sup> a criança no texto ou na fotografia, sendo que, acredito que ela não tenha página registrada no *Facebook*, até mesmo em função da pouca idade. Entendo que o sujeito tenha escrito uma mensagem direcionada a uma pessoa que não tem acesso à mesma.

<sup>26</sup> Marcar uma pessoa em uma postagem do *Facebook* é quando o autor da mensagem menciona uma pessoa, uma página ou um grupo em uma publicação ou comentário (essa menção se dá quando o autor digita o nome da pessoa com a primeira letra em maiúscula ou @ mais o nome de uma página ou grupo). Assim, um link é criado a partir dessa marcação. Além disso, a pessoa, a página ou o grupo citado na postagem poderá receber uma notificação e a publicação ou o comentário poderá aparecer na Linha do Tempo, *timeline*, dessa pessoa, página ou grupo também (FACEBOOK, 2015).

Observei que na postagem “Pets/Animais”, S1 fala de si em primeira pessoa, narrando o que está fazendo. É interessante frisar que a narração está na forma nominal do verbo “gerúndio”, indicando um processo incompleto, prolongado ou em curso, como neste caso em que dá a impressão de que o relato seja de situação que esteja acontecendo naquele momento. É uma narração homodiegética “na perspectiva *passando pela personagem*”, em que Reuter (2011) diz que é aquela em que o narrador relata o que acontece não de maneira retrospectiva, mas no momento em que aquilo acontece. A narrativa é feita no presente, o que dá a impressão de simultaneidade entre o que ele percebe e o que diz.

Já na postagem sobre “Vida Amorosa”, S9 inicia o relato narrando no passado, se referindo ao atraso do marido para o almoço em virtude de uma ação feita pelo mesmo. Contudo, na terceira frase do relato, S9 inicia um discurso em que repete uma fala do cônjuge com ela (S9). Narra na perspectiva de mimese, quando faz um discurso como se se tratasse de outra pessoa, sendo que busca aproximar seu estilo o máximo possível à pessoa que fala. Na última frase, S9 volta a falar por si, como simples narrativa, quando fala em seu nome e não busca falar como se o autor das palavras não fosse ela. De qualquer forma, segundo Reuter (2011, p.64), em todas as narrativas, pelo próprio fato de contar, o narrador assume duas funções principais: “a *função narrativa* (ele conta e evoca um mundo) e a *função de direção* ou de controle (ele organiza a narrativa, na qual insere e alterna narração, descrição e falas das personagens)”.

Observei que na postagem sobre “Amigos”, S7 inicia o relato narrando no presente, falando dos amigos por meio de discurso indireto, pois fala deles. Já na penúltima frase, S7 troca o discurso indireto pelo direto, quando se dirige diretamente aos amigos, falando a eles – mesmo não marcando nenhuma pessoa na postagem. O sujeito também usa a narrativa (mesmo sendo o foco da mensagem a amizade, o dia do amigo, os seus amigos em si) para falar de si, para descrever as suas próprias características como amigo.

Assim, nesta TE observei que os sujeitos trazem relatos do âmbito privado, especialmente nos PsRs “Família” e “Vida Amorosa”, bem como publicizam suas intimidades em uma arena pública. Além de expressarem questões da vida particular, aqui, parece que os sujeitos têm a necessidade de publicizar a felicidade,

momentos felizes, pessoas (do círculo íntimo) que amam e, também, o fato de serem amados e bem quistos.

Nas quatro amostras apresentadas na TE “Relacionamentos”, entendi que todas elas apontam para a autopoiese, pois são narrativas da vida, muitas vezes íntima, dos sujeitos, da construção que cada um faz de si mesmo a partir de suas relações. Seja falando do quão especial foi o seu dia por estar com a filha, do fato de estar praticando uma boa ação, no caso ajudando animais (gatinhos), da relação de afeto com o marido ou, ainda, da relação de amizade que tem com outros sujeitos.

#### **4.2.2 Do tratamento da TE – Reflexões**

No que se refere à TE “Reflexões”, no PR “Desabafo/Crítica Social”, observei a emergência de relatos relacionados a desabafos, descontentamentos e críticas dos sujeitos principalmente com relação à política, à sociedade, violência, maus tratos aos animais, preconceito e discriminação. Na marca “Devaneio”, observei narrativas referentes ao estado de divagação dos sujeitos, quando estes falam sobre a vida, se deixam levar pela imaginação, pelos anseios ou tomam-se por pensamentos profundos. No PR “Identidade”, observei incidências de referências sobre identidade gaúcha, por meio de referências à terra natal, à gastronomia, à vestimenta, ao frio, às tradições. Também observei referências à cultura do samba e do carnaval. Nesta marca observei aspectos que remetiam às raízes dos sujeitos, especialmente do S1, que mora em outro estado diferente do seu de nascença, e do S7, que reside em cidade diversa da natal. No PR “Nostalgia/Infância”, observei referências à infância, à escola, a professores, ao passado, de uma forma geral. Na marca “Reflexões sobre a escrita”, principalmente o S2, falou sobre a prática da escrita, dificuldades e processo criativo.

Tais observações levam a crer que os sujeitos voluntários destacaram, em suas autonarrativas, questões reflexivas, pois, conforme apresentou Santos (2013), a narrativa representa uma maneira de ordenar a experiência humana, uma forma de construção da realidade e de atribuição de sentido. Falando de coisas que perturbam, incomodam, angustiam, de lembranças, ou devaneios, os indivíduos conseguem organizar seus pensamentos. Conseguem, além de “colocar para fora”, de fazer a catarse curativa, de organizar quem são. Neste sentido, segundo diz

Parente (2010), o sujeito, que é um sistema autopoiético, tem a capacidade de se organizar como uma rede autorreferente.

O foco sobre si está no centro das questões sobre a identidade. As autonarrativas que evocam aspectos de identidade explícitos, pois, de fato, todas as autonarrativas são afirmativas de identidade, no meu entendimento, conforme disse Bauman (2005) é o assunto do momento e entendo aqui que emerge tanto a identidade individual, que se refere ao “eu”, quanto a social, que se refere aos outros. Quando os sujeitos destacam questões indenitárias, como origens culturais, tradições, costumes, etc., estão se diferenciando no mundo, demonstrando sua individualidade, sua unicidade, mas, ao mesmo tempo, estão se aproximando de outros, pois, segundo Violante (1985), a identidade diferencia o indivíduo, assim como também o torna igual.

Acredito, assim como Martino (2010), que a identidade se desenvolve por meio dos discursos, de quem somos a partir de um passado, ensaiando quem seremos no futuro. As narrativas que destacam a identidade são mais do que uma forma de o sujeito se colocar no mundo, de dizer quem é. São uma forma de dizer quem não é. Dizendo quem não é, a partir de quem afirmamos ser, é uma construção da realidade que externamos por meio das narrativas. Uma maneira de se entender, desvendar, de se desenhar no mundo. Desta forma, conforme Bernd (2003), de fato não se pode dissociar a construção da identidade da narrativa.

A seguir, trago exemplos de autonarrativas referentes ao tema “Reflexões” e suas respectivas tratativas. Todas as postagens foram transcritas na íntegra:

1) S1 narrou sobre “Desabafo/Crítica Social”, em postagem com 10 curtidas, de 08/07/2015, que acompanha *link* e foto de notícia compartilhada, do Jornal Extra:

*Sinto muito medo do que vejo. Medo de uma sociedade que parece que só manteve as aparências em 200 anos. Só reprimiu e escondeu o ódio nato que sente. Não evoluiu, não aprendeu nada sobre compaixão e caridade mesmo que viva com uma bíblia ou evangelho enbebado embaixo do braço. Apedrejam e se dizem santos "de bem", quando o próprio Jesus foi lá e explicitamente parou o apedrejamento de uma adúltera. Nem para interpretar um texto simples servem? Tem a cara de pau de se dizer "gente de bem" quando matam. O crime merece mais que punição, meus amores, merece reforma, merece bom exemplo. Assassinato, linchamento e afins, não ensinam o cara que roubou e os outros de que roubar é errado, ensina que matar "resolve". Querem voltar para a barbárie da Idade Média? É isso? Parabéns! Estão no caminho certo se é essa a intenção, sociedade de "homens e mulheres de bem". Em tempo, a legenda da capa do Extra - um dos únicos jornais do país que ainda faz jornalismo. Vejam que mais de 70% dos comentários acharam justa a punição. São todos juizes e*

*carrascos. Nem precisamos mais de Poder Judiciário nesse país. Vamos dar um porrete e meio metro de corda para cada cidadão e pronto. "Os 200 anos entre as duas cenas acima servem de reflexão: evoluímos ou regredimos? Se antes os escravos eram chamados à praça para verem com os próprios olhos o corretivo que poupava apenas os "homens de sangue azul, juizes, clero, oficiais e vereadores", hoje avançamos para trás. Cleidenilson da Silva, de 29 anos, negro, jovem e favelado como a imensa maioria das vítimas de nossa violência, foi linchado após assaltar um bar em São Luís, no Maranhão. Se em 1815 a multidão assistia, impotente, à barbárie, em 2015 a maciça maioria aplaude a selvageria. Literalmente - como no subúrbio de São Luís - ou pela internet. Dos 1.817 comentários no Facebook do EXTRA, 71% apoiaram os feitores (sic).*

2) S2 narrou sobre "Devaneio", em postagem com 31 curtidas, de 05/09/2015:

*Tenho o direito de me afastar dos pensamentos ruins e que angustiam a mim e algumas pessoas que gosto, se está lendo isso, é porque não te exclui, ou ainda não. Estou ficando demasiado velho para certas diplomacias. O pouco que resta da vida (não me furto) guardo para ser vivida em paz (sic).*

3) Sobre "Identidade", o S1 narrou, em postagem com 16 curtidas, de 24/07/2015:

*Eu devo ser a gaúcha mais paulistana da galáxia. Saí agora e fiz questão de não abrir o guarda-chuva e a garoa na cabeça me deu um bom humor que só vendo (sic).*

4) S2 narrou sobre "Nostalgia/Infância", em postagem com 43 curtidas, de 20/07/2015, que acompanha status "sentindo-se muito feliz.":

*Hoje tive uma ótima noite. Revi meus ex-professores - confesso que amei falar para eles. Também tive a chance de revisitar os meninos que fui. Aqueles guris que andavam pelos corredores do Polivalente aqui de Vera Cruz (sic).*

5) S2 narrou sobre "Reflexões sobre a escrita", em postagem com 13 curtidas, de 04/09/2015:

*Quando escrevo é para esquecer que escrevo, inscrevendo-me em um mistério de solidão. Gosto dali. Boa noite! (sic).*

Desta forma, a partir das postagens destacadas nesta TE, observei que na postagem sobre "Desabafo/Crítica social", S1 inicia o relato narrando no presente, falando dos seus sentimentos, dizendo que sente medo. Em seguida continua a narrativa colocando seu desabafo, com forte carga crítica, sobre a sociedade atual.

S1 parece provocar seus interlocutores, quando faz perguntas ao longo do texto, como quando diz: “Querem voltar para a barbárie da Idade Média? É isso? Parabéns! [...]”, bem como quando diz: “[...] meus amores [...]”, “Vejam [...]”. O discurso do sujeito é para expressar sua revolta com um linchamento, o qual se refere e compartilha a notícia do jornal que a veiculou. O sujeito, por vezes, parece se referir diretamente àquelas pessoas que participaram do linchamento, ou aquelas que concordam com tal prática, e não a todos seus amigos do *Facebook* que têm acesso à postagem. Piccinin (2012) diz que a narrativa existe há muito tempo, desde quando o indivíduo conseguiu produzir algum sentido, alguma explicação à realidade que o cerca. Aqui, é possível afirmar que se trata de uma maneira de S1 falar da sua realidade, da realidade de seu país, da sociedade na qual faz parte. Assim, entendo que essa narrativa é, segundo Sodré (1988), a construção verbal que fala sobre o mundo, ou melhor dizendo, que apresenta um mundo. No caso, o mundo do sujeito analisado, que, inclusive, nesta postagem, percebi que, no momento da publicação do texto, o perturbava.

Observei que na postagem sobre “Devaneio”, S2 começa o seu relato narrando no presente, devaneando sobre si mesmo. Contudo, em meados da primeira frase, inicia uma narrativa direcionada a um interlocutor, pois diz: “[...] se está lendo isso, é porque não te exclui, ou ainda não [...]”. Posteriormente, na segunda e na terceira frase, S2 volta a falar de si na primeira pessoa. O que se pode perceber é que o S2 parece falar individualmente a cada um de seus amigos que lê o relato. Trata-se de uma simples narrativa, pois o sujeito fala explicitamente em seu nome.

Na postagem sobre “Identidade”, S1 já inicia o relato falando sua origem, seu estado natal, bem como remete à cidade, logo o estado, de atual residência. S1 fala de si como sendo uma espécie de híbrido das duas localidades, do sul e do sudeste. Descreve uma situação específica que retraria o motivo da afirmação primeira, de ser uma pessoa tanto gaúcha quanto paulistana. É uma narrativa em que fica evidente a referência à identidade. Narrar é a maneira que encontramos para nos constituirmos no mundo. Segundo Motta (2013, p. 18) os indivíduos constroem as suas biografias e identidades pessoais narrando. Gai (2009) diz que a narrativa também serve para que o sujeito interprete e conheça a si em uma atividade que



pode gerar autoconhecimento. Desta forma, os seres humanos, são o que narram. Aqui S1 parece estar afirmando a sua identidade por meio da autonarrativa.

Observei que da postagem sobre “Nostalgia/Infância”, S2 narra, mesmo falando em “hoje”, de situação passada, quando conta o que aconteceu antes de escrever o relato, no dia em questão. Na segunda frase, S2 narra um passado mais distante, possivelmente seu tempo de crianças e se refere a si mesmo como “meninos que fui”, “aqueles guris”. É explícito que o sujeito, aqui, fala de si como se fosse mais de uma pessoa, talvez esteja falando de suas várias *personas*<sup>27</sup>, ou claramente esteja fazendo uma referência autopoiética, tendo em vista que o sujeito tem ciência de que a vida é uma autoconstrução e que, pelo fato de termos a capacidade de construirmos a nós mesmos dia após dias, somos sempre outros “eu” ao longo de nossa caminhada. No sentido do que diz Freud (2010) de que o “eu” não existe desde o início nos indivíduos, mas sim o “eu” tem que ser desenvolvido pelos sujeitos. Conforme Motta (2013, p.18), cunhamos, a partir de questões do passado atreladas ao presente, e que remetem ao futuro, “representações de nós mesmos e nossas identidades individuais”, para o autor, “as narrativas criam o ontem, fazem o hoje acontecer e justificam a espera do amanhã”.

Já na postagem sobre “Reflexão sobre a escrita”, S2 fala da sua experiência na prática da escrita de maneira bastante profunda e reflexiva. A narrativa é paradoxal, pois o sujeito fala que escreve para esquecer que escreve. Ele também fala de solidão, porém, se refere a ela de forma positiva, pois frisa que gosta dali. Indiretamente ele afirma que gosta de estar consigo mesmo. Aqui é nítida a ideia de autoconstrução, quando Gai (2009, p. 139) se refere à ideia de que o conhecimento é relativo e diz que “a experiência é um conceito construído; é conformada a partir da explicação da experiência do observador implicado; este é um ser vivente, ou seja, é o ser que se observa a si mesmo sendo, o ser que se pensa a si mesmo no seu processo de viver, de existir”. Nesta autonarrativa, S2 reflete sobre si mesmo, sobre seu processo de escrita, logo, sobre sua vida.

Das cinco amostras apresentadas na TE “Reflexões”, entendi que as postagens trazem narrativas da vida íntima privada dos sujeitos, sendo que todas

---

<sup>27</sup> Segundo Jung (2008, p.43), “a palavra *persona* é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar”. Ou seja, *persona* quer dizer o papel (a máscara) que cada sujeito utiliza/interpreta perante os outros sujeitos. É a maneira na qual o indivíduo se apresenta ao mundo, conforme as circunstâncias à sua volta e o que quer mostrar.

elas também apontam para a autopoiese, pois são narrativas que se referem diretamente à existência dos próprios sujeitos. No caso do PR “Desabafo/Crítica Social”, o sujeito fala de seu mundo, da sua realidade e reflete sobre isso; no PR “Devaneio” o sujeito fala de suas angústias e da ação (autoconstrução, reorganização) que pretende fazer para melhorar, para sanar o que o perturba; no PR “Identidade”, o sujeito destaca sua construção indenitária e parece tentar fazer, inclusive, uma compreensão de si neste sentido; no PR “Nostalgia/Infância”, o sujeito parece fazer uma autoconstrução a partir da observação do seu passado, de seus “eu” que já foi; e no PR “Reflexões sobre a escrita”, o sujeito fala, de maneira bastante evidenciada, da construção de si mesmo por meio da prática da escrita.

#### **4.2.3 Do tratamento da TE – Estado de ânimo**

Já sobre a temática “Estado de ânimo”, como diz Piccinin (2012), a narrativa, ao fazer ecoar os pensamentos, resulta em uma espécie de catarse de cura, em um ponto de vista psicanalítico. Assim, falar sobre as dores, as mazelas, problemas de saúde, sobre saudade, solidão, tristeza, decepções, é uma forma de externar os sentimentos e de se curar por meio da “fala”, em uma maneira similar ao que acontece no divã do analista. A plataforma *Facebook* pode ser entendida como um grande lugar de fala e suposta escuta, neste sentido, como um divã virtual, contemporâneo.

Acredito que o maior número de incidências tenha sido observado na marca “Otimismo/Motivação”, seguida imediatamente pela marca “Humor/Ironia” porque, como diz Lipovetsky (2007), quando fala da espetacularização da felicidade na sociedade contemporânea, o hiperconsumidor, o sujeito, tem prazer em assistir a felicidade dos outros. Os sentimentos, conseqüentemente, neste caso, as autonarrativas positivas, de otimismo, de alegria, divertidas, causam mais empatia do que as referentes à negatividade, à maldade e à inveja. No que Lipovetsky (2007) chama de imperativo da felicidade, não há espaço para a infelicidade, pois não ser feliz é visto como uma fraqueza, um fracasso pessoal.

Além disso, os indivíduos temem menos a inveja dos outros com relação à sua felicidade ser explicitada, do que a possibilidade de fazer supor não serem felizes, ou, neste caso, de não serem observados como pessoas felizes. Os

indivíduos se dão “ao direito” de exibir suas alegrias. Os sujeitos têm prazer de falar de sua felicidade, inclusive, para construir a identidade. Assim, postam mensagens sobre si positivas no *Facebook* para que possam buscar aceitação, ou empatia das suas redes de contatos, de “amigos”.

Bem como, as postagens negativas, que também observei, apesar de serem em menor número, podem ter caráter curativo. Falar das mazelas e, talvez, por meio dos *feedbacks*, observar que os outros também têm problemas e aflições, proporciona o sentimento de que não se é o único a sofrer, de que a infelicidade é partilhada. Ou, também, falando do que aflige, o indivíduo pode buscar acalanto, uma “curtida amiga”, como analogia ao ombro amigo.

Algumas das autonarrativas, especialmente na TE “Estado de ânimo” parecem extrapolar o limiar entre o que seria público e o que seria privado, quando situações íntimas e ditas como “pessoais” são colocadas na rede. Quando essas situações são disponibilizadas ao grande público, à plateia.

Abaixo, trago exemplos de autonarrativas referentes ao tema “Estado de Ânimo” e suas respectivas tratativas:

1) S8 narrou sobre “Otimismo/Motivação” em postagem com 32 curtidas, de 03/07/2015, que acompanha três imagens, sendo duas fotos do usuário, uma delas *selfie*, e uma frase motivacional:

*... Depois de dois dias males, ressurjo das cinzas com força total!!! ... Uma sexta com muitos afazeres, e ânimo em alta... (sic).*

2) S1 narrou sobre “Humor/Ironia”, em postagem com sete curtidas, de 01/10/2015, em que o usuário coloca também o status de ação/sentimento “se sentindo doente” (aponto que essa postagem também se refere ao PR “Saúde”):

*Na encarnação passada eu enfiava ferro quente nos narizes das inimigas Só pode. Passei agosto sem voz e com nariz e garganta estragados e agora, estou novamente com o nariz ferrado a ponto de mimimizar no facebook (sic).*

3) S5 narrou sobre “Tristeza/Decepção”, em postagem com 27 curtidas, de 21/10/2015, que acompanha o status “se sentindo triste”:

*Por mais que eu faça, por mais que você erre e admita seus erros, por mais que você tente ser o melhor, nunca é (sic).*

4) S1 narrou sobre “Saúde”, em postagem com quatro curtidas, de 22/08/2015, em que há marcação de localização, o hospital, bem como o status “se sentindo doente”:

*Simplesmente não paro de tossir! Já to cansada. Pelo menos está passando Gotham na tv da recepção... (sic).*

5) S8 narrou sobre “Saudade”, em postagem com 48 curtidas, de 27/09/2015, em que publicou junto à narrativa uma foto em que aparece com o filho, na qual marcou uma pessoa na postagem (o filho) e adicionou o status “se sentindo agradecida”:

*... Hoje matei minha vontade e saudade de falar com meu gatão [nome do filho]!!! Muito feliz. (sic).*

6) S4 narrou sobre “Solidão”, em postagem com 24 curtidas, de 05/09/2015, que acompanha 17 fotos, sendo 10 *selfies*:

*Solidão é ruim... é sim... mas podemos aprender com ela! Onde estão nossos defeitos e nossas virtudes! Não há bem que dure para sempre sempre nem mal que nunca se acabe! (sic).*

Desta forma, a partir das postagens destacadas nesta TE, observei que na postagem sobre “Otimismo/Motivação”, S8 fala de um passado breve, de dois dias precedentes ao relato, em que parece ter estado mal (não fica claro se fisicamente, psicologicamente ou espiritualmente). Em seguida, S8 fala que ressurge das cinzas, ou seja, que se reconstruiu, e “com força total”. O sujeito termina o relato com uma frase positiva, frisando o “ânimo em alta”. Aqui fica evidente o poder curativo do sujeito para consigo mesmo, pois S8 deixa clara a relação de sua narrativa com o mito grego da ave fênix que, após a morte por combustão que provocara a si mesma, revive das próprias cinzas, num processo de morte e renascimento. Trata-se de uma referência autopoietica, pois fala da construção e reconstrução de si mesmo. Do caos à ordem e da ordem ao caos. A própria narrativa, aqui, é uma construção crescente: inicia com a informação negativa, passa pela parte curativa e finda com um posicionamento positivo.

Na postagem sobre “Solidão”, S4 fala de maneira melancólica, quando diz que a solidão é ruim, mas, ao mesmo tempo, tira uma lição construtiva do momento,

quando diz que “[...] podemos aprender com ela”, bem como tem uma narrativa otimista, quando finaliza dizendo que não há “[...] mal que nunca acabe”. A narrativa, neste caso, também é uma construção positiva, que inicia com a informação negativa, e termina com uma posição positiva.

Observei que na postagem sobre “Humor/Ironia”, S1 fala de um passado ficcional muito distante (de uma outra vida). O sujeito dá uma explicação, por meio de humor irônico, a uma situação de saúde que está passando e que, para ele, parece não ter explicação lógica. S1 “brinca” consigo mesmo ao falar de maneira “descontraída” de algo que, de fato, parece o incomodar. Por fim, S1 faz uma crítica a si mesmo, à sua narrativa, quando diz que chegou ao ponto de “mimimizar<sup>28</sup>”, ou seja, de reclamar/lamuriar no *Facebook*. Aqui há uma referência à plataforma estudada e ao fato de escrever sobre si, sobre seu problema no ambiente virtual em questão. S1 parece ter ciência de que está fazendo uma autonarrativa de lamentação no *Facebook* e caçoia disso. Essa postagem é uma referência autopoiética, mesmo se referindo a uma lógica simplificada de “causa e efeito”, como frisa Pellanda (2009). Aqui, apesar da colocação dualista, S1 tenta se entender e construir os significados sobre si a partir da autonarrativa de determinado episódio de sua vida.

Na postagem sobre “Tristeza/Decepção”, S5 inicia usando a primeira pessoa, em seguida, usa a terceira pessoa, porém, parece continuar falando de si mesmo. Uma indicação de que mesmo falando na terceira pessoa esteja se referindo a si mesmo é o fato da narrativa estar toda em uma única frase contínua. Outra indicação é a presença da marcação de status “se sentindo triste”, pois dá a entender que o sujeito está triste, pois não consegue “ser o melhor”. Acredito que S5 use a terceira pessoa por ser uma forma mais confortável de expressar sua reflexão profunda e íntima sobre a própria vida. Acredito que se trata de uma autonarrativa catártica, para colocar para fora algo do âmbito privado que perturba o sujeito. A plataforma *Facebook*, aqui, parece representar o papel de um divã de analista.

Já em “Saúde” há a indicação de tempo presente. Parece que S1 está narrando exatamente no momento em que a situação está acontecendo. Inclusive S1 ressalta o que está sendo transmitido na televisão naquele momento, talvez

---

<sup>28</sup> “Mimimi” é uma expressão usada, na forma de comunicação informal, para descrever ou para imitar uma pessoa que reclama. O termo “mimimi” tem conotação pejorativa e, muitas vezes, é usado para satirizar um indivíduo que leva a vida a reclamar (SIGNIFICADOS, 2016).

como instrumento para afirmação do real. Trata-se de uma narrativa em que o narrador é homodiegético na perspectiva *passando pela personagem*, isso porque o narrador relata o que acontece no momento em que acontece, o que dá a impressão de simultaneidade, e não de passado, de retrospectiva, conforme Reuter (2011). Acredito que aqui também há uma autonarrativa catártica, no sentido de compartilhar (desabafar), mesmo que em esfera pública, uma situação da esfera privada que incomoda S1. O *Facebook*, nesta postagem, parece também fazer o papel de canal de escuta.

Na postagem sobre “Saudade”, apesar de se tratar de um sentimento que pode ter conotação triste, de dor e ausência, nesta autonarrativa S8 se refere ao sentimento de uma forma positiva, pois afirma que “matou sua vontade e saudade de falar com o filho”. Na frase seguinte, S8 ainda acrescenta estar “muito feliz”. Além disso, há a marcação de status “se sentindo agradecida”. É sem dúvidas uma narrativa positiva. S8 parece querer publicizar sua felicidade, que, conforme Lipovetsky, (2007), inclusive, é paradoxal. Parece ter prazer em divulgar a felicidade de algo íntimo em uma plataforma pública.

Das seis amostras apresentadas na TE “Estado de ânimo”, entendi que as autonarrativas, especialmente no PR “Otimismo/Motivação”, que fala de autoconstrução, no PR “Solidão”, que trata da auto-organização do sujeito, e no PR “Humor/Ironia”, em que o sujeito busca a compreensão de si, há referência autopoietica evidente, pois os sujeitos, segundo diz Pellanda (2009), como seres vivos que são, têm a capacidade de se autoproduzirem. De qualquer forma, em todas as autonarrativas há referência autopoietica, pois o sujeito falar das suas frustrações, de tristezas e decepções, da sua saúde e do sentimento de saudade é uma organização do “eu”. Além disso, observei que nesta TE há referências à busca de promoção de si e de visibilidade, pois ser feliz é um valor.

#### **4.2.4 Do tratamento da TE – Cultura**

Na TE “Cultura”, no PR “Livros/Leituras/Filmes” os sujeitos falaram sobre suas experiências com leituras diversas, a partir de relatos de livros de literatura, revistas, bem como acerca de suas experiências com narrativas audiovisuais: como filmes, seriados, novelas televisivas, etc. Na marca “Viagens/Locais/Eventos”, observei a

incidência de narrativas com referências a viagens feitas pelos usuários, locais diversos que visitaram ou eventos que frequentaram e falaram sobre em suas autonarrativas. Por fim, no PR “Poéticos”, observei a incidência de narrativas que continham poesias. Não adentrei na questão de verificar se as poesias eram produções próprias dos sujeitos ou se eram citações de poetas, pois muitas delas não tinham indicação de autoria, mesmo estando entre aspas. Assim, apenas nomeei tais incidências de narrativas de si por meio de poesias, sejam autorais ou referenciais, como “Poéticos”.

A narrativa é encontrada em diversas roupagens. Segundo Gancho (2006) são muitas as formas possíveis para se narrar, podendo ser oralmente, por escrito, em prosa e em verso, logo, entendo que também acontece no gênero textual poema, que é subjetivo e tem como uma de suas características, provocar e despertar sensações.

Localizei as narrativas de si, por meio de poesias, de forma explícita, quando o sujeito fala diretamente de si, quando parece ser ele o autor do poema, e também de forma menos explícita, quando o sujeito, pela voz de outrem, do poeta, fala de si. De qualquer forma, este é um PR muito complexo de ser analisado, pois, mesmo o sujeito sendo o autor da narrativa de si em forma de poesia, ainda assim não se pode confundir o autor com o narrador. Não há como dizer que o sujeito esteja falando de si, ou que uma personagem esteja falando de si, no que Platão nomeou como diegese, ou, o mundo fictício, a realidade própria da narrativa. Não se pode saber se tais narrativas são o que o filósofo chamou de simples narrativa (que é o nosso foco no presente estudo), quando o poeta fala em seu nome, se são mimese, quando o poeta discursa como se se tratasse de outra pessoa ou ainda em uma modalidade mista. Desta forma, não aprofundei esta marca, pois cabe se debruçar, futuramente, especificamente e com profundidade no assunto.

Nos PsRs “Livros/Leituras/Filmes” e “Viagens/Locais/Eventos”, entendi que, assim como disse Motta (2013), nas biografias os indivíduos destacam aqueles acontecimentos que acreditam que estejam mais carregados de significado. Certo é que nem todas as atividades culturais realizadas são contadas pelos sujeitos no *Facebook*. São feitas escolhas. Algumas informações entram, outras não são publicadas. Assim, compreendo que ao narrar determinadas leituras, filmes, atividades, ou locais que frequentem, os sujeitos estejam destacando, em suas

autonarrativas, o que para eles tenha significado e que faça sentido compartilhar publicamente. Bem como, creio que informar “que tem tais práticas” seja uma maneira de afirmação da identidade, de quem o sujeito quer demonstrar ser, no sentido do que diz Martino (2010), de que é a partir do discurso escolhido para representar um “eu” diante dos outros. Aquele “eu” que se pensa ser, ou, aquele “eu” que se deseja ser.

Goffman (2003, p. 12) vai além e diz que um sujeito que apresenta a si mesmo e suas atividades a outros indivíduos “terá de agir de tal modo que, com ou sem intenção, expresse a si mesmo e os outros por sua vez terão de ser de algum modo impressionados por ele”, sendo que, para o autor, o sujeito pode desejar que pensem bem dele. Desta forma, demonstrar no *Facebook* as atividades que o indivíduo entenda interessantes, agregadoras, é uma forma de buscar ser bem visto, de que pensem bem a seu respeito, de serem/estarem incluídos.

Abaixo, trago exemplos de autonarrativas referentes à TE “Cultura” e suas respectivas tratativas:

1) S1 narrou sobre “Livros/Leituras/Filmes”, em postagem com oito curtidas, de 31/07/2015:

*Na Cultura do Conjunto Nacional os puffs do meio da loja são disputados a tapas. Entro e vejo um sobrando! Que alegria! Tenho que esperar o [nome de uma pessoa] e poderei sentar em um maravilhoso puff da Cultura! Glória! Me atiro no puff ouvindo Alelulia e só lembro de que não peguei nenhum livro pra ler nesse momento. Oq faço? Se levantar pra ir até uma prateleira adios puff. Vejo uma pilha de livros atirada na minha frente. Ahhh vai esse Dostoiévski mesmo. Vem cá meu russo e me faça cia até o japonês chegar. #cultura #books #dostoyevski #livros (sic).*

2) O S4 narrou sobre “Viagens/Locais/Eventos”, em postagem com 50 curtidas, de 17/07/2015, que acompanha sete fotos, sendo quatro do usuário e três de compras:

*Em Rivera apreciando a melhor cerveza uruguaia! (sic).*

3) O S9 narrou sobre “Poéticos”, em postagem com 21 curtidas, de 02/09/2015, que acompanha marcação de status “se sentindo de coração partido”:

*Quando meus amores partem/Sei que em breve voltarão/ Só não sei por que minha alma, o sabiá pede calma e asas pra o coração (sic).*



Observei que na postagem sobre “Livros/Leituras/Filmes”, S1 narra no passado, está contando uma situação que lhe aconteceu não se sabe exatamente quando, mas como o *Facebook* é uma ferramenta que instiga a falar do “agora”, possivelmente tenha acontecido pouco antes da postagem ser publicada. S9 cita que está/estava lendo um livro, porém fala apenas do lugar onde estava lendo, da situação que a fez ler o livro e frisa o nome do autor da obra. Contudo, em nenhum momento fala o nome do livro ou comenta algo sobre o conteúdo do mesmo, sobre o que trata, o enredo, etc. Inclusive S9 coloca *hashtag*<sup>29</sup> destacando as palavras “#book”, “#livros”, em referência à leitura, “#cultura”, possivelmente em referência ao nome da livraria em que estava e “#dostoyevski (sic)”, para salientar o nome do autor da obra. Não há *hashtag* com o nome do livro. A publicação foi postada no *Instagram*<sup>30</sup> também. Acredito que o fato de não ter referências ao livro, ou seu conteúdo possa ter acontecido em virtude de S9, apesar de escrever uma narrativa sobre “Livros/Leituras/Filmes”, tenha como foco a situação que a fez ler, em si, e não a obra em questão. O livro seria mais uma alegoria do que a essência do relato, significaria uma estratégia para a conquista de visibilidade, especialmente levando em conta o que Bruno (2004) fala sobre a maneira como os sujeitos se valem das novas tecnologias (aqui, no caso, da rede social) para construir a si mesmos e modularem suas identidades a partir do “olhar do outro”.

Em “Viagens/Locais/Eventos”, S4 fala sua localização, a cidade de Rivera no Uruguai, e o que estaria fazendo “[...] apreciando a melhor cerveza uruguaia”. É uma narrativa no presente que dá a entender que está acontecendo naquele exato momento, pelo texto em si e, especialmente, pela presença de verbo no gerúndio. Mesmo não tendo observado as fotografias no estudo, é interessante e relevante contextualizar, pois a narrativa acompanha sete fotos, sendo quatro delas idênticas, em que aparece o sujeito sentado em uma mesa bebendo cerveja e com sacolas de compras. Aqui, o fato de beber cerveja parece um pretexto para o sujeito falar da sua viagem, do passeio, do local que visitou e das compras que fez. Desta forma,

---

<sup>29</sup> Segundo Recuero (2014), uma *hashtag* é uma etiqueta de “contexto” da rede social Twitter que, de maneira específica, aponta um termo que não somente constrói contexto, como também igualmente permite que a postagem, no caso o *tweet*, possa ser buscado também pela etiqueta. A autora diz que, no geral, uma *hashtag* é representada pelo sinal “#”. Aqui friso que o uso de *hashtag* começou no Twitter, mas hoje está disseminada em outras redes sociais.

<sup>30</sup> O *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de fotografias.

neste PR há referência à questão da visibilidade, de geração de poder por meio da potencialidade das ações, de inscrição do sujeito no mundo midiático.

Na postagem “Poéticos”, S9 faz uma postagem de um poema que aparentemente parece ser de sua autoria, porém, não fica claro se S9 é a autora ou não. Um indício de que o poema poderia ser de outro autor é a presença de aspas, porém, não há indicação de um nome de poeta. Logo, o poema poderia ser de autoria da própria S9. Um indício para isso seria a ligação com a marcação de status “se sentindo de coração partido”. Contudo, mesmo assim, S9 poderia ter se apropriado da fala de um poeta em uma narrativa referencial para expressar o que sentia no momento da postagem. Neste PR entendo que o sujeito usou da narrativa de outro para falar de si, tomando aquela narrativa como se fosse sua, ou como se pactuasse com o que foi dito pelo poeta. Assim, mesmo que o poema não seja de S9 (o que, inclusive pode ser), parece que é dela.

Desta forma, especialmente nas narrativas que falam de “Livros/Leituras/Filmes” e “Viagens/Locais/Eventos”, notei que os sujeitos parecem usar de suas autonarrativas para compartilhar momentos de suas vidas (o que entendo ser uma referência autopoiética, de organização pessoal a partir das narrativas daquilo que tem significado para os sujeitos) e, também, alcançar visibilidade falando de situações que possivelmente entenderam relevantes, que os narratários, no caso os amigos do *Facebook*, pudessem pensar bem deles. Em um dos casos por ler um autor consagrado, no caso Dostoiévski, e no outro caso por estar fazendo um passeio interessante a outro país.

#### **4.2.5 Do tratamento da TE – Atividades laborais**

Em “Atividades Laborais”, no PR “Trabalho” os sujeitos falaram sobre o dia a dia nas atividades profissionais, sobre situações que aconteceram no ambiente de trabalho, sobre o fato de trabalhar em si, de gostar do que faz, bem como acerca de dificuldades encontradas, etc. No PR “Produção textual/autoral”, especialmente S2, postou textos diversos produzidos por ele, tanto digitados diretamente na linha do tempo do usuário, quanto por meio de imagens (*printscreens*) em que apareciam os textos. Na marca “Estudos”, os sujeitos narraram situações referentes ao próprio aprendizado, a estudos, tanto para graduação, quanto para concursos, entre outras

manifestações similares. Em “Esportes”, os sujeitos narraram práticas de atividades físicas, como idas à academia, metas cumpridas com relação a exercícios, jogos de futebol, etc.

Aqui notei que os sujeitos, ao falarem de suas vidas, do seu cotidiano, das atividades mais corriqueiras, faziam uma espécie de organização das próprias vidas. No sentido do que Santos (2013, p. 13) frisou, de que a narrativa em si é uma forma de “ordenamento da experiência humana”, sendo que é por meio da personagem que isso se acontece. A personagem, no caso, é o próprio sujeito que se narra. Ele é, sobretudo, o criador da própria narrativa e de sua existência em uma experiência metanarrativa.

Por meio das narrativas de si que falam de acontecimentos da vida, mesmo que de situações do dia a dia, muitas vezes tratadas apenas no âmbito privado e que agora são, também, destacadas na esfera pública, por meio de postagens em redes sociais, como o *Facebook*, os sujeitos podem estar ao mesmo tempo contando e estruturando suas próprias histórias. Conforme Santos (2013), é justamente por meio da narrativa que esse ordenamento da vida se dá.

Isso faz sentido com o que diz Piccinin (2009), de que a narrativa proporciona aos sujeitos a possibilidade de organizarem a experiência cotidiana bem como o conhecimento sobre o mundo de tal forma que a narrativa auxiliar a construir interpretações e sentidos gerados pelo exercício de narrar. Ou seja, para a autora, “narrar é organizar sistematicamente algo que já está lá. Trata-se, portanto, bem mais do que a ideia imediata de contar história, por ser, no limite, uma questão existencial” (PICCININ, 2009, p. 61).

Abaixo, trago exemplos de autonarrativas referentes à TE “Atividades laborais” e suas respectivas tratativas:

1) S4 narrou sobre “Trabalho”, em postagem com 48 curtidas, de 04/07/2015, que acompanha cinco fotos de provas:

*Eu amo ser professor...existem muitos bonos. Mas olhem o que será meu sábado e domingo. Chegou a hora da verdade, da colheita, de auferir os resultados de mais de 100 alunos da [nome de dois cursos de graduação]...que não sossegam no Whats App...que saudades da [nome de duas cidades pequenas, de interior], não tinha Whats, muito menos celular. Mas é bom força coragem [apelido do analisado]...vamo que vamo... que as 17:00 tem meu Chile contra Argentina. Chile 1x 0 Argentina, sonho meu! (sic).*

2) S3 narrou sobre “Estudos”, em postagem com 52 curtidas, de 07/07/2015, que acompanha foto de caderno, computador e um copo de café:

*E lá se vai mais um semestre finalizado com êxito! Mas eu analiso também de outra forma, reforcei meus laços de amizade e também fiz novas, cooperei mas também tive cooperação dos meus amigos de jornadas de estudos, também tive momentos de descontração e comemorações, pois a vida não é só feita de estudos, mas é essencial reforçarmos as redes de contatos tanto de amizades como profissionais. Valeu mesmo a todos vocês que fizeram valer a pena este meu semestre e no final tudo vai dar certo, e estamos cada vez mais pertos da realização de uma etapa, do começo de outra, cada um com seu objetivo particular, mas todos com seus sonhos em mente! Até o semestre que vem e aproveitem as férias pois passa voando (sic).*

3) S4 narrou sobre “Esportes”, em postagem com 23 curtidas, de 18/08/2015, que acompanha 11 fotos da academia, aparelhos, sendo quatro *selfies* do usuário:

*Hoje foi pra matar... a atividade física! 6,2 Km, 406 calorias e 62 minutos e 40 segundos... bom dia a todos! Média de 6Km/horas (sic).*

Observei que no PR “Trabalho”, S4 inicia sua narrativa dizendo que ama o que faz, o seu trabalho. Porém, logo em seguida, fala do ônus de tal profissão, que é corrigir muitas provas no final de semana. O sujeito reflete sobre como era sua atividade docente há tempos atrás, quando lecionava em duas cidades pequenas de interior, em uma época em que não existia a tecnologia que temos hoje. Ele dá a entender que os alunos de hoje o perturbam pelo aplicativo *Whatsapp*<sup>31</sup>, via aparelho celular. Contudo, finaliza a autonarrativa com uma frase de motivação a si próprio, quando diz “[...] Mas é bom força coragem [apelido do analisado]...vamo que vamo...” e completa com uma observação sobre futebol. S4, aqui, faz uma citação de si mesmo na terceira pessoa, neste caso, referindo-se a si mesmo meio do próprio apelido, como se falasse consigo mesmo, ou como se fosse uma *persona*.

Apesar do que Figueiredo (2010) frisa sobre um retorno de narrativas de estética realista, ou “neorrealista”, em que o narrador em primeira pessoa ocupa o lugar daquele dos romances, em terceira pessoa, justamente por ser o narrador em

<sup>31</sup> O *Whatsapp* é um aplicativo, um software, para telefones celulares, smartphones, largamente utilizado para trocar mensagens, tanto em formato de texto, quando imagens, vídeos e áudios via conexão de Internet, diferentemente do SMS, que é similar, mas utilizado via conexão por linha telefônica.

primeira pessoa mais verossímil, aqui observei que S4 se vale da terceira pessoa, inclusive para falar de si mesmo, mesmo sendo uma narrativa de testemunho, de real.

No PR “Estudos”, S3 fala do final do semestre letivo. Trata-se de uma autonarrativa reflexiva, em que o sujeito faz um “balanço” da sua jornada que findou. Ele frisa os estudos, “[...] mas também de outra forma”, ou seja, destaca as amizades, os laços reforçados, a descontração ao longo do semestre. Em certo ponto, S3 fala diretamente aos interlocutores, quando diz “Valeu mesmo a todos vocês que fizeram valer a pena este meu semestre [...]”, e prossegue falando a alguém (ou alguéms) com palavras de motivação “[...] no final tudo vai dar certo, e estamos cada vez mais pertos da realização de uma etapa, do começo de outra, cada um com seu objetivo particular, mas todos com seus sonhos em mente! Até o semestre que vem e aproveitem as férias pois passa voando”. Esta narrativa tem nítidos traços autopoiéticos, pois o sujeito se narra e se constrói, falando em começo, final e recomeço, em etapas do seu próprio caminhar junto aqueles que o cercam.

Em “Esportes”, S4 fala de um passado recente, talvez que tenha acabado de findar. O sujeito diz que na data em questão praticou atividades físicas “para matar”, ou seja, muito cansativas. Ele apresenta números que comprovariam a dificuldade mencionada. Além disso, publicou 11 fotos de si mesmo na academia, praticando exercícios, sendo que quatro delas são *selfies*. Por fim, o sujeito deseja “[...] bom dia a todos” e termina o relato destacando a velocidade média da sua caminhada/corrida. A narrativa é organizada em duas frases, sendo uma delas, a primeira, mais extensa, com a presença de reticências, como se o indivíduo estivesse falando, descansando (nas reticências) e falando novamente. É quase que uma imitação da tomada de fôlego quando da prática de exercício físico. Assim, juntamente com as fotos que “confirmam” o que o sujeito diz, a forma da narrativa traz traços de busca por verossimilhança. Aqui, entendo que a autonarrativa de S4 faz sentido com o que diz Lipovetsky (2004a) sobre a obsessão de si narcísica que se manifesta no contemporâneo, ou seja, há um trabalho de construção de si, de tomada de posse do próprio corpo e da própria vida.

Desta forma, acredito que as narrativas de si encontradas na TE “Atividades laborais”, como diz Maffesoli (1998), são uma retomada da valorização do cotidiano.

Nas autonarrativas também observei uma possibilidade de busca por visibilidade, quando o sujeito fala de si como profissional esforçado, como estudante dedicado e como esportista aplicado. Contudo, podem ser consideradas, sem dúvidas, como uma prática autopoietica, visto que, através das autonarrativas, os sujeitos possuem a competência para fazer a produção contínua de si mesmo, conforme Pogożelski (2010). Aqui, os sujeitos se contam, logo, se enxergam e se constroem no mundo. As narrativas do “eu”, neste caso, são pegadas do caminhar dos indivíduos na estrada que vai formando a vivência no mundo.

#### **4.2.6 Do tratamento da TE – Alimentação**

Na TE “Alimentação”, no PR “Comida/Bebida” os sujeitos falaram sobre alimentos que comeram em restaurantes, lanchonetes, ou acerca de pratos que prepararam em casa, como almoços e jantas, bem como falaram de frutas, lanches, guloseimas variadas e de bebidas, como cafés, refrigerantes, espumantes, cervejas, etc.

No trabalho, não analisei as fotografias que acompanhavam as autonarrativas (que foram um número grande nesta TE), apenas as narrativas escritas, neste caso, as que falavam de comida ou bebida e que tinham as marcas referentes ao “eu” elencadas para a análise. Contudo, é interessante frisar que, conforme Taylor, citada por Kingkade (2013), aqueles indivíduos que postam muitas fotos de refeições nas redes sociais podem não apenas ser irritantes aos demais usuários, como podem ter problemas de distúrbio alimentar. As pessoas tiram fotos de coisas que são importantes para elas, e para algumas pessoas, a comida em si torna-se central, ficando o resto, como o contexto por trás de tal refeição (como a ida ao restaurante, um evento), como algo secundário (TAYLOR, abut KINGKADE, 2013).

Apesar de oito dos nove usuários terem postado narrativas de si sobre o assunto “Comida/Bebida”, apenas S9 postou um número mais elevado de narrativas (44), superior à média dos usuários (14). Como diz Motta (2013) em nossas narrativas sobre nós mesmos salientamos aqueles acontecimentos que entendemos que são importantes. Se o indivíduo destaca muito o assunto “Comida/Bebida”, possivelmente seja porque para ele faça sentido falar sobre isso, e seja relevante, ou até mesmo possa ser um agregador na busca de visibilidade.

Piccinin (2009) diz que por meio da narrativa, as pessoas organizam a experiência cotidiana. Parece que, uma coisa tão corriqueira, e até íntima, privada, como se alimentar, está sendo, de certa forma, algo destacado pelos sujeitos analisados, pois, de todos os PsRs, a marca “Comida/Bebida” foi a segunda mais citada, com 116 incidências, ficando atrás apenas da marca “Família”, que teve 120 incidências.

Abaixo, trago três exemplos de autonarrativas referentes à TE “Alimentação” e suas respectivas tratativas:

1) S9 narrou sobre “Comida/Bebida” em postagem com 30 curtidas, de 30/07/2015, que acompanha o status “se sentindo inspirada”:

*Bora pra cozinha. Começando a usar carne de ovelha no cardápio semanal, já que nesse rancho é só assada nos domingos. Hoje paleta fatiada ao molho xadrez. Aiii será que vai ficar bom? Alguém especialista aí? (sic).*

2) S8 narrou sobre “Comida/Bebida”, em postagem com nenhuma curtida, de 04/07/2015, em que há indicação de status “assistindo Lucy”:

*...Comendo uvas e tomando vinho com maridão e caçula!!!.. Sofá com cobertor quentinho e filme em família... (sic).*

3) S4 narrou sobre “Comida/Bebida”, em postagem com 103 curtidas, de 10/07/2015, em que há sete fotos do prato e ingredientes que acompanham a postagem:

*Solidão gera criatividade! Vejam ai “Morangos na penumbra de chocolate preto, meio amargo”... Só [apelido do analisado], [profissão do analisado] mesmo. (sic).*

Observei que no PR “Comida/Bebida”, S9 narra no presente, mas projetando um futuro breve (tendo em vista a utilização do gerúndio), pois dá a entender que irá cozinhar. Ela frisa o cardápio diferenciado que irá preparar e, em seguida, na quarta frase da narrativa, instiga seus interlocutores questionando: “[...] Aiii será que vai ficar bom? Alguém especialista aí?”. Nota-se que o sujeito, aqui, fala aparentemente a todos os usuários que recebem suas mensagens na *timeline*. Não há o direcionamento a uma pessoa específica. Nesta autonarrativa, há a presença da marcação de status “se sentindo inspirada”. Acredito que se trata de uma narrativa

de situação comum, no caso, a preparação de refeição, porém, o inusitado é o tipo de prato a ser feito, o que, por ser algo não tão habitual, logo, pode trazer visibilidade à narrativa e ao sujeito.

Já S8 utiliza-se da narrativa frisando o que está comendo e bebendo, no presente, com seu marido e seu filho mais novo. Também fala onde estão os três naquele momento, no sofá com cobertor, tudo isso assistindo um filme, o que S8 narra no texto e frisa na marcação de status “assistindo Lucy”, o que remete ao nome do filme em questão. Aqui também observei uma narrativa de situação cotidiana, de momento íntimo familiar. Os alimentos mencionados, inclusive, parecem ser alegorias para ilustrar o que o sujeito deseja narrar, o fato de estar em um bom momento junto à sua família.

Ao contrário disso, S4 utiliza da narrativa de alimentos para falar de solidão. A comida, uma sobremesa com morangos e chocolates, serve de pano de fundo para o sujeito dizer que a solidão gerou nele criatividade para preparar um prato. Por fim, na última frase do relato, S4 fala que somente ele (aqui novamente fala de si na terceira pessoa, quando cita seu apelido), que tem determinada profissão, para fazer tal doce, que aparentemente parece ser elaborado.

Na TE “Alimentação”, em nenhuma das narrativas entendi que os sujeitos tivessem alguma relação com problemas de distúrbio alimentar. Até mesmo S9, pois o que aparenta ser é que o sujeito gosta de cozinhar, tem prazer nisso e usou de sua autonarrativa para interagir com os interlocutores e/ou buscar opinião, o que não deixa de ser uma estratégia de visibilidade. Também há a ideia do prazer, de uma sociedade hedonista, a quem tudo é permitido, em que as experiências gastronômicas adquirem novos sentidos. Sendo que acredito que os sujeitos, especialmente S8 e S4, se usaram dos alimentos como tática, ou enredo, para falar de outros assuntos, mais pessoais, íntimos, autopoieticos, como o afeto e a solidão. Além disso observei a questão do valor à micro-história (às narrativas mínimas do cotidiano) no lugar das grandes narrativas.

#### **4.2.7 Do tratamento da TE – Propaganda de si**

Sobre a TE “Propaganda de si”, no PR “Promoção/Visibilidade”, observei a emergência de relatos relacionados à divulgação de atividades profissionais, como



exposição de trabalhos feitos pelos sujeitos, textos publicados em jornais, artesanatos, etc. Na marca “Visual/Look”, observei postagens de narrativas de si referentes a vestimentas, como sapatos, roupas, óculos de sol, etc.; e, no PR “Compras”, observei relatos explícitos acerca de aquisições feitas pelos sujeitos, como compra de roupas, sapatos, produtos de beleza, como shampoos e cremes de cabelo, equipamentos eletrônicos, gêneros alimentícios (comidas e bebidas), entre outros.

Observei que esta TE talvez seja vista como a que mais tenha referência diretamente com a questão da “visibilidade” e do “narcisismo”, pois de todos os temas, é aquele em que os sujeitos fazem uma espécie de “propaganda”, ou “promoção” de si mais explícita, a partir do que fazem, no caso frisando o que produziram profissionalmente ou artisticamente, ou por meio do que possuem, através do que adquiriram ou do que vestem (que também é uma forma de mostrar poder de consumo).

Lipovetsky (2007, p. 194) destacou a publicidade contemporânea como uma ferramenta que remete ao “eu”, que remete à centralização em si mesmo. Além disso, para o autor, a publicidade acontece como “instrumento de legitimação e de exacerbação dos gozos individualistas”. E, no *Facebook* parece não ser diferente.

Aqui observei que, como diz Bruno (2004, p. 110), acerca da visibilidade, as novas tecnologias de fato fazem parte de uma transformação na maneira como “os indivíduos constituem a si mesmos e modulam sua identidade a partir da relação com o outro, mais especificamente com o ‘olhar’ do outro”.

Nesta TE, os sujeitos, em algumas vezes, postam narrativas de si falando de seus dotes e aquisições se referindo a uma plateia, já em outras vezes, os indivíduos narram como se o *Facebook* fosse um espelho, diferentemente de como falam com a plateia. Seja como for, o sujeito, mesmo postando como se fosse para um “espelho”, sabe que não está sozinho “no quarto de casa”, sabe que há vários olhos o observando.

Os dispositivos tecnológicos existentes no contemporâneo geram novas formas de exposição da vida, muitas vezes daquilo que é íntimo e privado e, como destacou Bruno (2004), o foco de visibilidade pode ocorrer sobre o indivíduo comum, o que não acontecia antes, e esse novo parâmetro é, segundo a autora, um aspecto decisivo na produção de subjetividades e identidades.

O *Facebook*, dá às pessoas o “poder” de compartilhar informações. Esse conceito de dar “poder” às pessoas em compartilhar informações faz bastante sentido quando se pensa na questão da visibilidade como uma estratégia de conquistar poder. Não somente em os sujeitos mostrarem o que têm ou o que fazem de bom, mas também na questão do capital social, que pode, inclusive, estar relacionado profundamente aos itens citados anteriormente. Recuero (2009) diz que, nas redes sociais da Internet há valores associados ao capital social que são criados e difundidos, como a autoridade, a popularidade e a influência. Esses valores estão presentes nas postagens da TE “Propaganda de si”, pois quando falam o que possuem, o que compram, o que produzem os sujeitos estão não apenas demonstrando sua autoridade acerca daquele assunto, como também podem granjear influência e popularidade a partir do que postam.

Outro aspecto observado foi a questão do “narcisismo”, pois, nos PsRs “Promoção/Visibilidade”, “Visual/Look” e “Compras”, mas mais diretamente em “Visual/Look” e “Compras”, os sujeitos, em alguns casos, deixam bastante explícitas características de “grande apreço por si próprias” (PRIMO, 2010, p. 161). Tais indivíduos pareciam buscar não somente a exibição de si mesmos, como o reconhecimento a partir do olhar do outro, no sentido do que diz Bleichmar (1987, p.30), sobre a “emergência de um produto valorizado por alguém e que através dele volta como estímulo ao sujeito que o cria”.

Abaixo, trago exemplos de autonarrativas referentes à TE “Propaganda de si” e suas respectivas tratativas:

1) S3 narrou sobre “Promoção/Visibilidade”, em postagem com 65 curtidas, de 22/08/2015, sendo que há uma pessoa marcada na publicação e há seis fotos do trabalho realizado pelo sujeito, sendo que em quatro delas o sujeito aparece:

*É sempre um prazer imenso atender um evento onde você é bem recebido, e estar na cia de pessoas que convive no dia a dia. Só agradeço pela oportunidade novamente de poder mostrar nosso atendimento, e para nós também é um prazer poder prestigiar esses momentos de comemorações. Em [nome do local e do evento]. (sic).*

2) S1 narrou sobre “Visual/Look”, em postagem com 24 curtidas, de 20/07/2015, sendo que acompanha foto do sapato:

*Alpargatas de São Sepé compõe o #lookdodia de [nome do pesquisado] nessa segunda-feira (compradas em agropecuária, vale dizer) #blogueirademoda #fashion #shoes (sic).*

3) S4 narrou sobre “Compras”, em postagem com 33 curtidas, de 28/07/2015, sendo que acompanha cinco fotos: três do creme e duas do sujeito:

*Olha só já com meu creme Moroccanoil, direto de Syracuse, New York graças a querida [nome de uma mulher]...obrigado [nome de tal mulher] agora já posso reparar meus grisalhos brancos hair! (sic).*

Observei que no PR “Promoção/Visibilidade”, S3 inicia o relato falando na terceira pessoa. Já na segunda frase ele começa a falar em primeira pessoa do singular e posteriormente do plural, pois, possivelmente fala em nome de uma equipe de trabalho. S3 usa a autonarrativa para falar de um trabalho que efetuou e aproveita para fazer promoção às suas atividades. O sujeito utiliza da narrativa para conquista de visibilidade.

No PR “Visual/Look”, S1 fala explicitamente do seu visual do dia, da segunda-feira. Destaca os calçados que está vestindo e frisa onde foram comprados, em local relativamente inusitado, especialmente para pessoas que vivem em cidades grandes e outros estados que não o Rio Grande do Sul. É interessante destacar que o sujeito fala de si na terceira pessoa e utiliza *hashtags* para afirmar o que está dizendo “#lookdodia”, “#blogueirademoda” “#fashion” “#shoes”. A publicação foi postada no *Instagram* também. A conquista de visibilidade em tal postagem seria em virtude do inusitado, do diferente. A narrativa também pode ser entendida como uma maneira de narcisismo, pois, mostrar uma vestimenta à plateia é uma busca por aceitação talvez superior à aceitação do espelho de vidro, talvez seja uma forma de retorno a partir do olhar do outro. A afirmação da narrativa pode se dar, também, por meio da foto postada juntamente com o texto, que mostra a alpargata, somente (não aparece roupas e/ou acessórios).

Em “Compras”, S4 fala de um creme de cabelos, vindo “direto de Syracuse, New York”, trazido por uma pessoa, que inclusive está marcada na postagem (possivelmente amiga do sujeito), e que servirá para “reparar meus grisalhos brancos hair”. Mesmo não tendo focado as fotografias, é importante destacar que a afirmação da narrativa pode se dar, também, através de cinco fotos postadas acompanhando o texto, sendo três delas mostrando o creme em si e duas delas

mostrando o próprio S4, talvez essas últimas fotos para demonstrar que ele, de fato, tem cabelos brancos (ele fala isso de forma positiva, orgulhosa e vaidosa). Aqui, entendo que a busca de visibilidade se dá em virtude do diferente, pelo fato de o creme ser importado, ter vindo de longe trazido especialmente para ele. A narrativa também pode ser compreendida como uma forma de narcisismo, pois há a exacerbação acerca do “eu” tanto na escrita quando no fato de o sujeito postar, dentre as cinco fotografias, duas de sua própria figura não só mostrando os cabelos grisalhos, mas a si mesmo, a sua beleza. Talvez S4 queira conquistar influência e popularidade a partir do que postou, contudo, acredito que ele, mais do que isso, utilize a narrativa como uma ferramenta de legitimação e de exacerbação de gozo individual, bem como do que diz Mehdizadeh (2010, p. 358), citando Oltmanns, Emery e Taylor (2006), “de grandiosidade, necessidade de admiração e um sentimento exagerado de auto-importância”.

Na TE “Propaganda de si”, além das questões abordadas, especialmente no que se refere à visibilidade, não posso deixar de observar que há, também, referência autopoiética. Isso se deve porque o sujeito, ao falar de seu trabalho, do prazer em realizar determinada atividade, da construção de quem se é, da identidade, a partir da vestimenta e, ainda, da aceitação e apreciação de si da maneira que está posta (em uma alusão aos cabelos brancos), é uma forma de o sujeito se autoproduzir por meio da autonarrativa.

#### **4.2.8 Do tratamento da TE – Diversos**

Por fim, na TE “Diversos”, no PR “Clima/Tempo”, observei o relato de situações climáticas, como dias chuvosos, frio, calor, dias ensolarados, bem como neblina, entre outros. Já na marca “Dinheiro”, observei a incidências de referências à situação financeira dos sujeitos. Todos os casos relatavam situação financeira ruim ou piadas referentes à falta de dinheiro. Nenhuma das autonarrativas se referia à boa situação financeira, Por esse motivo, não coloquei tal PR incluído na TE “Propaganda de si”. O PR “Transporte/Locomoção” continha relatos sobre situações de trajetos ou viagens de ônibus, taxi ou trem/metro, sendo o foco das postagens situações geralmente negativas à condução citada.

Abaixo, trago exemplos de autonarrativas referentes à TE “Diversos” e suas respectivas tratativas:

1) S1 narrou sobre “Clima”, em postagem com nove curtidas, de 15/07/2015:

*“Não é justo fazer verão no inverno!” Ouvi agora e concordo plenamente. Devolvam o frio gostoso que estava fazendo! (sic).*

2) S7 narrou sobre “Dinheiro”, em postagem com nove curtidas, de 15/07/2015:

*Como é triste você gostar de alguém e aquele alguém não gostar de você, ou pior, fugir de você... [Sobrenome, Nome do sujeito]. Sobre seu dinheiro. (sic).*

3) S7 narrou sobre “Transporte/Locomoção”, em postagem com 16 curtidas, de 31/00/2015, sendo que há a marcação de uma pessoa na postagem:

*Hoje bati o recorde, quase 1h30 esperando o busao...hahaha Se não fosse a [nome de uma mulher] me dar uma carona, eu acho que ainda estaria lá esperando! Obrigado [apelido de tal mulher citada]!!! (sic).*

Observei que no PR “Clima”, S1 reclama, em forma de brincadeira, aparentemente, do calor que está fazendo em pleno inverno. Ela diz que ouviu uma frase “agora”, possivelmente pouco antes de ter postado o relato, e repete a mesma. Trata-se de uma narrativa de situação cotidiana, de desabafo ou crítica acerca do clima.

Também observei tom de brincadeira, ou humor, quando S7 fala, no PR “Dinheiro”, já no início do relato, narrando em terceira pessoa, fazendo pensar que esteja falando de algo referente ao amor, a relacionamento, porém, finaliza a frase citando seu sobrenome seguido de seu nome (como nas citações de referências nos trabalhos acadêmicos), sendo que a última frase diz “[...] Sobre seu dinheiro”. Trata-se de uma forma de desabafo em que S7 frisa não ter dinheiro. Talvez por se tratar de uma informação negativa (a falta de dinheiro), que conforme diz Lipovetsky (2007), “a publicidade não funciona como uma alavanca dos sentimentos malévolos”, o humor, neste caso, sirva como amenizador para a mensagem, trazendo uma aura de simpatia.

Sobre o PR “Transporte/Locomoção”, S7 narra situação de um passado recente, quando ficou por bastante tempo esperando o ônibus. O sujeito usa a postagem para agradecer uma pessoa, que ele, inclusive, marcou na mensagem,

por lhe ter dado uma carona. Aqui observei uma autonarrativa de situação extremamente cotidiana, como a questão do deslocamento urbano. Porém, pelo fato de ter dito que bateu um “recorde”, remete a algo inusitado, uma situação que possivelmente o sujeito tenha entendido como pertinente para ser contada a seus interlocutores. Além disso, a postagem parece ter como um dos objetivos o agradecimento público a quem o auxiliou.

Desta forma, na TE “Diversos”, observei que também há referência autopoiética, pois falar sobre questões (mesmo que, talvez vistas como triviais) como a situação financeira desfavorável, a mudança de clima que perturba, o transporte público que atrasa, bem como dos pontos positivos, como a humor usado para falar de algo difícil e a interação e agradecimento a outro indivíduo, tudo isso é uma maneira de os sujeitos se colocarem no mundo. Tratam-se de narrativa no que se refere a auto-organização dos sujeitos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações acerca das narrativas de si produzidas pelos nove sujeitos voluntários, após um longo percurso teórico-metodológico, cheguei a algumas considerações no presente estudo. Contudo, afirmativas fechadas não são possíveis, pois foram tratados aspectos subjetivos, sempre em construção. Os relatos do “eu” dos sujeitos voluntários são seleções, ou seja, tratei apenas as autonarrativas de tais indivíduos por uma fatia de tempo. Não são todas as narrativas da vida dos sujeitos, logo, não retratam as narrativas por completo, ou, o que eles são por inteiro. Trata-se de um extrato.

A vida, assim como as narrativas, portanto, é autopoietica, ou seja, ambas nunca estão acabadas enquanto acontecem. O ser humano não tem uma identidade inata, pois leva uma vida toda construindo aquilo que acaba sendo, estando, o sujeito, completo de fato, somente no momento em que não estiver mais vivo. Assim, fica claro que o que foi tratado no estudo é uma amostragem exploratória, feita com um grupo de indivíduos, em um pequeno recorte de tempo e a partir de seleções específicas. Mostra o que os sujeitos foram no período de tempo observado, nas postagens salvas, e, sobretudo, sempre a partir do olhar da pesquisadora, do meu ponto de vista. E, é sabido, cada indivíduo enxerga as coisas a partir dos olhos que tem.

Desta forma, entendo, primeiramente, que, de fato, não se vive isolado, sozinho. Todos os sujeitos observados tinham um número considerável de contatos, de relações, ou, por que não, de amigos no *Facebook*. A plataforma não os isola das outras pessoas, ao contrário, é um instrumento de aproximação e pode ser vista como uma ferramenta potente na busca por visibilidade. Essa visibilidade, quando alcançada, pode trazer novos contatos para a rede de relacionamentos, como pode fortalecer os laços já existentes entre os atores sociais/nós.

Enxergo que a rede seja uma maneira de expansão dos relacionamentos, pois, pelos relatos dos sujeitos, notei que os mesmos têm uma vida original fora do *Facebook*. Não é por acaso que a TE mais recorrente foi a “Relacionamentos”, em que os sujeitos falaram sobre suas famílias, seus animais de estimação, seus parceiros/amores e sobre seus amigos. Todas essas figuras são “reais”, tão reais que muitas vezes apareciam não somente nos textos, mas em fotografias. Mesmo o massivo número de relações parece ser, antes de virtual, presencial (muitas das

relações pareciam ser anteriores ao uso do *Facebook*), a plataforma faz entender que os relacionamentos se mantenham “próximos”, especialmente para aqueles que vivem geograficamente distantes.

Observei que a maioria das narrativas encontradas estavam postas no presente, sendo que em muitas havia o uso do gerúndio. O que dava a impressão de simultaneidade, de ser algo que estava praticamente acontecendo naquele momento. Assim, as autonarrativas tratadas na presente pesquisa, em grande parte da amostragem, eram o que Reuter (2011) chamou de homodiegética na perspectiva “passando pela personagem”, quando os narradores contaram o que acontecia no momento em que aconteciam. Contudo, também observei narrativas na perspectiva “passando pelo narrador”, quando os narradores contaram seus relatos, suas próprias vidas retrospectivamente, especialmente na TE “Reflexões”, no PR “Nostalgia/Infância”.

A maioria das autonarrativas eram o que Platão chamou de “simples narrativa”, ou diegesis, pois os sujeitos falaram em seus próprios nomes. Entretanto, foram observadas algumas, apesar de poucas, narrativas no que talvez se encaixaria na perspectiva de “imitação”, ou mimese, visto que um dos sujeitos, na postagem sobre “Vida Amorosa”, trouxe um discurso, por vezes, como se se tratasse de outra pessoa, por exemplo.

Da mesma forma, observei que em algumas postagens, os sujeitos, especialmente S1, S4 e S7, de maneira bastante interessante, citaram, em suas autonarrativas, a si mesmos na terceira pessoa. S4, inclusive, além de se referir a si mesmo pelo nome próprio, usou por diversas vezes apelidos variados para se nomear. Os sujeitos pareciam que falavam como se fossem um narrador onisciente, sendo que eles próprios, neste caso, eram personagens, mesmo que da própria narrativa de si. É como se existissem duas *personas* em uma; a que narra e a que é narrada, o narrador e a personagem, sendo que, pelo contexto, elas se fundiam.

Considereei que, de fato, a narrativa, neste caso especificamente a narrativa de si feita por meio da plataforma *Facebook*, é uma maneira de os sujeitos ordenarem suas vidas, tornado esse ordenamento palavra pública. Através das postagens, contando os acontecimentos dos quais fizeram parte, as situações envolvendo as pessoas de quem gostam, falando de suas indignações, de seus sentimentos, da vida, de uma maneira ampla, os indivíduos estão falando e



montando, para si mesmos, quem são neste mundo, ao mesmo tempo em que vão buscando visibilidade. A linha do tempo do *Facebook* serve como uma espécie de caderneta de anotações acerca do “eu”. É um retrato da vida dos sujeitos e, mais do que isso, muitas vezes pode ser a projeção do “eu” ideal, daquilo que gostariam de ser ou daquilo que almejariam aparentar ser, assim como aquele “eu” real, que sofre, que vive o bom e o ruim da vida.

As narrativas de si no *Facebook*, a partir das emergências tratadas, especialmente nas TsEs “Estado de ânimo” e “Reflexões” me fazem acreditar que, além de organizar a vida, as autonarrativas ao fazer evocar os pensamentos, podem ter caráter catártico, pois falando de seus problemas, compartilhando esse sentimento, colocando para fora, o sujeito, assim como talvez fosse fazer em um divã de analista, consegue, de certa forma, purgar seus sentimentos. Falando/compartilhando o que incomoda, sobre situações profundas e reflexivas, os indivíduos podem até mesmo buscar uma forma de “cura” para suas aflições. Neste sentido, acredito que o *Facebook* é, além de uma grande ferramenta de fala, um canal de escuta, convertendo-se em uma espécie de divã contemporâneo. Em analogia aos ouvidos, acredito estarem aí os interlocutores, os contatos, aqueles que colocam atenção à narrativa dos sujeitos que falam de si nas autonarrativas, curtindo e/ou compartilhando as postagens. Da mesma forma, os ouvidos podem ser a própria figura do *Facebook*, quando os sujeitos parecem dialogar com a plataforma, como quando parecem interagir, mantendo uma relação de proximidade e cumplicidade com a ferramenta, como se a mesma até mesmo fosse uma pessoa, um grande amigo confidente, ou, então, uma espécie de espelho para falar consigo mesmo.

Contudo, mesmo enxergando o *Facebook* como divã, os sujeitos, por vezes parecem ignorar que esse divã virtual não é o ouvido atento, treinado e profissional do analista, ele é muitos ouvidos, olhos e bocas. O divã moderno é a plateia virtual. Assim, usando da plataforma como um instrumento aberto às falas privadas, íntimas, o indivíduo, mesmo no sentido de que esteja buscando a terapia de falar de si mesmo, está, também, se expondo, trazendo ao público aquilo que tem de pessoal e íntimo.

Talvez algumas pessoas se deem conta disso e queiram mesmo uma plateia, no intuito de buscar visibilidade, de serem vistas, lembradas e, até mesmo, aceitas

em um grupo, amadas, querendo oferecer subsídios para a construção, pelos outros, de uma imagem idealizada de si. Observei que em muitas postagens, não somente naquelas encontradas na TE “Propaganda de si”, os sujeitos deixavam traços de que almejavam visibilidade. Falar sobre o quão é bom e o quanto gosta do seu trabalho (em PR “Trabalho”), o quão boa é a comida que come, o vinho que bebe, ou o prato que faz (em PR “Comida/Bebida”), o quão interessante e erudito é ler determinado livro, assistir tal filme (em PR “Livros/Leituras/Filmes”), fazer uma bela viagem (em “Viagens/Locais/Eventos”), mostrar-se amado pela família, companheiro(a) e amigos (em “TE “Relacionamentos”), apresentar-se contente, feliz (em “Otimismo/Motivação”), tudo isso pode ser uma maneira de granjear visibilidade e, como consequência maior, aceitação.

Por esse viés, entendo que, quando os sujeitos narram quem são, por meio dos diversos PsRs elencados, narram quem são contando suas histórias (ou biografias) por meio de um discurso seletivo e organizado para representar um “eu” diante dos outros. Assim, com ou sem intenção, os sujeitos podem estar expressando a si mesmos para que os outros tenham de ser, de alguma forma, impressionados por eles e que, além disso, pensem bem deles.

Entretanto, talvez, em um momento de solidão, a partilha da palavra, da narrativa de si na rede social web seja mais importante do que a exposição gratuita. Até mesmo porque, caso os sujeitos desejassem falar apenas a alguns, ou apenas à plataforma (sem os olhos alheios), poderiam restringir a mensagem a si mesmos, na opção dada nas ferramentas do *Facebook*, ou a um grupo mais seletivo de amigos virtuais. Nos casos observados, todas as publicações foram abertas (públicas) ou destinadas a todos os amigos, o que é também uma forma de tornar pública (obviamente mais restrita do que quando aberta), tendo em vista que todos os sujeitos tinham bastante contatos em suas contas do *Facebook*.

De qualquer forma, observei que, por princípio, as postagens sobre infelicidades foram menos frequentes, ficando evidente o conceito do imperativo da felicidade, de Lipovetsky (2007). Nem todos postaram suas mazelas, assim como nem todos tiveram apenas postagens felizes. Todos os sujeitos apresentaram vários momentos e tiveram autonarrativas na maior parte das TsEs propostas. Assim, o *Facebook* foi uma ferramenta muito importante para que se pudesse entendê-lo como um instrumento autopoiético. Trata-se, portanto, “nada mais” do que uma

reprodução da vida. Talvez essas pessoas, os sujeitos, ao vivo e a cores, sejam parecidos com a *persona* da qual narram no *Facebook*, mas talvez não sejam. Fato é que, em um cenário em que muitas são as vozes e poucos os ouvidos, o *Facebook*, quem sabe, seja, sobretudo, uma ferramenta de escuta e de atenção.

No contemporâneo, há um olhar para si mesmo muito presente, ansioso por atenção, que necessita de *feedback* constante e que é, muitas vezes, até mesmo narcísico, o que demanda uma plateia. E a plateia é o coletivo, ainda que no imaginário. De uma forma ou de outra, os sujeitos vivem as conexões intensamente e, muitas vezes, precisam do olhar aprovador do outro (seja pelos *likes*<sup>32</sup>, pelos comentários, ou pela simples visualização da postagem – isso, inclusive, cabe ser pesquisado futuramente em um aspecto mais específico), para que este, no caso do *Facebook*, autentique as postagens. Não se vive, definitivamente, isolado.

Desembarco deste trabalho de longa navegação bastante mudada. Foi um período que proporcionou mudanças no âmbito físico e psíquico (como seria diferente, se somos um todo?). Se eu já era um sujeito “perturbado” no início da caminhada dissertativa, saio dessa experiência ainda mais afetada, no melhor sentido da palavra. Levam-se junto na bagagem as vivências. A vida, realmente, é incompleta, pois vai se organizando a partir dos pedacinhos autoproduzidos pelo caminho. Infelizmente, ou felizmente, jamais serei como antes da dissertação. O meu “eu” não é mais o “eu” anterior, assim como não será o “eu” futuro. Essa foi uma experiência que mudou muito a minha forma de ver o *Facebook*, de ver as pessoas, e a mim mesma. Esse trabalho de conclusão de mestrado foi um instrumento autopoietico, sobretudo, para a pesquisadora.

Finalizo, então, essa caminhada com uma passagem do livro *Sidarta*, que exemplifica o sentimento após o término da jornada:

[...] o próprio mundo, o ser que nos rodeia e existe no nosso íntimo, não é nunca unilateral. Nenhuma criatura humana, nenhuma ação é inteiramente *Sansara* nem inteiramente *Nirvana*. Homem algum é totalmente santo ou totalmente pecador. Uma vez que facilmente nos equivocamos, temos a impressão de que o tempo seja algo real. Não, Govinda, o tempo não é real, como verifiquei em minhas ocasiões. E se o tempo não é real, não passa tampouco de ilusão aquele lapso que nos parece estender-se entre o mundo e a eternidade, entre o tormento e a bem-aventurança, entre o Bem e o Mal. (HESSE, 1977, p.114).

---

<sup>32</sup> São as curtidas. É o posicionamento afirmativo de quem visualizou a postagem feita.

Assim, concluo que o *Facebook* não é ruim ou bom. Deixo de lado, decididamente, as polaridades. Ele é uma ferramenta que pode contribuir aos sujeitos no que se refere às formas de se desenharem, de se entenderem, de se construírem no mundo. É um caderno de anotações da grande viagem autopoietica que é a vida de cada um de nós.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. 5. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. 711 p., vol. 1.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 353p.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco: Poética / Aristóteles*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 1. ed. Porto Alegre: Novo Século, 2001. 214 p.
- BANCO MUNDIAL. *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2015: Dividendos Digitais*. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/Publications/WDR/WDR%202015/Overview-Portuguese.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2016.
- BANDEIRA, Manuel. *Bandeira de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2009. 168p.
- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 285 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 119 p
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 110 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272 p.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 133 p.
- BRASIL, André. Formas de vida na imagem: da indeterminação à inconstância. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, v. 17, n.2, 2010.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 24, p. 110-124, jul. 2004.

CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

CUNHA, Marcus Vinícius da. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

DEBATIN, Bernhard; LOVEJOY, Jennette P.; HORN, Ann-Kathrin; HUGHES, Brittany N. Facebook and Online Privacy: Attitudes, Behaviors, and Unintended Consequences. *Journal of Computer-mediated Communication - JCMC*, vol. 15, n. 1, p. 83-108, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 380 p.

ECHEVERRÍA, Rafael. *Ontología del Lenguaje*. Santiago: J.C. Saéz, 2005. 245p.

FACEBOOK. Site. Disponível em: <<http://www.facebook.com.br>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

FERRATER MORA, José. *Diccionario de filosofía*. 1. ed., rev., aumt. e act. Barcelona: Ariel, 1994.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. *Narrativas Migrantes: Literatura, roteiro e cinema*. Rio de Janeiro: PUC-Rio e 7Letras, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. São Paulo: Sulina, 2011. 239 p.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Obras Completas, vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2013, 176 p.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del yo – Y otros textos afines*. Tradução de Mercedes Allendesalazar. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990. 150p.

G1. Site. Apresenta notícias gerais do Brasil e do mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2016/01/acoes-do-facebook-disparam-apos-forte-crescimento-dos-lucros.html>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

GAI, Eunice Terezinha Pizza. Narrativas e conhecimento. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* - v. 5 - n. 2 - p. 137-144 - jul./dez. 2009.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. 79 p.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 255-247.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. 233 p.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 233 p.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 325p.

HESSE, Hermann. *Sidarta*. Tradução: Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977. 121 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014*. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 176 p.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. 303 p.

KINGKADE, Tyler. *Instagramming Your Food May Signal Bigger Problem, Researcher Says*. The Huffington Post, 2013. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2013/05/07/instagramming-food-problem-foodstagramming\\_n\\_3230129.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/05/07/instagramming-food-problem-foodstagramming_n_3230129.html)>. Acesso em: 11 jan. 2016.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

- LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul-Endymion, 1994. 441 p.
- LIMA, Mariana Batista de; DE GRANDE, Paula Bacarat. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In: ROJO, R. (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013, p.37-58.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. Narciso na armadilha da pós-modernidade? In: *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004a, p 19-22.
- LIPOVETSKY, Gilles. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. In: \_\_\_\_\_, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. 1. ed. São Paulo: Barcarolla, 2004b, p. 49-104.
- LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004. 131 p.
- MACHADO, Antonio. *Poesías completas*. 21. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1995. 474 p.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 232 p.
- MAFFESOLI, Michel. O retorno das emoções sociais. In: SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado. *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 27-37.
- MAFFESOLI, Michel. *Maffesoli e a pós-modernidade*. Porto Alegre, Jornal Correio do Povo, 21 mai. 2013. Entrevista à Juremir Machado da Silva. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=4107>>. Acesso em: 14 mai. 2015.
- MARTINO, Luís M. Sá. *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus, 2010, 220 p.
- MATURANA, Humberto R. *Transformación em la convivencia*. Santiago: Dolmen Ediciones, 1999. 285p.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento - As Bases Biológicas do Conhecimento Humano*. Campinas: Ed. Psy, 1995.
- MEHDIZADEH, Soraya. Self-Presentation 2.0: Narcissism and Self-Esteem on Facebook. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, Toronto, vol. 13, n. 4, p. 357-364. 2010
- MORAES, Alexandre Lara de. *Indivíduo e resistência: sobre a anulação da individualidade e a possibilidade de resistência do indivíduo em Adorno e*



Horkheimer. Dissertação (Mestrado), 2004. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: FRIED SCHNITMAN, Dora (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45 -55.

MOTA, Célia Ladeira. A narrativa semiótica da imagem. In: \_\_\_\_\_; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (Orgs). *Narrativas midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012. p. 197 – 215.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Ed. da UnB, 2013. 254 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas? In: MOTA, Célia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra. *Narrativas Midiáticas*. São Paulo: Insular, 2012. 269p.

MURRAY, Janet Horowitz. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003. 282 p.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. *O Espírito de Narciso nas Águas do Facebook. As Redes Sociais como Extensões do Ego e da Sociabilidade Contemporânea*. Trabalho apresentado no gp cibercultura, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação. 2012. Disponível em: <[www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0953-1.pdf](http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0953-1.pdf)>. Acesso em fevereiro de 2015.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. 303 p.

PELLANDA, Nize. *Maturana & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 110 p.

PICCININ, Fabiana Quatrin. O narrador benjaminiano na mídia contemporânea: notas sobre o documentário “Nós que aqui estamos por vós esperamos”. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 22, p. 60-68, dez., 2009.

PICCININ, Fabiana Quatrin. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p. 68-88.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). *Narrativas Comunicacionais Complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012. 293 p.

PLATÃO. *Diálogos*. 4. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998. p. 118.

POGOZELSKI, Rita de Cássia de Oliveira. *Ressignificação do sujeito: um olhar autopoietico disparado pelas narrativas*. 2010. Dissertação (Mestrado) -

Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010 Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/RitaPogozelski.pdf>>. Acesso em: abril de 2015.

PRIMO, Alex. De narcisismo, celebridades, celetoides e subcelebridades: o caso Tessália e sua personagem Twittess. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo. vol.7. n. 20. p.159-189. nov.2010.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E- Compós*. Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede. *Revista Contemporânea | Comunicação e Cultura*, v.10, n.03. p. 618-64. set.-dez. 2012.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Uma análise sistêmica da interação mediada por computador. *Revista Informática na Educação: Teoria e Prática*. Porto Alegre. vol. 3, n. 1, p. 73 -84. set. 2000.

QUINTANA, Mário. *Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 2009, 168p.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. *Revista Fronteiras (Online)*: vol 16, p.1, 2014.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

RECUERO, Raquel. *Mídia X Rede Social*. Site da autora. Disponível em:[http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia\\_x\\_rede\\_social.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia_x_rede_social.html). Acesso em: 28 jan. 2016.

RENAUT, Alain; REIS, Maria João. *A era do indivíduo: contributo para uma história da subjectividade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1989. 281 p.

RENAUT, Alain. *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004. 112 p.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. 187 p.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994. 327 p.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: Rojo, Roxane (org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010. 137 p.

SANTAELLA, Lúcia. *A sociedade digital e a agonia de Eros*. Disponível em: <<https://sociotramas.wordpress.com/tag/byong-chul-han>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SANTI, Alexandre de. *O Lado Negro do Facebook*. Super Interessante. São Paulo: Editora Abril, n. 348, p. 29-39, jun. 2015.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas das Letras*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989, p. 38-52.

SANTOS, Kássia Nobre. *Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem. "A vida que ninguém vê", de Eliane Brum*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/KassiaSantos.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

SARDÁ, Thais de Oliveira. *A gestão de identidade dos sujeitos nos sites de redes sociais Facebook e LinkedIn*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117425/000967849.pdf?sequence=1>>. Acesso em Acesso em: 15 jun. 2015.

SERRA, Joaquim Paulo. *A internet e o mito da visibilidade universal*. Universidade da Beira Interior. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-internet-mito-visibilidade-universal.pdf>>. Acesso em Acesso em: 12 dez. 2015.

SIBILIA, Paula. *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.325 p.

SIGNIFICADOS. Dicionário online de significados. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/mimimi/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

SILVA, Juremir Machado da. O fim das palavras e as palavras do fim: neomodernidade, pós-modernidade ou hipermodernidade? In: SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado da. *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 19-24.

SCHÜLER, Donaldo. Pós-modernidade: ruptura ou continuidade? In: SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado da. *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 41-46.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Unb, 1998. p.109-117.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 268 p.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. 79 p.

SODRÉ, Muniz. *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 147 p.

STUMPFT, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 380 p.

TASCHNER, Gisela B. A pós-modernidade e a sociologia. *Revista USP*, São Paulo, n.42, p. 6-19, junho/agosto 1999.

TEJERA, Marta Helena Dornelles. *A Esfera Privada na Pós-modernidade: uma análise a partir de práticas na internet*. Dissertação (Mestrado), 2006. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: [[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=449](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=449)] Acesso em: 15 abr. 2015.

VARELA, Francisco. *Ética y Acción*. Santiago: Editorial Dolmen, 1996.

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. 207 p.

VATTIMO, Gianni. Adeus à verdade. In: SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado da. *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 71-89.

VERONESE, Marília Veríssimo; LACERDA, Luiz Felipe Barboz. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Tourain. *Revista Soc. e cult. Goiânia*, v. 14, n. 2, p. 419-426, jul./dez. 2011.

VIOLANTE, Maria Lúcia Vieira. Identidade e marginalidade. In: BASSIT, Ana Zahira; CIAMPA, Antônio da Costa; COSTA, Márcia Regina da. (Orgs.). *Identidade: teoria e pesquisa*. São Paulo: EDUC, 1985.

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamo-lo (a) a participar, como voluntário (a), de pesquisa referente a um trabalho de conclusão de curso (dissertação de mestrado). A seguir, esclarecemos sobre a pesquisa e, no caso de seu aceite para fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma destinada à pesquisadora e outra a você.

#### **Título da pesquisa: O “EU” NO CONTEMPORÂNEO: NARRATIVAS DE SI NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

A presente pesquisa refere-se ao trabalho de conclusão de curso (dissertação) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul intitulado *O “eu” no contemporâneo: narrativas de si na rede social Facebook*.

Sobre o estudo:

I - Da rede social Facebook emergem particulares tipos de narrativas, especialmente as de si, visto que toda a plataforma é baseada na figura do indivíduo. Assim, o objetivo da presente pesquisa é compreender quais são essas narrativas do “eu”, ou “autonarrativas”, qual a relação das mesmas com o Contemporâneo, qual a relação com a questão da visibilidade e com a estruturação existencial do indivíduo.

II - O presente estudo será de procedimento quantitativo e qualitativo, sendo que será formulado a partir de um *corpus* particular (10 usuários do Facebook presentes na lista de amigos da pesquisadora), inferiremos uma análise de um contexto mais amplo.

a) **Documentação indireta:** Revisaremos a literatura existente sobre o assunto a ser dissertado. Assim, a primeira técnica metodológica utilizada é a pesquisa bibliográfica, por meio de livros, artigos, periódicos (revistas, boletins, jornais), sites da Internet, entre outros.

b) **Documentação direta:** Utilizaremos a metodologia de pesquisa empírica. Para isso, será definido com cuidado, a partir de critérios estabelecidos, o que e quem será observado, o que chamamos de amostra, ou *corpus* da pesquisa. Para se chegar a esse *corpus* em questão, será feita uma seleção no que se refere à *timeline* da pesquisadora (já fizemos uma pré-seleção a partir da pesquisa exploratória):

- 1) Os usuários que com mais frequência postam mensagens de texto e imagens;
- 2) Os usuários que postam mensagens de texto e imagens referindo-se ao “eu”, com narrativas de si mesmo;
- 3) Os usuários que se autonarram usando os temas relativos à dimensão privada.

Assim, chegaremos aos 10 *cases*, fazendo o refinamento dos usuários que postam com mais frequência mensagens de texto e imagens referindo-se ao “eu”, com narrativas de si mesmo, como estratégia de visibilidade, na *timeline* da pesquisadora.

No estudo de caso, será feita a coleta dos dados (*printscreen* dos textos/mensagens encontradas na *timeline* dos *cases* voluntários elencados no período de 01/01/2015 a 31/12/2015, podendo os dados coletados serem anteriores ou posteriores à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Em um segundo momento, será feita a devida tabulação e a análise do material encontrado.

Posteriormente será realizado um cruzamento da pesquisa empírica com a teórica e, por fim, realizaremos a análise final do trabalho, relacionando os dois procedimentos metodológicos de documentação direta e indireta.

III - Na presente pesquisa não haverá riscos para os usuários analisados (voluntários) na amostragem, tendo em vista que serão preservadas as identidades dos sujeitos. Os dados que possam identificar os usuários serão subtraídos ou ofuscados. Não será feita abordagem direta, pessoalmente aos usuários. Serão analisadas apenas as mensagens/posts expostas na *timeline* (página pessoal) dos voluntários e/ou da pesquisadora.

IV - Os benefícios da pesquisa serão no sentido de contribuir para um melhor entendimento das redes sociais web, no caso o Facebook, e sua participação/importância na constituição dos sujeitos pelo processo autopoiético.

V - O projeto será patrocinado pela própria pesquisadora.

Desta forma, após a leitura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, visto que fui informado (a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que estou sendo submetido (a), dos riscos e benefícios.

Fui, também, informado (a):

- da garantia de que não serei identificado (a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa, bem como para posteriores publicações científicas;
- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, durante a realização do presente estudo;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- de que não terei nenhum tipo de gasto/custo, pois os mesmos serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

A Pesquisadora Responsável por este Projeto de Pesquisa é Ana Claudia de Almeida Pfaffenseller (telefone: 51 8132-2919), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Fabiana Quatrin Piccinin (telefone: 51 8458-8945).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o (a) voluntário (a) da pesquisa, ou seu representante legal, e outra com a pesquisadora responsável. O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 51 3717 7680.

Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome, RG e assinatura do (a) voluntário  
(a) da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome, RG e assinatura do responsável  
pela obtenção do presente consentimento

## ANEXO B – Tabulação das emergências

TABULAÇÃO DAS EMERGÊNCIAS - PADRÕES DE REPETIÇÕES (PsRs)										
	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	TOTAL
Amigos	0	8	6	2	0	7	8	6	8	45
Clima/Tempo	8	0	1	2	3	13	9	9	10	55
Comida/Bebida	20	1	1	17	0	2	19	12	44	116
Compras	5	0	1	6	0	0	1	0	2	15
Desabafo/Crítica Social	22	24	0	2	6	15	14	12	6	101
Devaneio	13	25	6	3	6	4	9	8	6	80
Dinheiro	0	0	0	0	4	5	4	0	0	13
Esportes	1	0	5	12	3	0	1	1	0	23
Estudos	0	0	3	0	0	19	2	0	0	24
Família	8	14	15	6	1	5	7	29	35	120
Humor/Ironia	21	0	0	0	6	23	20	4	3	77
Identidade	9	1	0	0	2	3	12	5	5	37
Livros/Leituras/Filmes	16	18	1	2	6	20	6	20	3	92
Nostalgia/Infância	0	12	4	0	2	6	5	2	2	33
Otimismo/Motivação	0	0	0	15	7	28	17	23	10	100
Pets/Animais	13	14	1	1	0	19	0	4	28	80
Poéticos	0	18	0	0	0	0	4	4	8	34
Produção textual/autoral	0	42	0	0	1	0	0	0	0	43
Promoção/Visibilidade	0	38	9	0	2	12	7	0	0	68
Reflexões sobre a escrita	0	25	0	0	0	0	0	0	0	25
Saudade	1	0	0	0	0	1	3	3	3	11
Saúde	9	0	0	1	6	1	3	5	2	27
Solidão	0	1	0	3	0	0	0	0	0	4
Trabalho	6	13	11	14	9	0	28	2	0	83
Transporte/Locomoção	5	0	0	0	1	0	3	0	0	9
Tristeza/Decepção	0	0	0	12	11	5	5	6	4	43
Viagens/Locais/Eventos	4	0	3	11	1	4	13	13	13	62
Vida Amorosa	9	3	0	6	1	11	5	8	10	53
Visual/Look	8	0	2	3	0	3	3	0	1	20
<b>Total de referências aos PsRs</b>	<b>178</b>	<b>257</b>	<b>69</b>	<b>118</b>	<b>78</b>	<b>206</b>	<b>208</b>	<b>176</b>	<b>203</b>	<b>1493</b>
<b>Total de postagens salvas</b>	<b>146</b>	<b>159</b>	<b>51</b>	<b>92</b>	<b>66</b>	<b>180</b>	<b>156</b>	<b>127</b>	<b>135</b>	<b>1112</b>

### ANEXO C – Tabulação das informações extras

TABULAÇÃO DAS INFORMAÇÕES EXTRAS										
	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	TOTAL
Citação de si em terceira pessoa	3	0	3	8	3	0	1	0	4	22
Imagens/fotos	60	61	49	85	32	110	105	106	84	692
Indicação de link	19	9	3	23	7	79	37	78	11	266
Indicação de localização	10	0	5	3	7	4	12	2	2	45
Interlocução/diálogo com o <i>Facebook</i>	0	0	0	0	5	0	1	0	0	6
Marcação de outras pessoas	28	26	21	11	3	15	46	22	37	209
Selfies	13	7	30	50	17	35	38	17	15	222
Status	12	1	1	0	5	17	14	24	28	102
<b>Total de postagens salvas</b>	<b>146</b>	<b>159</b>	<b>51</b>	<b>92</b>	<b>66</b>	<b>180</b>	<b>156</b>	<b>127</b>	<b>135</b>	<b>1112</b>



**P524e****Pfaffenseller, Ana Claudia de Almeida**

O “eu” no contemporâneo: narrativas de si na rede social Facebook / Ana Claudia de Almeida Pfaffenseller. – 2016.

119 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabiana Quatrin Piccinin.

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nize Maria Campos Pellanda

1. Narrativas. 2. Narrativa digital. 3. Narrativas pessoais. 4. Redes sociais online. 5. Facebook. I. Piccinin, Fabiana Quatrin. II. Pellanda, Nize Maria. III. Título.

**CDD: 808.3**

Bibliotecária responsável Ana Paula Benetti Machado - CRB 10/1641